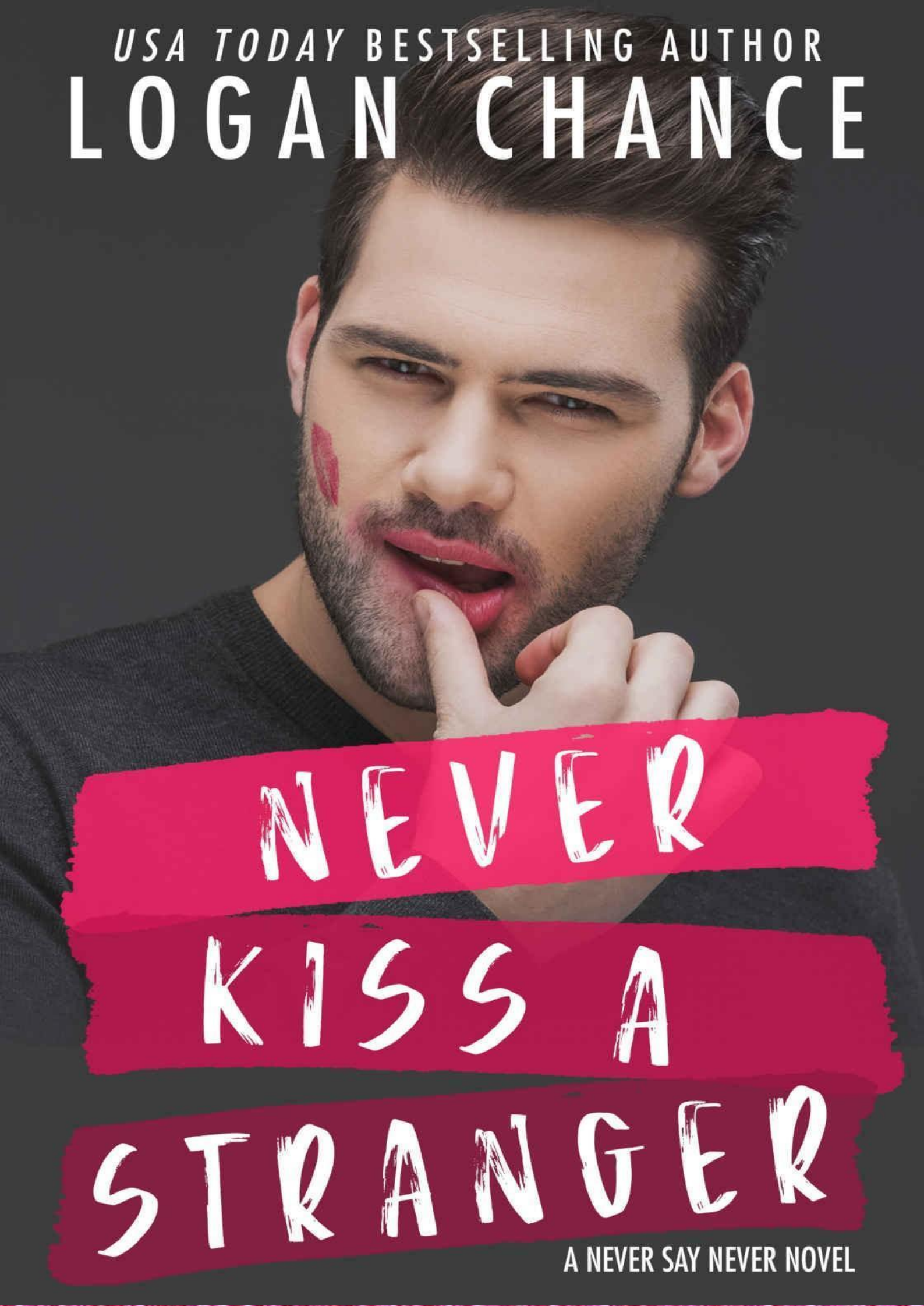

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
LOGAN CHANCE
NEVER
KISS A
STRANGER
A NEVER SAY NEVER NOVEL


GIRL
POWER

Kiki

Ellis Atwood é o diabo. Ok, talvez isso seja muito duro. Ellis Atwood está arruinando minha vida.

Primeiro, ele destrói uma treliça de casamento perfeitamente boa.

Segundo, destrói um lindo casamento para cachorros que passei anos planejando. (Não estou brincando com você.)

Terceiro, ele me faz sentir quente e confusa, e isso não é bom. Eu prefiro o jeito frio e duro do meu noivo, faz me sentir muito melhor. (Espere isso não saiu bem.)

Quarto, e há um quarto, ele me deixa toda enrolada e perturbada. E por último, quando inesperadamente me beijou, isso me fez esquecer meu próprio nome, ou o fato que eu vou me casar...

Em um mês. Por favor, alguém me ajude. Estou uma bagunça. A pior parte é que Ellis não é o cara mau que eu pensava que era.

E ser forçada a passar tempo com Ellis Atwood está me fazendo perceber que ele precisa mais do que tudo da minha ajuda. Então, o que uma garota como eu deve fazer?

Ellis

Estou na cidade apenas o tempo suficiente para descobrir um plano com meu irmão sobre como salvar nossa cervejaria do horror do meu pai. Ah, e estar em um casamento. Onde eu possa ou não estar esmagando um pouco demais a noiva. (Alerta de spoiler, estou esmagando com força). Ela é muito bonita. Sério.

E ela tem o trabalho mais fofo, é planejadora de casamentos de cachorros. (Eu não estou brincando.) Posso ver por que Henry a ama.

Eu posso ver por que todo mundo a ama. Posso ver por que estou me apaixonando por ela.

Normalmente não sou um cara do tipo relacionamento. Posso ser exigente ou não, mas geralmente fico entediado facilmente. Então, meu plano é simples. Passar tanto tempo com Kiki (que em breve será Faniki, eu sei) e espero ficar entediado com seu sorriso adorável e pernas longas e sexys. Então, eu posso salvar a cervejaria, ser o padrinho do casamento e levar minha bunda de volta para Chicago e longe do casal feliz.

Capítulo Um

Kiki

NUNCA CONFIE EM UMA CABRA...

VOCÊ JÁ TEVE UMA CABRA andando por todo o seu traseiro? Estou falando sério aqui. Como devo ficar em um estado zen praticando yoga quando uma cabrinha bebê anda com seus cascos por todo o meu corpo?

Eu nunca tinha ouvido falar de yoga com cabras até alguns dias atrás, quando minha melhor amiga, Lola, nos contou sobre isso. Ela é uma blogueira fitness e estes exercícios incomuns são o seu trabalho para encontrar e testar. Poppi e eu somos as únicas pessoas que ela procura para que possa documentar a diversão.

— É tudo por uma vida saudável, — disse ela quando entramos hoje no estúdio de yoga semelhante a um celeiro.

Essa afirmação é sempre um mau presságio. Como na época em que andamos na água. Não, não como Jesus. Esse exercício envolveu a inserção em uma bola de hamster do tamanho de um ser humano e rolou a beira mar até a água. Aparentemente, se você fizer certo, é ótimo para os abdominais. Se você fizer errado, como eu, prepare-se para ser resgatada antes de se afastar.

Depois, houve o desastre do Thug Workout, que acontecia ao ar livre com coisas como mesas de piquenique e postes telefônicos como equipamento de treino. Eu não estava feliz com as lascas na minha mão.

Os seguidores de Lola adoram ler sobre essas coisas. Não há nada de errado em querer ser aventureiro enquanto se exercita, mas há uma linha tênue entre aventura e pura bobagem.

E talvez seja isso.

Não estou reclamando, porque nunca participei de uma aula de yoga em que não me beneficiou muito, mas simplesmente não entendo me dobrar na forma de um pretzel e depois pensar: — Você sabe o que isso também precisa? De cabras. Muitas cabrinhas pulando em cima de nós.

— Yoga com cabras. Goga? — *"Goga on"* Título super criativo, eu sei. De nada.

— Tenho certeza de que esta cabra chegou à terceira base, — sussurrei para Lola, tentando manter minha pose de yoga sob controle.

— Foco, — Lola sussurra de volta, estendendo os braços para frente no tapete azul. — Sinta a serenidade.

Solto um suspiro, enquanto uma língua de lixa lambe meu calcanhar e tento relaxar. Supõe-se que seja um espaço sereno. Música calma. Paredes salientes. Até a professora de yoga é o epítome da tranquilidade. O nome dela é Flower, não brinco, e ela tem o cabelo roxo preso em um coque bagunçado no topo da cabeça. Outros iogues ficariam com ciúmes.

— Feche os olhos e trabalhe com os movimentos, — sussurra Flower na frente da classe. — Agora, passe para a pose de cachorro descendente e não perca sua cabra. — Flower olha de soslaio para Poppi cuja cabra fugiu há muito tempo e agora está mordiscando um vaso de plantas no lado oposto da sala.

— Eu não acho que a minha gosta de mim, — diz Poppi, colocando uma mecha de cabelo ruivo atrás da orelha. — E quer saber, não tenho certeza se me importo.

Minha cabra anda na minha frente, e eu encaro seu rosto angular enquanto seus grandes olhos castanhos olham para mim. — Por favor, fique comigo, rapazinho, — eu sussurro enquanto movo meu corpo para uma posição de cachorro voltada para baixo. Ele pula nas minhas costas e sobe para equilibrar perfeitamente na minha bunda. Só vou ignorar a implicação de que minha bunda é grande o suficiente para ele fazer isso e saborear o fato de que isso não foi desastroso.

— Agora passe para a pose de caranguejo, — instrui Flower. — Mantenha sua cabra firme. — O suor escorre pela minha testa

enquanto olho para a professora que desliza para a pose com facilidade, sua cabra parecendo que está surfando a onda perfeita.

— Você vai pegar sua cabra? — Eu pergunto a Poppi.

— Nah, ela parece muito feliz por lá. Eu acho que ele se divorciou de mim. — Ela concentra sua atenção em mim, nem mesmo tentando fazer mais yoga. — Falando nisso, como está o noivo?

Tento o meu melhor para manter meu iogue interior em paz. — Ele é perfeito.

Essa é a palavra que minha mãe continua usando em seus textos implacáveis. Ela me colocou em algum tipo de competição subliminar com minha prima Marsha.

— Marsha ficou noiva. Quando você vai ficar noiva?

— Marsha acabou de se tornar vice-presidente de assuntos internacionais da empresa. Como está indo a preparação do cachorro?

Marsha. Marsha. Marsha. Meu nome deveria ter sido Jan.

Ainda não acredito que vou me casar. Eu. Kiki Kingsley em breve será... ugh. — Apenas um nome, — eu respiro, mantendo minha pose e cabra estável. — Kiki Faniki. Isso rima.

— Kiki Faniki, a primeira mulher em Marte, — diz Lola. — Veja, soa mais prestigiado quando você o coloca fazendo algo importante.

— Mas, eu nunca vou a Marte, — sussurro de volta. Tenho certeza de que Marsha o fará, e mamãe certamente sugeriria que eu deveria ter sido uma astronauta em vez de abrir um SPA para cães.

— Nunca se sabe, — diz ela, sempre otimista. — Não use o sobrenome dele, — sugere Poppi.

Balanço a cabeça. — Não, minha mãe teria um ataque cardíaco. — Fecho os olhos, tentando encontrar o meu centro de gravidade enquanto a cabrinha que chamei de Peter faz o possível para permanecer, mas falha. Ele é meio fofo com sua barba preta triangular. Ele quase... Não, eu empurro o pensamento para longe. Não posso nem pensar isto. Mas enquanto ele me estuda com seus grandes olhos castanho, não consigo deixar de pensar... — Oh meu Deus, minha cabra se parece com Henry, — deixo escapar para meus amigos.

Lola ri. — É só porque você está apaixonada. Você o vê em todos os lugares que olha.

— Seja uma rocha para a sua cabra, — diz Flower, curvando-se como Gumby em outra pose impossível.

Enquanto imitamos os movimentos de Flower, olho para o anel com o qual Henry me propôs. Tudo aconteceu tão rápido.

Ele me disse que nunca havia conhecido alguém como eu antes, e que sabia que era repentino, mas não aguentava viver outro dia sem que fosse sua esposa.

Ele disse: — *Nós não nos conhecemos tão bem, mas não é essa a aventura? Conhecer alguém à medida que envelhecemos juntos? Não é disso que os sonhos são feitos?* — Ninguém nunca havia dito algo assim para mim antes. Quase desmaiei de febre (é uma condição real, procurei) quando ele colocou o anel com corte de princesa de dois quilates no meu dedo e me contou seu plano de cinco anos.

Ele disse: *'Casamento. Bum. Crianças. Bum. Tudo vai se encaixar com a mulher perfeita ao meu lado. Então, eu vou fazer parceria. Bum. '* Eu. A mulher perfeita.

Fomos para casa naquela noite e fizemos amor apaixonadamente. Bem, foi o que deveria ter acontecido, mas Henry havia bebido champanhe um pouco demais e desmaiou antes de qualquer penetração. Mas ainda era uma noite perfeita.

— Esta cabra está apaixonada pelo meu peito esquerdo, — diz Lola, trazendo-me de volta à realidade. Abro os olhos e tento não rir enquanto Lola tenta manter uma pose de caranguejo firme enquanto sua cabra bebê rói sua blusa. Isso é muito mais ação do que estou tendo de Henry. Disse que os homens de sua empresa respeitavam os valores, então devemos esperar até que nos casemos. Mas tudo bem. Eu meio que gosto da ideia de não ter sexo até o casamento. É antiquado e romântico. Lola concorda que é muito romântico. Poppi, por outro lado, disse que achava que talvez Henry fosse gay.

Ele é não gay.

Ele já esteve em todas as minhas bases, muitas vezes. Ele simplesmente não entrou em casa ainda.

— Ele acha que você é sua mãe, — diz Poppi, com um sorriso.

E então é como se tudo piorasse. A cabra errante de Poppi tenta montar Flower, e é seriamente como se as cabras tivessem enlouquecido por aqui.

— Ok, acho que precisamos nos reagrupar, — diz Flower.

Paro de posar e Peter passeia perto da minha mão. E então o inimaginável acontece, ele praticamente tenta comer meus dedos e quando eu liberto minha mão, meu anel de noivado fica para trás.

Peter engole. — Não, — eu grito. — Minha cabra comeu meu anel.

Não acredito que isso está acontecendo. O pânico ocorre pelos próximos cinco minutos, enquanto Flower checa dentro de sua boca sem sucesso. Acho que não é preciso dizer que não vamos ficar pelo resto da aula, mas antes de partirmos, o dono das cabras garante que nós temos que esperar alguns dias antes que eu possa recuperar meu anel. Sim, você adivinhou. Tenho de esperar que uma cabra cague o meu anel de noivado. Espero que isto não seja um presságio de como meu casamento vai ser.

— Bem, acho que podemos tirar a yoga das cabras da lista, — digo a Lola quando saímos do estúdio.

Com simpáticos olhos azuis, Lola afrouxa o coque em cima da cabeça e o cabelo loiro cai em ondas. — Sinto muito pelo seu anel.

— Vai ficar tudo bem, — eu asseguro a ela e a mim mesma. — Isto deve passar também. — Literalmente. — Eu tenho que fazer algumas tarefas para o casamento da Geórgia amanhã. Vou mantê-la informado sobre Peter.

Nós nos despedimos e antes que eu me afaste, meu telefone vibra com uma mensagem da mamãe.

— Marsha e sua tia Carol vão almoçar amanhã. Você pode fazer isso? Elas adorariam ver seu lindo anel.

— Desculpe — digito de volta, poupando-lhe os detalhes do meu anel desaparecido. ***— Eu tenho um casamento de cachorro amanhã.***

— Casamento de cachorro? Você não está mais cuidando do Dog Spawn?

Para constar, eu não sou apenas uma cuidadora de cães. Poppi e eu abrimos o SPA, e ele atende a cães e seus humanos também.

— Casamentos é uma nova adição — respondo. E muito genial, se me permitem dizer. Fazia sentido dar a todos esses amantes de cães algo que ninguém mais pode "casamentos de cachorros". Eu já os

mimo no meu SPA para cachorros, então por que não dar um passo adiante? Parece loucura, mas há uma demanda. Pode ser um pouco fora de moda, mas quem sou eu para julgar? Acabei de fazer yoga de cabra.

— ***Falando em casamentos. Marsha está com pavões perambulando.*** — Ela envia uma foto de um pavão elegante ao lado de uma tenda branca. — ***Você deveria procurar cisnes? Talvez pinguins?***

Ela envia uma rápida sucessão de fotos para reforçar sua sugestão. — ***Nenhum mãe.***

O casamento já está traçado na minha cabeça. Todas as meninas fantasiam sobre o casamento dos seus sonhos desde que eram jovens, e eu não sou exceção a essa regra. Eu quero que seja na praia. (Você não pode ser da Flórida e não querer um casamento na praia.) O santuário das tartarugas próximas à praia de Júpiter, para ser exato. Há um túnel que leva do estacionamento até a areia e, sim, quero sair do túnel como uma princesa andando pelo corredor.

Balanço minha cabeça com a competitividade dela e vou a Ferragem do Dave para pegar a treliça para o casamento de amanhã.

Essa coisa tem sido um pesadelo para adquirir. Quem diria que um pedaço de madeira envolto em rosa branca seria tão difícil de encontrar?

A ferragem do Dave está quase vazia quando entro na loja. Enquanto espero o vendedor recuperar a treliça pelas costas, pego meu telefone, verificando minha lista de tarefas para garantir que tudo esteja resolvido para o evento.

Flores? OK.

Oficiante? OK.

Cadeiras para o casamento? Dupla verificação.

Tudo está completo. Eu sou natural nisso.

— ***Ei, Kinky*** — um texto recebido de Henry diz. Eu me encolho um pouco. Nós vamos ter que discutir esse apelido que ele está usando para mim. Por alguma razão, não estou sentindo essa peça em meu nome. Agora, sinto que terei que fazer jus a isso, quando finalmente fizermos sexo, e eu não sou tão excêntrica. — ***Eu estava pensando...*** — ele continua. — ***Você sabe, a primavera é minha estação favorita.*** — Na verdade, eu não sabia disso. Como ele pode não gostar mais do outono? — ***Vamos fazer o casamento no Carrossel.***

Eu suspiro. O *Carrossel* é um hotel chique e muito longe do santuário das tartarugas.

— ***Oi*** — eu respondo. — ***Bem, isso parece adorável, mas estava pensando na praia.***

Adiciono um rosto sorridente para suavizar o golpe.

Minha sugestão de praia é varrida por uma avalanche de razões como o tsunami: *o Carrossel é a melhor escolha*. Henry diz que quer se casar em breve, como abril, e um casamento na praia pode acabar na chuva.

Sua lógica não esmaga minha decepção.

Ele dá o golpe da morte. — ***Areia não é uma experiência tátil agradável para mim. Eu simplesmente não posso ir à praia.***

Lembra quando disse que planejava meu casamento desde que era criança? Bem, às vezes essas ideias são fantasias infantis. Às vezes, como adulto, você precisa fazer concessões. E realmente, não é grande coisa se não entendo o que passei minha vida toda sonhando.

Eu acho.

Não, está bem. Já que ele está escolhendo o local, Henry diz que vai deixar que eu escolha as cores. Tudo o que eu quiser. Exceto azul. Ou verde. Eles o lembram da praia. A fantasia que imaginei de segurar um buquê de miosótis murcha e morre.

Minha treliça chega e coloco meu telefone estressante longe, mesmo que não possa ter o casamento dos meus sonhos, vou garantir que a noiva para quem estou trabalhando tenha o dela neste fim de semana. Geórgia terá tudo, e mais alguns.

Levar a cobiçada treliça[1] para minha van de trabalho não é tarefa fácil. O caixa me deu um carrinho para transportar essa coisa, mas não quer ir seguir em linha reta. Estou mudando de direção e a treliça está inclinada e juro que está prestes a cair bem, aqui no estacionamento. — Mantenha-se firme — digo a mim mesma e à monstruosidade que está prestes a tombar na calçada. Eu tento o meu melhor para estabilizá-lo enquanto ziguezagueio pelo estacionamento, mas em um movimento dramático, ele desaba.

Antes que eu possa tentar pensar em uma maneira de colocar a treliça no carrinho novamente, do nada, um carro bate na treliça com um estalo nauseante.

Isso não pode estar acontecendo. Mas isso está. Minha vida se tornou um filme de terror estrelado por uma cabra comedora de anéis, noivo temeroso da praia, e agora isso.

Luzes de freio vermelhas brilham quando olho as rosas esmagadas sob os pneus do sedan. Um homem sai do carro.

— Você não tem um retrovisor? — Eu grito, enquanto corro para o que resta da treliça, como faria para uma vítima de acidente. Eu quase quero chorar enquanto me agacho ao lado da pilha de madeira quebrada que definitivamente não estará em pé sobre um casal feliz tão cedo. — Este é o dia em que os sonhos morrem, — murmuro.

---

[1] Treliça = A **treliça** é bastante utilizada na construção de barracões e na área de construção civil. Por extensão, o termo "**treliça**" também se aplica a hastes de madeira dispostas de forma cruzada que são usadas como decoração ou para fins funcionais em portas, janelas, biombos, caramanchões etc

Meu.

Da Geórgia.

Provavelmente um milhão de outras pessoas. Ok, talvez não tantos.

— Eu sinto muito. — Olhos verdes esmeralda focam em mim. Eles são uma cor deslumbrante. Henry os odiaria, porque eles se parecem com o oceano. — O que era exatamente?

— Isto era uma obra-prima. Pura perfeição e você a matou. — Levanto-me e dou uma boa olhada no assassino. E talvez eu não devesse. Esse homem é lindo, cabelo escuro brilhante que parece estar à beira de uma rebelião sexy e uma mandíbula masculina que poderia ter sido esculpido pelo próprio Michelangelo. Ele é o que Lola chamaria de quente demais para o seu próprio bem. Um pensamento altamente inapropriado forma na minha mente que se eu estou indo com um tema de arte, Henry seria um Dali, todos os traços desiguais se misturando na tela. Menos verdes e azuis, é claro.

Sobrancelhas escuras se juntam e o corpo alto do estranho se debruça sobre a treliça para pegar um pedaço aleatório de madeira. — Talvez possamos consertar isso?

Minha mente não pode processar sua boa aparência e o desastre da situação simultaneamente, então isso me faz atacar. — Não, não podemos consertar isto. — Coloco uma mão no meu quadril. — Está

arruinado. Todo o casamento está arruinado. — Pensar em dizer à família de Geórgia que não terei a única coisa que eles solicitaram especificamente para o casamento dela faz meus ombros caírem.

O homem olha para a treliça mais uma vez. — Tenho certeza que eles têm mais lá dentro. Deixe-me pagar por outro.

— Na verdade não. Este foi um pedido especial feito à mão apenas para o meu cliente e demorou semanas para ficar pronto. — Seus olhos apologéticos varrem meu rosto. — Está bem. Apenas... Deixe-me em paz, ok? — Rude, eu sei. Mas eu terminei hoje.

O homem olha por cima do meu ombro e depois envolve o braço em volta da minha cintura. — Desculpe por isso, — diz ele, fechando os olhos e inclinando os lábios sobre os meus.

Ele está me beijando.

Oh. Meu. Deus.

E há algum tipo de falha de ignição acontecendo no meu cérebro agora, porque por alguma razão eu não consigo afastá-lo. Parece que não consigo fazer nada. Vou culpar meu estresse pelo fato de não ter lhe dado um tapa na cara.

No entanto, a maneira como ele se apega a mim parece tão... Carente. Como se ele não tivesse o suficiente de mim. Sua mão se move

para o meu cabelo, arranhando cada fio, e eu fico hiper consciente de como sua língua traça lentamente sobre a minha.

Ele interrompe o beijo depois de apenas alguns segundos, mas o que pareceu horas. Seu polegar traça minha mandíbula e depois sobre meu lábio inferior, como se ele estivesse memorizando neste exato momento. E então, a realidade se instala, eu apenas beijei um estranho.

— Não faça isso de novo, — eu grito com ele, empurrando-o de volta.

— Oh meu Deus, eu sinto muito. — Os olhos dele estão arregalados. — Desculpe, eu não queria o meu... — Ele esfrega a parte de trás do pescoço enquanto suas palavras caem e ele apenas olha para mim.

É isso, eu terminei oficialmente o dia. Coloque uma faca em mim. — Esqueça. Você é um pesadelo.

Ele ri. — Eu não sou um pesadelo, prometo. Meus amigos acham que eu sou um cara muito legal. — Ele pega pedaços da treliça e coloca no carrinho.

Aposto que esse cara tem muitos amigos. Tudo com brilhantes dentes brancos e pele bonita como ele. Normalmente não sou capaz de notar outros caras enquanto estou noiva, mas esse é o tipo de homem que é difícil não notar.

— Sim, eu tenho certeza. — Recolho as rosas suavizadas que se soltaram.

Ele encolhe os ombros e levanta o arco da treliça, como se não tivesse peso. — Sim, eles dizem que eu floresço nas pessoas.

— Como um fungo? Você está basicamente me dizendo que é fungo?

O sorriso torto que ele me dá faz com que eu pare de pegar flores e olhe para a covinha que estraga sua bochecha. — Sim, — diz ele. — Eu sou um cara divertido. Fungos é igual cara divertido.

Reviro os olhos com um sorriso. — Acho que é a pior piada que já ouvi.

— Admita. Você gostou. — Por alguma razão, sinto que ele quer dizer mais do que piada. Em vez de responder e me declarar culpada em todos os aspectos, passo por ele e jogo os restos das flores no carrinho.

Terminamos de limpar a treliça em ruínas, e ele insiste em carregar o que resta dela na minha van.

Quando me afasto, percebo que nunca sequer perguntei o nome dele. Acho que é bom que eu não tenha feito. Eu tenho um noivo perfeito.

Capítulo Dois

Kiki

NUNCA CONFIE NOS ENGRAÇADOS...

EU GOSTARIA DE TER AMNÉSIA**.** Tudo o que quero fazer é esquecer os eventos de hoje. Mas, aquele beijo inesperado está gravado na minha memória. Acho que nunca fui beijada assim em toda a minha vida. Eu saberia se tivesse. E definitivamente não.

Esses pensamentos são banidos quando eu estaciono na minha garagem e ao lado do BMW prateado de Henry.

— O que você está fazendo aqui? — Pergunto quando entro no vestíbulo e fico impressionada com o cheiro de alho flutuando no ar.

Henry sorri para mim da cozinha. — Eu pensei em surpreender você com o jantar.

— Oh, isso é legal, — eu digo, largando minha bolsa na mesa da entrada. Esta é a primeira vez que cheguei em casa e ele estava aqui. Quando Henry e eu trocamos as chaves da casa um do outro, eu realmente nunca esperava que as usássemos. Eu pensei que seria como Lola e Poppi que também têm uma chave reserva. Você sabe, para emergências.

Eu tinha planejado voltar para casa, me espreguiçar no sofá e ler um romance quente no meu Kindle. Mas agora, sinto que tenho que entreter Henry.

Bem, em breve nos casaremos e esta será a minha vida. Você não pode simplesmente se livrar do seu marido quando tiver um dia estressante. Essa é uma boa prática.

Sorrio e vou para a cozinha. — Olá. — Eu beijo sua bochecha.

Ele limpa, pegando um jornal no balcão. — Aqui, eu comprei isso para você. Por que você não leva para a sala e lê um pouco antes do jantar?

Eu olho para o jornal como se ele tivesse me passado um problema de matemática muito difícil. Claro, eu gosto de acompanhar as notícias e os eventos atuais, mas eu não leio um jornal de verdade... Bem, nunca.

— Ótimo, ok. — Pego meu papel no sofá e sento-me entre dois grandes travesseiros amarelos. Talvez um jornal possa ser tão divertido quanto um romance.

Eu olho para a manchete da frente. Isto é horrível.

Viro a página, mais más notícias.

Vou procurar os quadrinhos, pelo menos não serão deprimentes. Antes que eu possa chegar à seção, Henry se senta ao meu lado com

algumas batatas fritas empilhadas em um prato. Ele pega a seção de negócios e a abre. E depois ruídos. — O jantar vai demorar um pouco mais.

Meus olhos deslizam para ele enquanto ele continua triturando em um volume extraordinariamente alto. Para distraí-lo de comer mais batatas fritas, para não pular da minha pele, decido contar a ele sobre o anel. — Henry. — Ele não tira o olhar do que quer que esteja lendo na página, apenas dá um pequeno som 'mmm' enquanto lambe o dedo. — Hoje, Poppi e eu fomos com Lola em outra coisa de treino para o blog dela, e bem, era com cabras.

Ele está tão absorvido em seu papel. E essas batatas. Mas continuo dizendo: — E bem, havia essa cabra e ela meio que comeu o anel do meu dedo.

Nada. Nenhuma reação.

— Henry, — ele olha para mim, — você me ouviu sobre o anel?

Ele examina minha mão. — Onde está o seu anel?

Eu olho para a minha mão sem anel. — Acabei de dizer que houve uma tentativa... — Antes que eu possa terminar o meu pensamento, um temporizador apita na cozinha e Henry sai do sofá.

Eu o sigo até a cozinha e me sirvo de vinho enquanto ele levanta a tampa de uma panela. — Eu tive um problema com a treliça, — digo a ele, tentando outro tópico. — Mas acho que tudo vai se encaixar.

Ele dá um tapinha no topo da minha cabeça, como *se eu* fosse o cachorro. — Isso é bom, Kinky.

E então eu deixei sair tudo: — Um estranho me beijou hoje e uma cabra comeu meu anel. E também acho que estou ficando um pouco estressada com a coisa toda do casamento. A minha mãe não para. — Olho para Henry, mexendo o molho na panela. — Você está me ouvindo?

Ele ri. — Claro que estou. Manjedoura. Cabra. Abençoado. — Ele beija minha bochecha. — Por que você não vai tomar banho? Porque por falar em cabras, você cheira como uma.

Meus ombros caem e olho para baixo. — Sim, ok. — Olho por cima do ombro antes de sair. — Ah, a propósito, você já tem um padrinho?

A boca de Henry desaparece em uma linha fina. — Eu realmente não tenho muitos amigos. — Ele encolhe os ombros largos e então seus olhos castanhos se iluminam. — Ei, e aquele cara do seu trabalho... Como é o nome dele?

— Dennis? Você não pode usar Dennis. Você mal o conhece.

— Assim. — Henry sorri largamente, estendendo as mãos para pegar as minhas. — Este casamento é mais importante para você, de qualquer maneira.

Acabei de ouvir isso certo? — Desculpe.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Henry beija minha testa. — Olhe, lave a cabra de você e depois podemos conversar durante o jantar.

Pego meu copo de vinho quando Henry se vira para terminar de cozinhar sua refeição. — O que você está fazendo? — Eu pergunto antes de subir.

— Seu favorito... Espaguete.

— Ótimo, — digo a ele. Espaguete não é o meu favorito. Henry me perguntou em nosso primeiro encontro qual era minha comida favorita, e eu me senti tão nervosa na hora que não consegui pensar em nada e apenas soltei a primeira comida que surgiu na minha cabeça. Não posso voltar atrás e dizer a ele que cedi sob a pressão e nomeei um falso favorito. Acho que vou ter que aprender a amar espaguete.

Ele me dá um pequeno aceno e eu saio da cozinha e vou pelo corredor até o meu quarto.

O que há de errado comigo? Eu deveria estar emocionada, Henry está aqui me fazendo o jantar. Mas eu gostaria que tivesse sido outro dia e não hoje. Preciso descobrir como vou consertar esse desastre na treliça e…

Não consigo tirar da cabeça a imagem daquele estranho.

Por que ele faria isso? Essa pergunta se repete na minha cabeça enquanto tomo banho. Repete enquanto como espaguete e ouço Henry comer seu macarrão. Repete quando finalmente me deito na cama sozinha. Enquanto adormeço, prometo para mim mesma que nunca mais pensarei naquele estranho. Mas, nunca diga nunca.

Capítulo Três

Ellis

NUNCA DIGA NÃO...

A CERVEJA É MINHA VIDA**.** Se há uma coisa que você deve saber sobre mim, saiba disso... Tenho lúpulo e cevada fluindo em minhas veias. E não, não é porque sou alcoólatra. É porque meu pai fodido vem de uma longa fila de mestres cervejeiros. Meu monólogo interno continuará mais tarde por que ...

— Oh Deus, é você? Ellis Atwood? — Uma voz profunda soa atrás de mim. Giro no banco do bar e olho para os familiares olhos castanhos de meu amigo de infância da escola, Henry Faniki. Ele ainda parece o mesmo, como se tivesse acabado de sair de um iate, exceto que ele tem algumas linhas de sorriso e está se esforçando ao máximo para conseguir um cavanhaque.

Mas falhando miseravelmente.

— Cara, como você está? — Dou-lhe um aperto de mão que se transforma em um tapa nas costas / abraço. — Faz muito tempo.

— Com certeza. Como Atlanta está te tratando? Ainda é o gênio do design da cervejaria?

— Atlanta é ótima. — Ofereço a banqueta ao lado da minha para que ele se sente. — Sim, eu ainda estou executando o lado da distribuição das coisas.

— O que o traz para a cidade? — Ele pergunta. — Visitando a família?

— Algo assim, — eu protejo, impedindo os problemas financeiros da cervejaria que Urban me chamou de casa para ajudar a consertar. — Ei, eu vi que você estava se casando há um tempo. Como foi?

Apesar de Henry e eu não nos vermos há anos, somos amigos no Facebook, então eu vejo suas postagens de vez em quando.

Os lábios de Henry se espalham e suas sobrancelhas caíram. — Sim, esse noivado não se manteve. — Sua expressão lamentável muda para otimista em um segundo: — Estou realmente noivo de novo, no entanto.

— Não brinca. Uau, parabéns. — Eu me viro para o barman. — Mia, traz aqui ao meu amigo a Shaggy Maggie IPA[2]. — Talvez eu seja tendencioso desde que projetei as garrafas e as embalagens, mas, em minha opinião, é a melhor do mercado. Nossos IPA's são lendários. E nossas stouts são ainda melhores. Twist & Stout foi eleita a melhor

[2] Marca de cerveja

cerveja escura da Flórida. Duas vezes. Eu gostaria de pensar que tem algo a ver com as garrafas. Cada uma tem uma cabra gravada. Sério.

— Claro, — diz ela, antes de sair correndo para buscá-lo.

— Ela é fofa, — Henry diz enquanto Mia alcança o refrigerador atrás do bar.

Isso não é exatamente algo que um homem envolvido deve falar. Mas, desde que conheci Henry no ensino médio, e o pouco que eu vi nas mídias sociais nos últimos anos, há um tema que notei na vida de Henry: ele com certeza ama as mulheres.

Literalmente.

Mas as pessoas podem mudar certo? Menos meu pai. Esse bastardo nunca vai mudar. Mia desliza sua cerveja para Henry através da madeira do bar com um sorriso e ele levanta a garrafa marrom que eu projetei para brindar com a minha. — Eu sempre amei a cervejaria da sua família. — Ele toma um longo gole de cerveja. — Ahh. Richard Atwood com certeza conhece as coisas dele.

— Isso ele faz. — Tomo um gole de cerveja, meus ombros tensos sob a camiseta com a menção do nome do meu pai. O que ele sabe é como administrar uma empresa que era uma mina de ouro em uma confusão. É uma pena, realmente. Esta cervejaria serve a comunidade local e constrói relacionamentos com todos os bares e restaurantes desde que eu era criança.

Urban atualizou e transformou este lugar em um ponto de acesso em Júpiter. A cervejaria Bearded Goat é bem legal. Atrás da barra, você pode ver as máquinas e o cervejeiro misturando o lúpulo na sala de torneiras. As pessoas adoram. Ou não.

— Como está seu irmão? — Ele pergunta.

— Urban está bem, — eu respondo.

Ele se vira para mim. — Ela será a cobertura perfeita no meu plano de cinco anos. — Ele toma um gole de cerveja. — Já conheceu alguém que você não esperava?

Minha mente viaja imediatamente para a mulher que beijei ontem depois de pegar itens para consertar uma torneira quebrada. Ela era deslumbrante. Cabelos castanhos compridos que tinham um leve aceno, como se ela tivesse acabado de sair da praia. Olhos castanhos claros que brilharam ainda mais quando o sol os acertou. Curvas que preenchiam suas calças de yoga apertadas e a pequena blusa.

Havia apenas algo nela. Ou talvez fosse tudo sobre ela.

Eu não planejava beijá-lá, eu não sou um psicopata que sai por aí beijando todas as mulheres, mas era a única coisa em que eu conseguia pensar quando meu pai apareceu do nada, dirigindo por uma rua lateral perto do estacionamento.

— Como está sua mãe? — Eu pergunto a Henry.

— Ela está bem. Ainda executando os passeios de jacaré. — Há uma pausa estranha antes de Henry engolir mais cerveja.

— E você? Você ainda está ajudando-os?

— Não, — ele zomba, entregando-me um cartão de visita. — Sou investidor de uma enorme empresa no centro. Os irmãos Wright.

Ah meus ouvidos se animam. Talvez eu tenha encontrado a resposta para nossos problemas envolto em calças cáqui e camisa polo azul. Aponto para Mia mais dois, enquanto Henry me informa sobre seu trabalho e como ele está deixando sua marca nos executivos, trazendo o maior potencial em investimentos de retorno. É exclusivo, e eles investem apenas nos melhores.

— Parece muito importante, — eu o elogio. Talvez consiga convencer o Henry a investir na cervejaria depois de conversar com Urban.

— Oh, é, — ele me assegura. — Não é tão legal quanto o que você faz, merda artística, — ele olha para o meu jeans e camiseta, — mas eu gosto do terno e da gravata. — Ele coloca sua cerveja no bar. — Posso fazer uma pergunta boba?

— Eu amo perguntas tolas, — digo.

— Você gostaria de ser o padrinho do meu casamento?

Chocado não é a palavra certa para o que estou agora. Não vejo Henry há anos. Eu nem gosto de suas postagens no Facebook. — Você não gostaria de um de seus outros amigos?

Ele encolhe os ombros. — Kiki, minha noiva, ela gosta mais das coisas do casamento. — Ele revira os olhos. — Eu só preciso encontrar alguém.

Se eu disser que sim, isso me valerá pontos em relação a um investimento. — Quando é?

— Algumas semanas.

Pego minha garrafa de cerveja, apertando-a contra a sua própria garrafa. — Conte comigo.

— Graças a Deus. Se eu tivesse que ouvir Kiki por mais um segundo sobre como eu precisava encontrar alguém, eu perderia a cabeça.

Estou me sentindo um pouco mal pela noiva de Henry, mas eu rio. — Parece felicidade conjugal.

Ele levanta uma sobrancelha. — Não me interpretem mal. Ela é ótima. Você quer conhecê-la?

— Agora mesmo? — Examino o bar, procurando uma mulher ao lado de Henry que eu possa ter esquecido.

— Ela está fazendo uma coisa de casamento na esquina daqui. Nós podemos aparecer.

— Ah não. Não quero estragar o casamento de alguém.

Henry ri. — Não é o que você está pensando.

— Umm ok, — eu coloquei minha cerveja no chão. — Vamos fazer isso.

Depois de acertar a conta, deixamos o bar e andamos alguns quarteirões para encontrar sua futura esposa. O sol quente me lembra por que eu adorava morar aqui quando criança. As palmeiras balançam ao vento enquanto caminhamos pela calçada. Definitivamente não saí da Flórida por causa da beleza ou do calor. É um ambiente descontraído, tão diferente da agitação da grande cidade de Atlanta. Todo mundo se move em um ritmo mais lento por aqui, sem pressa de chegar a algum lugar ou fazer qualquer coisa.

Me lembra meu pai.

— Como você a conheceu? — Eu pergunto, cortando meu monólogo interior irritante novamente.

— Parque de cães.

Eu paro de andar — Espere, você estava em um parque de cães? A última coisa que me lembro de é que odiavas cães.

Ele ri. — Oh, eu odeio. Mas, Kiki os ama. Ela é uma cuidadora de animais de estimação.

— Eu pensei que você disse que ela era uma planejadora de casamentos.

— Sim, é algo novo que ela está tentando. É um pouco louco, se você me perguntar.

Eu odeio dizer isso, mas também não acho que esse novo compromisso vá *durar*. Mas isso não é da minha conta. Meu negócio é a cervejaria e, possivelmente, a empresa de Henry para investir.

Capítulo Quatro

Kiki

NUNCA CONFIE EM UMA NOIVA CÃO...

— DEIXE-ME VER SE ENTENDI**.** Ele atropelou a treliça? E depois te beijou? — Poppi pergunta seus olhos verdes perfurando os meus.

— Sim, é exatamente o que estou dizendo. Foi um absurdo.

— Como ele era? — Lola pergunta, enquanto estamos do lado de fora do Dog Spaw, reunidas no fundo da minha van de trabalho.

Não é importante que ele parecesse a fantasia de qualquer mulher, porque hoje é o casamento e eu tenho que encarar a realidade. — Apenas um cara. — Aponto para a pilha de madeira na traseira da minha van para desviá-la do assunto mais estranho. — Ele arruinou isso.

— Bem, como foi o beijo? — Lola brinca, claramente não deixando de lado o assunto. Não há como dizer a ela que o beijo foi estelar. Como um acontecimento cataclísmico que parecia como se meus lábios fossem atingidos por um raio. Não, eu não posso dizer essas palavras, porque então eu pareceria uma aberração.

— Foi ok, — eu finalmente respondo, sem fazer contato visual.

— Apenas ok, hein? Havia língua?

Um pouco. — Não, — eu minto. — Não foi assim. Ele apenas me beijou e seguiu seu caminho, depois que eu gritei com ele.

— Espere, — diz Lola. — Por que ele te beijou? Ele disse?

E essa é a pergunta de bilhões de dólares. Por que ele beijaria uma estranha? Sem explicação, sem nada. E nunca haverá uma. E boa viagem. Ele foi um pesadelo. Um pesadelo deslumbrante, mas ainda assim um pesadelo.

— Não. Ele nunca disse. — Aponto para a pilha de paus. — Alguém sabe como reconstruir uma treliça?

— O que nós vamos fazer? — Poppi pergunta. — O casamento é em poucas horas. Não me diga que usei esta cor pútrida para nada.

O pensamento de que o casamento da Geórgia poderia ser cancelado por uma treliça me fez ficar tão verde quanto o vestido que estou usando para combinar com as cores do casamento. Nós olhamos para os escombros como se fosse se reconstruir.

— Talvez possamos tecer essas flores através de outra coisa? — Lola sugere, ganhando pontos de amizade por não deixar cair o beijo. — Você tem muitas grades para cachorros.

— Boa ideia. Nós poderíamos fazer algo com isso. — Com a velocidade da luz, retiro as flores que não foram danificadas e bato as portas da van.

Se isso não der certo, pode ser o primeiro e o último casamento a acontecer aqui. Entramos nos fundos da loja Dog Spaw, onde pegamos algumas grades e elaboramos um plano. É um pouco duvidoso, mas vale a pena tentar. Poppi e Lola começam a trabalhar na tecelagem de flores enquanto eu verifico a montagem da área do jardim. Quando saio para a grama atrás do prédio, Dennis, nosso funcionário de meio período, coloca a última cadeira branca em posição para os convidados.

Um pouco da minha ansiedade desaparece quando vejo tudo no lugar. O sol será o cenário perfeito para este pequeno casamento ao ar livre, criando manchas de rosas e laranjas no céu. Eu ando pelo corredor. Como Henry pode querer um casamento interno? Casamentos que acontecem do lado de fora mantêm certo tipo de encantamento. O ar quente brilha delicadamente através do véu para dar aquele apelo deslumbrante à noiva. Flores desabrochando em pé para capturar os raios do sol para obter a melhor iluminação sobre eles.

— Acha que o tempo vai aguentar? — Eu pergunto, movendo-me para ficar no estrado de madeira branco. Olho para o céu azul sem nuvens. — As notícias diziam trinta por cento de chance de chuva.

— Eles dizem isso todos os dias. — Dennis descansa a mão bronzeada nas costas de uma cadeira. — É a Flórida. Você sempre pode contar com uma coisa... Chuva.

— E eu, — diz sua esposa, Marge, andando pelo corredor, segurando uma bandeja de prata carregada de biscoitos de cachorro em forma de osso. — Eu fiz isso. O que você acha?

— Eles são ótimos. Obrigado.

Ela sorri e desliza-os sobre a mesa coberta de pano verde designada para presentes. Os cantos dos olhos de Dennis se enrugam quando ele sorri para sua esposa. É assim que espero que Henry me olhe. Tento imaginar Henry e eu sendo aposentados como Marge e Dennis, de cabelos grisalhos e tendo um emprego de meio período no mesmo lugar apenas para sair de casa, juntos. A visão nunca se materializa. Não consigo imaginar. Por que não consigo imaginar? A única coisa que consigo imaginar é eu conseguindo um emprego sem ele comer batatas fritas.

Eu saio do estrado. Marge e Dennis são metas de casamento. A maneira como ele beijou sua bochecha quando passou por ela nos corredores dos fundos. O jeito que ela fica toda tonta quando ele entra em uma sala.

Eles estão casados a mais anos do que eu vivo, e é difícil de acreditar que eles não se conheceram apenas.

Poppi espia a cabeça para fora da porta para me chamar e verificar o design deles. — Não é uma treliça, mas definitivamente deve funcionar.

Eu ando até onde as rosas originais agora tecem ao longo de três grades de cachorros. — Isto é perfeito.

Poppi dá um suspiro de alívio e nós o transportamos devagar e com cuidado até o pódio, onde Dennis estará quando os noivos fizerem sua grande entrada.

Depois de colocado no altar, devo admitir, parece muito bom. Há meia hora seguinte é passada amarrando fitas em sacos de cachorro, cheios de mercadorias do SPA. Quando tenho um momento livre, procuro mensagens no meu telefone.

O primeiro é da minha mãe:

— Marsha está contratando um quarteto de cordas para o casamento. Soa amável. Você ainda está planejando um DJ? Eu verifiquei e talvez você precise de uma orquestra?

Voltarei a ela mais tarde. Não.

A próxima mensagem é de Henry:

— Estou a caminho e tenho uma grande surpresa para você.

— Serei honesta, não sou fã de surpresas.

— Era o Henry? — Poppi pergunta. — Você contou a ele sobre o beijo?

— Shh. Claro que sim. Não foi como se eu tivesse trapaceado. — Eu sussurro, como se a própria menção do beijo pudesse de alguma forma viajar pelo telefone e chegar aos ouvidos de Henry. — Eu nem pensei nisso desde que aconteceu. Henry me fez jantar ontem à noite e tudo estava... Perfeito.

Poppi me olha de lado. — Essa é uma resposta muito longa. É porque você gostou do beijo?

— Não, claro que não, — eu nego.

Poppi tem aquele olhar incrédulo em seus olhos, que ela sempre tem quando eu falo sobre o quão romântico Henry é.

Felizmente, o interrogatório termina porque Darlene, mãe da noiva, passeia pelo corredor em um vestido vermelho apertado, que termina com elegantes estiletes e pérolas. — Está quase na hora, — diz ela, seus cabelos loiros descoloridos balançando na brisa. — A linda noiva está aqui.

Geórgia segue atrás dela, usando um véu feito à mão para caber em seus ouvidos. — Adorável, — digo a ela. Olho para a hora no meu telefone. — O fotógrafo deve estar aqui a qualquer momento.

— Divertido, certo? — Poppi diz para Darlene. — Por que não entramos e preparamos Geórgia.

— Ela já está maravilhosa, — eu me inclino e dou um tapinha na cabeça dela. — Ace é um cachorro de sorte.

Quando me levanto, por cima do ombro de Darlene, vejo o que deve ser uma miragem. Eu pisco.

Ainda está lá.

Ele está ainda lá.

O estranho que me beijou está no final do corredor, olhando diretamente para mim.

Capítulo Cinco

Ellis

NUNCA CONFIE NOS SEUS INSTINTOS...

EU SEREI AMALDIÇOADO**.** Lá está ela, mais bonita do que nunca em um vestido de alças verde-oliva com uma flor branca no cabelo. Uau é quase como uma daquelas coisas de câmera lenta, onde a garota fica lá sorrindo e você percebe que sim, é ela que eu estava procurando.

Exceto, essa garota não está sorrindo. E isso está ficando muito à minha frente. Quero dizer, nem nos conhecemos.

Antes que eu possa interromper esse monólogo interno e tentar falar, ela foi levada por duas garotas, e Henry termina a ligação e me leva a uma fileira de cadeiras nos fundos. — Aqui está bom, — diz ele.

— Eu me sinto estranho por ter estragado um casamento. Eu nem conheço a noiva ou o noivo — sussurro para Henry.

Henry revira os olhos. — Confie em mim, vai ficar tudo bem.

As pessoas infiltram esporadicamente até que todos os assentos estejam ocupados. Suponho que a noiva e o noivo são amantes de animais, com base na quantidade de convidados que trouxeram seus

cães. Um homem de cabelos prateados, vestindo uma camiseta de smoking e jeans, entra na plataforma à nossa frente, e um schnauzer logo se junta a ele. Um chihuahua lambe meu tornozelo enquanto uma marcha nupcial entra na área.

Todas as cabeças se viram, e eu sigo o exemplo, esperando a noiva andar pelo corredor. Espere. O que?

— Umm, é um cachorro, — eu sussurro para Henry.

— Kiki tem essa visão que ela acha que os proprietários vão adorar ver seus animais de estimação se casarem. Este é o primeiro dela. — Seu tom sugere que sua noiva é ridícula por pensar assim.

Mas, estou tão de acordo com isso.

Observo enquanto o bulldog inglês é conduzido pelo corredor por uma coleira por uma mulher alta e mais velha, com cabelos loiros platinados, em direção a um cachorro preto com aparência de schnauzer. O dono do schnauzer sorri e dá um petisco ao cão preto.

Isto é louco.

— Eu tenho que dar uma olhada melhor, — digo a Henry antes de me levantar. Não é todo dia que você é convidado para um casamento de cachorro.

E não é todo dia que alguém consegue algo tão incrível.

Para não atrapalhar a cerimônia, eu deslizo pelo lado de fora do perímetro.

O bulldog inglês está sentado na frente com um olhar de 'socorro' escrito em todo o rosto cheio de emoções.

Como se essa fosse à merda mais legal que eu já vi. Se eu tenho uma crítica, eles precisam de uma treliça, por que... Oh ...

Bem ao meu lado está ela.

Ela.

A mulher em cuja treliça eu acidentalmente encostei e ... como ela chamou? Assassinou.

— Bonitinho certo? — Ela diz antes de pousar aqueles olhos castanhos estelares em mim. Eu posso ver todas as emoções diferentes acontecendo em seu rosto deslumbrante. Surpresa. Choque. Raiva.

— O que você está fazendo aqui? — Ela sussurra para mim.

— Estou aqui apenas para um casamento. — Eu sorrio, amando o tom de rosa espalhado por suas bochechas.

— Quem te convidou?

— Talvez a noiva me tenha convidado.

— Ela não convidou.

— Como você sabe? A noiva disse pessoalmente que não convidou? — Eu levanto uma sobrancelha. Ela bufa um pouco, afastando uma mecha de cabelo castanho que caiu em seus olhos.

— Você não conhece a noiva.

Eu me inclino, para não ser ouvido pelo casamento que está em pleno andamento agora. — Fui convidado para as núpcias. E fique quieta, eu não quero perder a noiva dizendo seus votos.

Ela estaciona uma mão no quadril, sua raiva se intensificando. — Se você e a noiva são grandes amigos, como é o nome dela?

Eu pisco.

— Exatamente. Você precisa sair.

— Você não pode me expulsar deste casamento.

— Eu posso e vou. É o meu casamento.

Olho ao redor, vendo uma placa com uma foto dos dois cães com seus nomes embaixo. — Geórgia e Ace não gostariam se eu fosse expulso.

— Por favor, saia.

Cruzo os braços e encosto na parede dos fundos. — Não posso, estou aqui para conhecer alguém. — Seus olhos me estudam por um momento, e então ela se afasta após um tenso 'bem' de seus lábios.

Sua bunda balança de maneira hipnotizante sob o tecido de seu vestidinho. Ela é de longe a garota mais gostosa deste casamento. E sim, ela é ainda mais gostosa que a noiva. Ah. Eu amo um casamento de cachorro.

Mal posso esperar pela recepção. Desta vez, não vou cometer o mesmo erro duas vezes, vou garantir o número e o nome dela.

Volto para o meu lugar ao lado de Henry e vejo como os dois cães são amarrados em sagrado matrimônio.

Inspeciono a simpática multidão aqui hoje, imaginando quem é a noiva de Henry. Talvez uma das garotas de antes.

Conhecendo Henry, é a loira. Ele sempre gostava de loiras de olhos azuis. Ele costumava chamá-las do melhor tipo de colírio para os olhos.

Enquanto Ace fareja a bunda de sua nova noiva, eu vou direto para a garota, esquecendo tudo sobre conhecer a noiva de Henry.

Ele vai entender.

— Eu não os vi se beijarem, — digo à pequena sedutora quente que ainda não tenho o nome.

— Você ainda está aqui? — Ela parece confusa, como se estivesse tentando manter o controle sobre algum tipo de evento caótico que eu não conheço. — E por falar em beijar, — ela se vira

para mim, com o dedo acenando na minha cara, — por que você me beijou?

— Aí está você, — Henry cita a alguns metros de distância. Só que ele não está falando de mim. Para meu horror, ele envolve seu braço em torno da garota que eu beijei e a beija na bochecha. — Vejo que você encontrou sua surpresa.

Surpresa?

— Finalmente encontrei um padrinho. — Ele é todos sorrisos e aplausos e piscadelas e aplausos novamente. Porra. Ele é exatamente o oposto de como estou me sentindo agora.

Não. Diga que não é assim. Essa mulher linda não pode ser sua noiva. Quero dizer, claro que Henry é um cara bonito, eu acho. Tenho certeza que ele poderia marcar alguém tão gostosa quanto ela, mas ela não parece o tipo dele... Em absoluto. E eu não estou sendo tendencioso sobre isso.

— Este é Ellis, — diz ele, e tento forçar os músculos do meu rosto a sorrir de volta.

— Prazer em conhecê-la. — Estendo minha mão, de alguma forma mantendo a calma. — Onde está o seu anel? — Pergunta rude para deixar escapar, eu sei, mas ela não tinha um anel no outro dia no estacionamento. Eu teria notado. E eu nunca teria beijado uma mulher com uma pedra no dedo. Eu não sou esse tipo de cara.

Ela olha para a mão esquerda, como se também tivesse esquecido que não está usando um. — Estou esperando uma cabra para... Não importa. — Ela nega a pergunta e aperta minha mão estendida. — É tão bom conhecer você... Uh ... Ellis.

Henry a aperta mais forte com uma risada, estufando o peito com orgulho. — Esta é a minha Kiki. A noiva. Ela planejou essa coisa maluca. — Ele levanta uma sobrancelha para mim. — Acha que vai decolar.

Por alguma razão, não estou gostando da vibração condescendente que sai da sobrancelha de Henry sobre o casamento que ela montou.

— Você fez um ótimo trabalho, — digo a ela, não soltando sua mão macia. Estou muito ciente de que preciso, porque estamos aqui de pé, com as mãos conectadas. — Acho que Geórgia e Ace viverão umas vidas longas e felizes juntos.

Henry ri. — Ela tem muitas ideias malucas. Outro dia ela estava falando de lhamas.

— Lhamas? — Soltei a mão dela. Cara. — Isso parece interessante.

Ela também não está afastando a mão. — Eram cabras.

Uma loira com uma pequena bola de pela branca nas mãos se junta à nossa conversa estranha.

— Temos um problema, — diz ela a Kiki, e então olha para nossas mãos ainda unidas e me olha de cima a baixo.

Este é o momento em que eu definitivamente devo soltar a mão dela, mas juro que é como se houvesse super cola mantendo-as juntos.

Finalmente, Kiki solta, e deslizo as duas mãos nos bolsos. Não quero que isso aconteça novamente.

Kiki e a loira saem, e eu fico de pé aqui com Henry. Sortudo, sortudo Henry. Sorte do, Henry. O noivo.

Então, essa era Kiki.

Ele sorri, como se ele fosse o homem mais feliz do mundo. E por que ele não seria? Ele pegou a garota. E ela é uma beijadora fenomenal. Eu nunca diria isso a ele, no entanto.

Oh Deus, eu beijei sua futura esposa. Isso não é bom.

Bem, eu não estou dizendo a ele. E tenho certeza que Kiki também não disse nada a ele. Isso é melhor. Será apenas o nosso pequeno segredo. Não que isso fosse algo importante. Foi só um beijo. Um beijo quente, sem sentido.

Meu telefone toca no meu bolso e eu o pego, lendo o texto do meu irmão que ele está pronto para atender. — ***Me desculpe cara. Eu tenho que ir. Logo estaremos em contato. Apenas me avise se precisar de alguma coisa***.

Henry aperta minha mão. — Obrigado por ser meu padrinho. Isso fará Kiki feliz.

Perto do altar, tenho um vislumbre de Kiki tentando impedir Ace de atrapalhar sua nova noiva. — É tudo sobre fazer a noiva feliz em seu grande dia.

Hora de esquecer aquele beijo. Como eu disse, só estou aqui para salvar a cervejaria e depois voltar para Atlanta.

Capítulo Seis

Kiki

NUNCA CONFIE EM UM SENTIMENTO...

O SILÊNCIO NÃO É SEMPRE uma coisa boa. Está estranhamente silencioso no meu escritório depois que o casamento termina e os convidados voltam para casa. Tudo foi guardado e agora estou analisando os relatórios do final do dia no computador.

E está muito tranquilo, isso significa que meus pensamentos são muito altos. Meu rosto está quente, porque quais são as chances de Ellis ser amigo de Henry? Como isso aconteceu?

— Woohoo, — diz Lola, entrando com uma garrafa de champanhe e três copos de plástico. — Parabéns pelo seu primeiro casamento de sucesso.

Ela derrama a espumante quando Poppi entra e se senta na minha mesa. — Quem era aquele cara que Henry tinha com ele? — Ela pergunta.

— Ninguém, — eu resmungo. — Quero dizer, o nome dele é Ellis.

— Não parece ninguém. — Elas bebem seu champanhe, me olhando por cima da borda.

Eu respiro fundo. — Tudo bem, ele é o padrinho de Henry. — Dreno o que está no meu copo. — E ele é o mesmo homem que me beijou no estacionamento.

— Cara da treliça? — Lola pergunta completamente surpresa. — Ellis é o cara da treliça?

— Oh meu Deus, — Poppi se junta. — Ellis, o cara da treliça. Treliça Ellis. Ugh.

— Sim.

Afasto-me da mesa e movo a cabeça de um lado para o outro, quebrando o pescoço e tentando o meu melhor para relaxar esses músculos tensos.

— O que você vai fazer? — Lola pergunta.

— O que você quer dizer? Não vou fazer nada e fingir que nunca aconteceu.

— Droga, e eu ia perguntar se ele era solteiro. — Lola finge careta.

— Bem, o que você quer dizer com era? Você pode namorar com ele. Eu não ligo. — Acha que elas acreditam em mim?

— Eu não vou sair com ele depois de você ter seus lábios em cima dele.

— Eu não tive meus lábios em cima dele. — Eu penso de volta ao nosso beijo. — Só um pouquinho sobre ele.

— Você tem uma queda por ele, não é? — O rosto de Poppi me desafia a negar.

— Eu não. — Eu cruzo meus braços. — Vou me casar com Henry, lembra? E ele é perfeito para mim. — Ele é mesmo. Estou tentando me lembrar de todas as maneiras pelas quais ele é tão perfeito para mim, mas não consigo pensar em nada agora. Essas garotas me deixaram confusa. Eu me afasto delas e desligo o computador.

Minha mente está embaralhada como ovos, incapaz de manter um pensamento unido.

— Então você não se importaria se Lola namorasse com ele? — Desafia Poppi.

Não ouso olhar para elas. — Não, de jeito nenhum.

— Não, está tudo bem, — diz Lola. — Eu estava apenas brincando.

Honestamente, eu meio que me pergunto se Ellis também é solteiro. Maldita mente traidora. Eu odeio estar me perguntando sobre isso.

Poppi recolhe nossos copos e os joga no lixo. — É melhor você se mexer se vai encontrar Henry para jantar, — diz ela.

— Henry? — Eu pergunto, distraidamente. — Oh, certo. Henry. — Meu noivo. Temos planos em um restaurante italiano, porque espaguete é o meu favorito. Lembro que, quando ele e eu fizemos os planos, sugeri um novo lugar tailandês, mas Henry disse que o italiano é sempre a melhor seleção.

Agora que penso nisso, comprometi-me e disse que poderíamos experimentar o tailandês na próxima vez. Eu estou sempre comprometendo.

Reunimos nossas coisas e eu mal consigo me concentrar nas conversas de meus amigos enquanto eu tranco.

Gostaria de saber se Henry trará Ellis? Não, pare com isso agora, Kiki. Nada disso. Preciso dizer a Henry que o bandido do beijo era amigo dele.

Minha mente continua repetindo como os olhos de Ellis pareciam tristes quando ele descobriu que eu era a noiva de Henry. Detesto admitir, mas fiquei um pouco triste por ele descobrir também.

— Alguma palavra do fazendeiro, ainda? — Lola pergunta, saindo, lembrando-me que ainda estou esperando uma cabra fazer cocô meu anel.

— Nada ainda. Acho que meu anel o fez constipar.

— Tenho certeza que ele fará cocô em breve, — canta Lola, sempre otimista.

— Se ele não o fizer isso significa que o casamento está encerrado? — Poppi pergunta.

Nós rimos, mas quando eu me afasto uma parte minúscula de mim se vê torcendo para que Peter não faça cocô.

***

ELLIS NÃO ESTÁ com Henry quando chego ao restaurante e não posso acreditar que haja uma pequena pitada de decepção na boca do estômago. Dou de ombros quando passo pelas mesas à luz de velas cobertas com toalhas de mesa quadriculadas.

Minha determinação se fortalece em contar a Henry enquanto tecemos entre os clientes. Não posso entrar em um casamento cheio de mentiras.

Henry se levanta e beija minha bochecha. Por que ele nunca beija meus lábios? Ele vai puxar a cadeira para mim, mas depois para

quando se distrai com um sinal sonoro do telefone. Ele senta. — Todo mundo gostou da coisa do cachorro? — Ele pergunta, dando um tapinha para quem enviou a mensagem.

Puxo minha própria cadeira. — Eles gostaram. — Henry olha para cima e sorri. — Escute, há algo sobre o qual precisamos conversar.

Ele voltou ao telefone e tento pensar na melhor maneira de contar a ele sobre Ellis e eu: — Acho que você deveria saber que, bem, não foi minha culpa. — Ugh, estou estragando tudo e Henry ainda nem ergueu os olhos do telefone. Podemos voltar a este tópico.

— Desculpa. — Ele baixa o telefone. — Todo mundo gostou do casamento? — Meu estômago revirou mais que o nó de alho na cesta de pão.

— Gostaram, — repito. — Na verdade eu acabei de dizer isso. Ouça, nós precisamos... — minhas palavras desaparecem quando Henry atende uma ligação. Ele levanta o dedo e depois se levanta e se afasta da mesa.

Com um suspiro, pego um pão de alho amanteigado e enfio um pedaço grande na boca. Enquanto mastigo, olho em volta para todos os outros casais. A maioria dos homens aqui está de terno, como Henry, e todos estão mais ocupados com seus telefones do que a pessoa com eles.

Todas as mulheres se parecem comigo, tentando conversar com um homem que não consegue se desconectar da linha de vida em suas mãos.

Henry retorna, e eu simplesmente não tenho mais em mim para contar a ele sobre o beijo. Foi um beijo sem sentido que não foi minha culpa, e se Ellis diz a ele, que assim seja.

— Desculpe, — diz Henry. — Só preciso cuidar de mais uma coisa.

Dou-lhe um sorriso tenso, não que ele notasse, já que eu não sou um telefone, e discuto a melhor maneira de perguntar algumas coisas sobre Ellis.

Há um milhão de perguntas circulando na minha cabeça. Como para iniciantes, quem diabos é ele? E como Henry o conhece?

E preciso descobrir se ele é solteiro... Para Lola, é claro.

Talvez ele tenha mencionado ele todas as vezes que eu afoguei suas histórias de trabalho. Ok, daqui em diante, prometo nunca abafar nada que Henry diga novamente.

Mas não adianta, porque Henry desligou o telefone e agora está dizendo algo para mim, e eu não tenho ideia do que é.

O que quer que ele tenha dito, ele encontra meu sorriso e acena com a cabeça aceitável. Eu provavelmente só concordei em comer espaguete todos os dias pelo resto de nossas vidas. Junte tudo, Kiki.

Henry pega o menu cardápio em couro e o estuda. — O que você vai ter?

Não consigo nem pensar em comida agora, mas abro o meu e dou uma olhada nas entradas, esperando que um item apareça para mim.

— Panzanella, talvez.

— Mas espaguete é o seu favorito, — diz ele, sua voz levantando uma oitava.

— Bem, não quero exagerar, — eu jogo de volta com um sorriso.

— Ok, vou pedir a piccata de frango.

O garçom chega para anotar nosso pedido e, quando ele se for, agora é minha chance de perguntar sobre seu amigo enquanto Henry está livre de eletrônicos.

— Então, aquele homem, Ellis, como você o conhece? — Eu pergunto de uma maneira muito blasée. Ou pelo menos o que eu espero ser blasé.

— Velhos amigos do ensino médio. — Ele balança a cabeça com um sorriso como se estivesse se lembrando dos bons velhos tempos. — Ele se mudou logo após a formatura.

— Por quê?

Henry encolhe os ombros. — O negócio. Ele mora em Atlanta e está aqui apenas por um tempo.

Afasto a tristeza momentânea, inadequada, me lembro de que vou me casar com esse homem diante de mim. — Então, ele é solteiro? — Meu coração palpita dentro do meu peito. Isso foi tão difícil de perguntar, mesmo sabendo que estou pedindo por Lola. — Lola estava de olho nele. — Vamos lá, eu sei que ela não estava. Mas, essa foi uma pergunta tão difícil de fazer.

— Eu realmente não sei, mas estou pensando que sim. — Henry parece estar a bordo do namoro com Lola e Ellis. Eu gostaria de poder estar ali junto com ele, mas por algum motivo algo está me segurando. — Podemos ter um encontro duplo, — diz Henry.

Eu preciso pensar em maneiras de não estar perto de Ellis, não para mais maneiras de estar perto dele. Assim que a comida chega, relato a história de quão feliz Darlene estava com o casamento da Geórgia, mas a maior parte da conversa cai em ouvidos surdos. Henry voltou a digitar em seu telefone e só está me escutando pela metade novamente.

Assim que o jantar termina, Henry me leva para fora do restaurante com o braço em volta dos meus ombros. — Ainda é cedo, por que não vemos o que Ellis e Lola estão fazendo agora?

Cada parte de mim quer ir para casa e encerrar o dia, mas envio uma mensagem para Lola e, é claro, ela está pronta para sair.

Depois de alguns minutos, está resolvido, estamos todos pendurados em um bar tiki na água.

Henry segura minha mão enquanto caminhamos alguns quarteirões para a praia e em direção ao letreiro de neon. *Rum Forest Rum*. Lá dentro, nos espremememos através das pessoas até o pátio de trás onde encontramos uma mesa, cercada por tochas tiki, e esperamos que Lola e Ellis cheguem. Henry pede nossas bebidas e, quando meu daiquiri chega, eu tomo uma porção saudável. Pior ainda, vou pegar uma tocha e dizer a Ellis que ele votou para sair da ilha.

Minha bebida é história quando vejo Lola em um vestido azul-marinho, acenando e se aproximando da nossa mesa.

— Estou tão feliz que você ligou, — diz Lola, sorrindo.

Antes que ela se sente, eu a afasto de Henry, que está focado na TV de tela grande. — É um esquema, — eu sussurro.

Seus olhos azuis focam em mim. — O que você quer dizer? Esquema como?

Antes que eu possa dizer mais a ela que tudo foi ideia de Henry, Ellis entra no bar, parecendo doce em um palito.

E pela maneira como as mulheres olham para ele, elas definitivamente querem uma lambida. Henry acena para ele. Tudo está acontecendo tão rápido, e os olhos de Lola ficam maiores quando ela liga os pontos. Eu posso ver tudo em seu rosto. E ela não está muito feliz. Quero dizer, claro, ela está feliz por estar saindo, mas não está de acordo com este plano.

— Eu não gosto de Ellis, — ela sussurra no meu ouvido assim que todos os olá acontecem e as bebidas estão fluindo.

— Realmente? — Eu questiono o absurdo dela. De jeans escuro e camiseta preta simples abraçando o bíceps, Ellis é o epítome da sensualidade. Se você gosta desse tipo de coisa. O que eu não. Eu prefiro Henry. Eu me bato mentalmente por esse pensamento.

Henry e Ellis conversam, enquanto Lola e eu nos afastamos deles. — Eu sinto muito. Entrei em pânico, ok? — Eu digo a ela.

— Em pânico como?

— Eu estava fazendo perguntas sobre ele no jantar, e bem, Henry sugeriu um encontro duplo. E eu…

— Você estava tentando encobrir. — Ela aponta o pequeno agitador preto de sua bebida para mim. — Você entendeu mal.

— Não. — Minhas bochechas esquentam. — Eu realmente não.

Ellis e Henry se aproximam de nós, e eu tento olhar para qualquer lugar, menos para Ellis. Finalmente, olho para cima, dando uma espiada nele, e ele está rindo de Henry chamando-o de jogador.

Ele não agiu de maneira alguma para eu suspeitar que ele seja um jogador. Normalmente, você pode identificar esses tipos de caras imediatamente. Eles costumam conferir todas as mulheres em um bar.

Mas Ellis nem olhou em volta. A atenção dele permaneceu... Bem, em mim. Henry, por outro lado, está agindo como um espectador em um museu. Ele não consegue parar de olhar por todos os lados. Hum. Eu tenho certeza que ele está apenas sentindo o ambiente. Talvez. Tomo o resto da minha segunda bebida congelada e imediatamente me arrependo.

— Cérebro congelado, — eu digo, pressionando um dedo na minha têmpora.

Henry envolve um braço em volta de mim, beijando minha testa. — Ela não é apenas adorável? — Ele diz para Ellis.

Ellis tem uma cerveja a meio caminho da boca e seus olhos verdes ardem em mim, derretendo meu cérebro congelando. — Sim, ela é, — ele diz lentamente. — Pressione a língua no céu da boca.

Como um padre de vodu, ele agora inseriu pensamentos de seu beijo no meu cérebro.

— Vamos dançar, — Lola interrompe o nosso momento, me salvando de seu olhar quente. Ela pega minha mão e juntas nos misturamos à multidão nos arredores da pista de dança.

Eu fecho meus olhos, deixando a música me distrair.

— Ele não consegue parar de te observar, — diz Lola no meu ouvido.

Meus olhos se abrem e encontram Ellis em um instante. Eu me viro, para não ser forçada a olhar para ele enquanto balanço meus quadris. — Eu preciso dizer a Henry para encontrar outro padrinho.

Lola ri. — Você não pode fazer isso.

— Sim eu posso.

— Vai ter de aguentar e lidar com ele.

— Ele vive em Atlanta. Ele não está na cidade por muito tempo.

Lola sacode o corpo ao ritmo. — Veja, você ficará bem. Só não fique sozinha com ele. Nunca.

Eu paro de dançar. — Eu posso ficar sozinha com ele. Não sou tão maluca que nem posso ficar sozinha com o homem.

— Bem, melhor não arriscar.

— Ele é amigo de Henry. Nada vai acontecer entre nós. — E espero ter razão. Porque minha mente está em todo lugar.

Eu amo Henry, não é?

O noivado aconteceu tão rápido, e acho que nunca tive tempo para processar exatamente o que realmente significa ser casado.

Mas eu o amo. Não é?

Ele é muito ... orientado para o trabalho. Essa é uma ótima qualidade. E ele não beija as pessoas aleatoriamente em estacionamentos, fazendo-as corar. Mas ele também não me faz sentir quente como Ellis está agora. É como um calor escaldante. Eu ouvi sobre alguém que colocou fogo em você, mas caramba. Parece que minha pele está derretendo. Isso é tão ruim.

Antes que eu possa processar o que esse calor significa, ele está vindo em minha direção enquanto Henry conversa com a garçonete ao lado deles. Na verdade, é mais uma corrida. E então, sou levado para os braços dele..

— Porra, — diz ele. — Você está pegando fogo.

Ele não quer dizer figurativamente. Estou literalmente pegando fogo. Eles deveriam ter um sinal de alerta junto às tochas tiki para pessoas zonzos como eu.

Lola engasga e joga sua bebida na minha saia antes que as mãos de Ellis acariciem minhas coxas, apagando a pequena chama, mas criando um incêndio violento dentro de mim. Eu realmente preciso parar com essas comparações clichês.

Seus dedos quentes roçam minha pele, deixando um rastro de arrepios. — Você está bem, — ele me assegura, levantando-se de sua posição agachada. — Só um pouco queimada.

Ele dá um passo para trás e roça os dentes no lábio inferior antes de se virar abruptamente e voltar para Henry, que está alheio ao fato de que sua noiva estava quase assando.

Enquanto vejo Ellis se afastar, percebo que não estou nada bem.

Capítulo Sete

Ellis

NUNCA CONFIE EM UMA CHAMA...

EU DEVO SAIR. É sério. Eu deveria. Quando Henry me mandou uma mensagem antes sobre o encontro, não achei que isso significasse com ele e... Ela.

A mesma que eu não consigo parar de pensar.

Mas eu preciso. Porque ela é a pessoa mais proibida no universo para mim agora. É óbvio que hoje à noite é um encontro com sua amiga loira.

E Lola parece legal. Mas, há algo sobre Kiki. Não consigo perceber bem.

— Obrigado por sair hoje à noite, cara, — diz Henry, batendo a mão no meu ombro. — E por salvar minha futura noiva.

Eu sorrio. — Não tem de quê. — Para a próxima, quero um aviso se ele planeja trazer a noiva.

Mas, eu não quero ser um desses caras. Eu preciso esmagar qualquer sentimento que eu esteja tendo pela Kiki no chão. E me concentrar no jogo.

— Kiki é ótima, — ele acena em sua direção, — mas ela me fez fazer todas essas coisas do casamento que eu não tenho tempo.

— Como o quê?

Henry se inclina para mais perto. — Flores, bolo e merda. Ela me quer envolvido a cada passo do caminho.

— E você não quer estar? — Eu pergunto.

— Não é isso. Eu simplesmente não tenho tempo. Vou me tornar um parceiro na empresa de investimentos em que trabalho. Eles estão procurando um tipo muito específico de candidato. Eles querem um homem casado, dedicado e sólido. Jogador da equipe... Você entende o que eu quero dizer, certo?

— Sim, entendi. — Meus olhos viajam para Kiki na pista de dança e me sinto estranho ao vê-la sacudir a bunda com Henry em pé ao meu lado. — Falando em... Eu queria saber se sua empresa estaria interessada em ajudar nossa cervejaria.

Os olhos de Henry se iluminam. — Absolutamente. Você me ajuda com as besteiras do casamento, eu o ajudarei investindo.

Apenas o que eu queria ouvir. Além disso, eu preciso encontrar um motivo para não gostar de Kiki. Talvez se eu passar mais tempo com ela vou ver como ela é perfeita para Henry, eu serei capaz de parar com essa pequena obsessão fantasiosa que eu tenho por ela. —

Perfeito, então eu sou seu homem, — eu me ouço dizer antes de pensar completamente.

Os olhos de Henry se iluminam. — Realmente? Eu amo isto. — Ele aperta minha mão.

Eu dou de ombros. — Por que não, eu tenho um pouco de tempo em minhas mãos. — A cervejaria é a principal prioridade, de modo que há algumas horas aqui e ali para que eu possa tirar essa Kiki da minha mente e possivelmente angariar pontos com Henry para colocar The Bearded Goat na categoria 'exclusiva'.

Henry me dá um tapinha nas costas. — Eu realmente gostei disso. — Ele acena em direção às meninas. — Aquela Lola é bonita, hein?

Eu tomo um gole da minha cerveja. — Certo. — Eu não podia nem dizer a cor dos olhos de Lola. Mas posso dizer-lhe como os de Kiki são da cor do caramelo com manchas douradas ao redor da íris. Ridículo, eu sei.

As meninas param de dançar e se juntam a nós. Henry beija Kiki na bochecha. É um pouco estranho para mim que eles não sejam um casal delicado. Minha mente de repente transporta para o outro dia quando meus lábios estavam nos dela. Coloquei minha cerveja no chão. — Eu voltarei. — Eu tenho que ficar longe dela por um minuto.

Paro em busca do banheiro, para poder limpar minha cabeça.

Antes que eu consiga chegar ao fundo do lugar, há um toque no meu ombro. Eu me viro e me encontro com aqueles olhos hipnotizadores de Kiki.

Será que ela sabe os quão bonitos são seus olhos?

— Henry acabou de me dizer que você estará me ajudando a escolher flores. Eu só queria que você soubesse que não preciso da sua ajuda.

Eu cruzo meus braços. — É mesmo?

— Sim. — Ela assente. — Além disso, eu não acho que você e eu deveríamos estar juntos.

— Discordo. — De que outra forma eu devo cortejar Henry?

— O que? — Seu nariz pequeno e fofo de botão aparece com nojo. — Eu não preciso de você.

Eu me aproximo, para que um homem possa passar por nós no corredor estreito. As costas de Kiki pressionam contra a parede e seus olhos desafiam os meus. — Eu acho que você vai precisar de mim. — Não quero parecer tão sexual, mas meu Deus, ela está fazendo isso tão difícil. Quero dizer, difícil.

— Você é um guru das flores, hein?

Eu ri. — Mestre de flores. Vamos. Deixe-me ajudá-la.

Ela franze os lábios. Aqueles mesmos lábios que eu beijei e não consigo parar de pensar.

— Ok, tudo bem. Mas não pense que eu vou pegar qualquer tipo de flores que você escolher.

Eu pisco. — Veremos. — E eu espero que ela faça. Eu preciso superar esses sentimentos de querer ela.

***

NA SEGUNDA-FEIRA, dirijo-me à Bearded Goat Brewery, para finalmente ter um cara a cara com Urban para discutir a possibilidade da firma de Henry.

Urban levanta os olhos dos papéis em sua mesa quando entro em seu escritório. — Hora de conversar, irmão mais velho, — eu digo com um sorriso.

— Ellis, que bom ver você, cara. — Ele se levanta e me puxa para um abraço. — Eu posso derramar uma lágrima, — ele brinca.

— Cuidado, pode perder essa reputação durona que você tem, — eu provoco.

— Estou seguro em minha masculinidade, — diz ele, liberando-me e retomando seu assento.

Admito, senti falta do meu irmão.

Normalmente espero até ele chegar a Atlanta, porque quase nunca volto para casa. Não porque eu não gosto daqui a Flórida, na verdade é um ótimo lugar, mas eu simplesmente não gosto de lidar com ele.

Uma coisa é encontrar a família e, outra coisa é continuar encontrando meu pai.

Juro que o homem é inevitável, e ainda não consigo entender como Urban é capaz de ficar aqui e continuar trabalhando para ele. Acho que nunca vou entender.

Os olhos castanhos de Urban me estudam quando me sento na poltrona de couro posicionada em frente a sua mesa. — Estar em casa é estranho, hein? — Ele pergunta.

— Só um pouco. — Eu forço um sorriso.

— Não se preocupe. Ele não está aqui.

— Ah ok. — Meu corpo relaxa quando agradeço às minhas estrelas da sorte que o imbecil não está por perto.

— Ele não aparece mais.

Pego uma pequena moldura prateada do aglomerado em sua mesa e encaro a salsicha de Urban. Cão, ou seja. — Ele só gosta do título ainda, — suponho.

Urban ri um pouco. — Sim, eu acho. — Ele se recosta na cadeira e faz uma careta. — Não é bom, El.

— O que não é?

— O negócio. A cervejaria. Está afundando.

Devolvo a moldura com o cachorro para o seu lugar, esperando entender mal. — Como pode ser? As coisas estavam indo tão bem.

Urban passa a mão pelo cabelo, o cenho franzido agora uma característica permanente no rosto. Ele é mais velho que eu há alguns anos e é um maldito especialista em negócios. Não vejo como isso poderia estar acontecendo com ele executando a operação. A menos que…

— É por causa dele?

— Sim. — Ele preocupa o canto do lábio e continua: — Ele desenvolveu um vício em jogos de azar.

— Claro que ele desenvolveu, — murmuro.

Urban olha para minha garganta, sem encontrar meus olhos. — Eu estou tendo que ajudá-lo com muitos lucros.

Fico de pé e atravesso a janela, olhando as fileiras de carros no estacionamento dos funcionários. Muitas pessoas dependem de um salário desse negócio. — Droga, Urban. E quanto à IRS[3]?

— Estamos bem lá, prometo. Ele o retirou como um empréstimo da empresa.

— Deixe-me adivinhar, ele vai deixar de pagar o empréstimo? — Balanço a cabeça. — Quanto tempo temos até ficarmos completamente fodidos?

Urban esfrega a mão na barba por fazer. — Estaremos completamente fora dos negócios dentro de um ano.

— De jeito nenhum. — Eu não tinha ideia de que era tão ruim assim. A culpa bate em mim como um muro de concreto. Eu deveria estar aqui.

— Eu sinto muito. Tudo aconteceu de repente. — Ele empurra a cadeira para trás e fica de pé. — O mercado está saturado demais, Ellis. — Urban anda ao redor de sua mesa, recostando-se nela, enfiando as mãos nos bolsos da calça cáqui. Ele não diz nada, apenas me olha por um momento. — Eu não sei se alguma coisa vai ajudar neste momento. Seria como jogar uma garrafa de água em um fogo ardente.

[3] Receita Federal

Aperto a ponta do meu nariz. Desistir não é uma opção. — Lembra-se de Henry Faniki? — Eu pergunto.

Ele sorri pela primeira vez desde que começou a me falar sobre os negócios. — Sim, como ele está? Eu não o vejo há anos. Ele não está no setor imobiliário?

— Empresa de investimento. Ele está indo muito bem. Encontrei-o aqui no pub. — Conto a ele sobre nossa conversa e meu plano de colocar a cervejaria no radar de sua empresa com um empurrão de Henry. — Ele vai se casar e me pediu para ser o padrinho dele. Então, eu disse que sim.

— Realmente? — Urban olha para mim por um momento. — Ele não estava sempre passando de garota para garota?

— Sim, — eu respondo. — Mais ou menos como você.

— Não posso evitar se eu ainda não conheci a tal, — diz ele com uma piscadela. — Quando é o grande dia?

— Algumas semanas. Eu não tenho certeza. — Meu rosto fica sério. — Perguntei-lhe sobre investir na cervejaria.

— Ah, o que ele disse?

— Disse que se eu o ajudo, ele vai me ajudar.

Urban sorri. — Perfeito, é melhor você ser o melhor maldito homem que ele já viu. — Ele ri.

Eu não rio junto, me perguntando se devo contar ao meu irmão o resto da história. — Eu conheci a noiva dele.

— Ela é legal?

— Sim, parece ser.

Os olhos dele se estreitam. — O que você não está me dizendo?

— Bem... — Faço uma pausa, mas sei que ele continuará até que eu fique limpo, — nós meio que nos beijamos.

Urban levanta as duas sobrancelhas. — Mais ou menos? O que você quer dizer? Há muito tempo?

— Não. Logo depois que cheguei à cidade. — Ele solta um assobio baixo. — Foi estúpido. Eu tinha quebrado essa coisa de treliça no estacionamento, e ela estava gritando comigo, e papai e Yasmin estavam passando. E eu só sabia que se eles me vissem, eles parariam, e eu ainda não podia enfrentá-lo. Então, fiz a primeira coisa que pude pensar e a agarrei.

— E você a beijou? Ela te deu um tapa?

Eu rio, lembrando da reação de Kiki ao nosso beijo. — Ela estava muito chateada.

— Você vai contar ao Henry?

Eu passo pelo grande escritório. — O que você acha?

— Foi só um beijo? Ou você está querendo mais?

Meu irmão me conhece tão bem. Já faz muito tempo desde que tivemos uma conversa real sobre sentimentos e mulheres. Normalmente, conversamos sobre compras ou sobre o último jogo de esportes e seguimos nosso caminho.

— Eu vou ficar bem.

Ele sorri. — Eu não perguntei isso, Ellis. Você tem uma queda por essa garota?

Meu rosto fica quente com a sua linha de questionamento. Sob circunstâncias diferentes, eu já teria convidado essa garota para jantar. Eu já estaria planejando meu segundo encontro com ela, e como eu poderia beijá-la novamente. Tempo total. Mas isso não é aquela circunstância. — Se as coisas fossem diferentes, com certeza. Mas elas não são.

— Então o que você vai fazer?

— Bem, eu vou ser o padrinho dele, salvar esta empresa e voltar para Atlanta. Por quê?

Urban da uma risada longa e calorosa. — Tudo parece tão fácil.

— Será. Nós apenas precisamos de algumas opções. Algumas novas ideias.

— Opções significando mulheres diferentes?

Agora é a minha vez de rir. — Sempre pensando com seu pau. Diferentes opções de negócios. Produtos. Qualquer coisa. Algo que podemos trazer para a empresa do Henry.

— Sim, ideia brilhante. — Urban. senta-se atrás de sua mesa, dando vida ao computador. — Deixe-me revisar alguns dos números com você.

— Papai sabe que eu estou aqui? — Eu me movo para ficar atrás de Urban, para que eu possa ver a tela do computador.

— Sim, eu disse a ele que você estava vindo para a cidade.

— O que ele diz sobre a cervejaria?

— Ele não sabe.

Idiota. Duvido que ele se importe. — Tenho certeza que ele está ocupado com outras coisas. Você o vê muito?

Ele concorda. — Brunch todos os domingos com ele e Yasmin no clube.

— Ah, o clube. — Filhos da puta pretensiosos. Eu odeio essa vida. Eu odeio a vida que meu pai representa.

E a vida que ele tentou empurrar para seus filhos.

— Eu realmente poderia usar sua ajuda enquanto você estiver na cidade. Não preciso do estresse de você e papai brigando.

— Sim, cara, — eu asseguro a ele. — Estou aqui para ajudar. Eu nem quero vê-lo.

— Você sabe que pode ficar comigo. Eu tenho espaço mais que suficiente.

— Não, está tudo bem. Não me importo com o hotel.

— Bem, a oferta está aí.

Urban move o mouse, clicando em um arquivo na tela da área de trabalho, e meu telefone toca no meu bolso. Olho para uma mensagem de Kiki com o nome da loja de flores que ela quer conhecer na próxima semana.

— Henry? — Urban pergunta.

— A garota.

Ele balança a cabeça enquanto puxa as finanças. — Você está pior do que eu pensava.

Eu estou no fundo. — Henry perguntou então eu estou apenas ajudando-a com algumas coisas para o casamento.

— Essa é uma boa ideia?

Eu concordo. — Tenho certeza que depois de passar algumas horas com ela, vou perceber que ela e Henry são perfeitos um para o outro e não a quero mais.

Urban balança a cabeça. — Parece um plano sólido, amigo.

— Não seja condescendente comigo. Que outra escolha eu tenho?

— Você poderia desistir deste casamento.

— Não, eu vou ficar bem. Além disso, precisamos do investimento. Não se preocupe, eu sou um garoto grande.

Ele ri. — Com certeza você é. Agora, deixe-me mostrar-lhe o último trimestre.

Examinamos os números um pouco e percebo que Urban estava certo. Isso é muito pior do que qualquer um de nós jamais poderia ter pensado.

Meu pai tem usado o dinheiro da empresa como seu próprio cofrinho pessoal. Os livros estão uma bagunça, e precisaremos de um ato de Deus para nos livrar disso. Mas, não é possível desfazer.

Na verdade, é realmente factível.

Capítulo Oito

Kiki

NUNCA CONFIE NUM FANTASMA EM UMA LOJA DE FLORES...

— MARSHA vai envolver as palmeiras com rosas brancas. Isso não é inteligente? Você ainda está querendo aquelas flores silvestre?

Nesse ponto, talvez minha mãe deva ir ao casamento de Marsha em vez do meu. Eu brinco. Talvez. Antes de entrar na loja de flores para encontrar Ellis, me preparo para não ser afetada por sua presença. Durante toda a semana, ele está me mandando mensagens sobre flores. Que então se transformou em uma troca de memes de planejamento de casamentos. O que me levou a perceber que Henry e eu não temos o mesmo senso de humor. Quando lhe mostrei um dos memes, ele disse: — *Huh, eu não entendi. O que há de tão engraçado nisso?*

O humor é tão importante. Quando os tempos estão difíceis, preciso de alguém que possa me fazer rir. Ellis achou isso hilário. Mas ele não vai ser meu marido. Ele não é meu nada e é por isso que eu preciso cortar isso pela raiz. Perdoe o trocadilho.

Quando entro na loja perfumada, ele fica perto de uma exibição de rosas, ofuscando a beleza delas.

— Oi — eu o cumprimento.

Ele não é tão atraente quanto eu pensava inicialmente. Sério, ele não é. Ok, eu sou uma grande mentirosa. O homem é lindo. E não sei por que concordei em deixá-lo me ajudar, mas sinceramente... Preciso da ajuda.

Henry não quer se envolver com o planejamento, o que eu entendo. Ele tem muita coisa acontecendo com o trabalho e tentando se tornar um parceiro. Mas eu gostaria de não estar tão atraída pelo homem que ele pediu para me ajudar em seu lugar.

Espere, eu não pensei só isso. Eu não me sinto atraída pelo Ellis. Eu estou... Curiosa?

Sim, é com isso que eu vou. Estou curiosa sobre ele. Como qual é o seu favorito... tudo.

E eu sei que não deveria ter nenhum desses tipos de emoções sobre o padrinho do meu noivo.

Bem, isso pode mudar. Tenho certeza de que posso encontrar falhas nesse cara. Quero dizer, veja como ele está andando por esta loja de flores como um peixe fora d'água.

— Então, flores, hein? — Ele pega uma rosa e sorri.

Definitivamente, não há culpa nele. Seus lábios têm um arco perfeito e são extremamente perturbadores. Ah sim. Isso é uma falha.

Os lábios de Henry não são perturbadores. Eles são um pouco magros e menos chegam aqui, e perfeitamente seguros.

Henry - 1

Ellis - 0

Contra a minha vontade, meus olhos examinam seu jeans e camisa preta de botão quando ele pega um lírio de calla. Ele olha para mim por cima das pétalas, e eu realmente devo ligar para Henry.

Talvez se eu ouvir a voz do meu noivo, isso vai quebrar o feitiço e me lembrar de que vou me casar logo.

Pego meu telefone, mas rapidamente o empurro de volta na minha bolsa quando a atendente da floricultura se aproxima.

— Posso ajudar? — A mulher de cabelos negros pergunta.

— Sim, eu vou me casar e gostaria de procurar algumas opções que você tem para a cerimônia.

Ela sorri, olhando entre mim e Ellis. Se ela nos confundir com o casal feliz, como em todo filme de comédia romântica, vou perder a cabeça.

— Claro, eu tenho uma pasta. Deixe-me encontrar. Eu sou Alice, a propósito. Vocês dois podem se sentar à mesa nos fundos, e eu já vou.

— Obrigado. — Ellis lidera o caminho além de uma exibição de plantas de begônia e abre a porta para mim. Eu passo por ele, prendendo a respiração para não respirar seu perfume inebriante.

Caminhamos em direção a uma mesa de ferro forjado, cercada por um jardim de flores coloridas. — Isso é legal, — digo a ele.

Ele encolhe os ombros. — Eu realmente não sei muito sobre flores. Eu sou mais um cara de cerveja.

Veja. Ai mesmo. Outra falha. Ele é um alcoólatra que bebe muita cerveja. Embora ele não tenha uma barriga de cerveja. Olho para o torso dele, provavelmente gravado com tanquinho. Minha mão se aproxima do estômago dele e, como se não pertencesse a mim, passa por cima da camisa dele.

— O que você está fazendo? — Ele pergunta.

— Não acredito que acabei de fazer isso. — Retiro minha mão o mais rápido que posso.

Ellis ri. — O que você estava procurando aí?

Ele puxa minha cadeira para mim, me chocando que ele é um cavalheiro. Ele provavelmente joga seu casaco sobre poças também. Com base no incidente do incêndio, Henry provavelmente não notaria se eu caísse em um bueiro. Mas tudo bem. Eu sou uma sobrevivente. Sim, deixar-me resgatar é bom.

Henry - 2

Ellis - 0

Sento-me, ergo os ombros e deixo a verdade livre. — Tanquinho. — Os olhos de Ellis encontram os meus. — Bem, posso garantir que está aí.

E certamente está. Ele levanta a camisa. Como uma exibição só para mim. Sinto que talvez devesse jogar uma nota de dólar nele, mas não consigo me mexer. Em vez disso, estou olhando como se nunca tivesse visto um tanquinho de perto e pessoal como esse.

E sei que nunca o fiz. Claro, eu vi tanquinhos em fotos. Eu vi o filme Magic Mike. Eu sei como eles são. Mas, eu nunca vi um na natureza como este. Até o umbigo dele é perfeito.

Quero dizer, eu amo Henry, mas ele não tem abdominais esculpidos como Ellis. Ou v esculpido. E tudo bem para mim. Porque Ellis provavelmente esperaria que eu também tivesse um. E o único tanquinho que tenho é suco de Camberra espumante na geladeira.

Henry - 3

Ellis - 0

Ellis deixa cair a camisa e se senta ao meu lado. — Se você quiser continuar olhando, eu vou ter que cobrar.

Eu ri um pouco demais e paro rapidamente. — Não, quero dizer, não. Eu nem gostei disso.

Ellis sorri. — Você é um biscoito muito estranho, Kiki.

Antes que eu possa responder, Alice se aproxima com duas grossas pastas pretas quase caindo de seus braços finos. Ellis salta, encontrando-a no meio do caminho e rapidamente tirando as pastas dela. Veja, ele tem um complexo de heróis. E se estou sendo honesta, é... Cativante.

Como mulher, sou perfeitamente capaz de me cuidar. Eu faço isso todo dia. Mas a mulher da caverna em mim não pode deixar de apreciar um homem que é protetor. Alice concorda com meus pensamentos traidores, a julgar pelo tamanho do seu sorriso.

Ela nos deixa procurar a volumosa seleção, e eu gosto de folhear o fichário para as segundas flores perfeitas para o casamento, já que os miosótis estão fora da equação. Há um silêncio opressivo, enquanto eu viro às páginas de uma pasta e Ellis a outra. Para seu crédito, ele realmente parece interessado no que está na página. Como se ele pudesse se importar com a flor que temos.

— Por que você me beijou? — Eu deixo escapar.

Sua cabeça se move lentamente para mim. — Eu... Lhe. — Ele fecha o fichário e se vira um pouco para me encarar. — Meu pai estava

passando e eu não queria que ele me visse. Eu sinto muito. Se soubesse que você estava noiva, nunca teria...

— Eu sei, — eu o interrompi. — Eu sinto muito.

Ele coloca a mão sobre a minha e uma reposta viaja pelo meu braço. — Não, você não precisa se desculpar por nada. Eu sou o idiota que beijou a noiva de um amigo. Você não tinha anel.

— Meu anel foi engolido por uma cabra.

Ellis ri, é hipnotizante, eu também ri um pouco, esperando que o meu seja tão bom quanto o dele. — Eu ainda estou esperando a fazenda me ligar.

— Eu não estava esperando que você dissesse isso. — Ele se inclina e seus olhos caem na minha boca. — O que Henry disse sobre isso?

— Nada, na verdade. — Sua proximidade me faz querer me retirar, mas não o faço. Ele cheira divino. Não é uma colônia cara e avassaladora da qual você não pode fugir como Henry usa. Seu perfume é limpo e discreto, fazendo você querer procurá-lo. — Eu não dei muitos detalhes.

Ele inclina a cabeça, intrigado por um momento. — Ele não queria os detalhes dessa história? Eu sei que eu quero.

Eu dou de ombros. Agora eu estou me perguntando por que Henry não me pressiona para mais detalhes? Não é todo dia que uma cabra come seu anel. Também estou me perguntando por que me vejo contando a Ellis todos os detalhes da história e curtindo a expressão divertida em seu rosto.

— Essa é a melhor coisa de todas, — diz ele quando eu termino de transmitir o que aconteceu. — Então espere. Como você recupera isso?

— Bem, eventualmente, a cabra vai...

— Pare. — Ele coloca um dedo nos meus lábios repentinamente secos. — Acho que entendi e não sei se consigo lidar com isso.

Eu rio atrás do dedo dele. E então, minha risada desaparece quando ele passa a ponta do dedo sobre a minha boca. Seus olhos são tão intensos que, inadvertidamente, lambo meus lábios, roçando seu dedo. Sua mandíbula aperta quando ele puxa a mão para trás.

— Eu sinto muito. Eu não deveria ter feito isso.

— Por que você fez isso? — Eu pergunto.

— As flores me disseram para fazer.

Eu me endireito na minha cadeira. — Ah. Flores assombradas?

Ellis sorri. — Sim. — Ele bate no fichário. — Essas flores são todas assombradas e você não deve ter nenhuma delas no seu casamento.

— Bem, isso é mais para Marsha, — eu digo, sem pensar.

— Quem é Marsha?

— Minha prima. Ela vai se casar também. — Olho para o fichário e passo o dedo pela borda. — Minha mãe está em guerra psicológica com minha tia, sobre qual filha tem a melhor vida. Estou perdendo.

— Ah, — ele diz como se tivesse compreendido completamente toda a situação daquela frase. — Acho difícil acreditar que Marsha possa vencê-la em qualquer coisa. — Seus olhos varrem meu rosto. — Não tente ganhar a corrida de outra pessoa.

Isso está ficando muito profundo e sinto muito, mas...

Henry - 3

Ellis - não posso quantificá-lo.

— Não podemos nos beijar novamente, Ellis. — Fico séria, como quando estou repreendendo um dos filhotes por cocô no chão. — Irei me casar. — Minha voz é tão baixa e séria que quase não gosto do som. Mas isso tem que parar.

— Eu sinto muito. Não vai acontecer novamente. Eu devo ir. — Ele se levanta e, por uma fração de segundo, quero dizer a ele para não sair. Mas eu não peço. Eu só assisto enquanto ele volta para a loja. Às vezes, a coisa certa é a mais difícil de fazer.

Viro as páginas no fichário, mas por mais que tente, não consigo me concentrar nas flores. — Desculpe, demorei tanto, — diz Alice, saindo pela porta e na minha direção com um sorriso. — Seu amigo disse para lhe dar isso porque ele acha que será a flor perfeita para o seu casamento.

Ela coloca um monte de miosótis azuis em cima da mesa. De todas as flores, ele escolheu esta. Quais são as hipóteses? Uma dor se instala no meu peito quando toco as pétalas macias e azuis. Não tenho certeza se posso esquecer Ellis, não importa o quanto eu tente.

***

HOJE, finalmente recebi a ligação. Sim, a ligação. A cabra finalmente produziu algo para mim. Quando eu mando uma mensagem para Poppi e digo que estou indo para a fazenda, ela se oferece. Eu deveria estar empolgada, mas por algum motivo não estou. Aquelas flores realmente foram assombradas. E agora eu estou. Assombrada por Ellis. Ele está rastejando em minha mente, com seus abdominais e miosótis, e honestamente, está começando a me assustar.

— Obrigado por vir, — digo a Poppi quando ela me pega na minha casa. Sim, eu pedi para ela dirigir.

Seu Subaru[4] azul é melhor do que minha grande van de trabalho, mas a verdadeira razão pela qual eu queria que ela dirigisse é que estou trabalhando para exorcizar Ellis. A van e a treliça só me farão pensar mais nele.

— Lola diz que todos vocês saíram ontem à noite. — Ela conecta o endereço da fazenda no GPS e liga o rádio.

— Sim, O Henry queria juntar o seu amigo Ellis com a Lola.

Eu posso ver o ceticismo em seu rosto. — Realmente? Como isso funcionou?

Eu mexo no cinto de segurança. — Bem, tenho certeza que ele gostou de Lola.

Ela para no sinal vermelho e me encara. — Você está desapontada?

— Não, — eu minto. — Eu o vi alguns dias atrás para escolher flores.

Ela coloca uma longa onda vermelha atrás da orelha. — Kiki, o que você está fazendo? Talvez você não esteja pronta para se casar.

[4] A Subaru, é uma empresa automobilística japonesa

Olho pela janela, vendo as árvores passarem em um borrão. — Não, eu estou. Eu realmente estou. — Eu acho. Ou estou inadvertidamente fazendo uma corrida pela minha mãe?

— Tudo aconteceu tão rápido. Talvez você e Henry precisem de um noivado mais longo. Tipo, qual é a pressa?

— Eu não tenho certeza.

— Você o ama? — Ela vira à esquerda da estrada principal e entra em uma estrada de cascalho ladeada por grama aberta. Ela estaciona o carro perto da entrada da fazenda. — Tipo, amá-lo de verdade?

— Claro que eu amo. — Eu acho. Não tenho mais tanta certeza.

Saímos do carro e caminhamos em direção a um portão de metal aberto com animais esculpidos em madeira de cada lado.

— Uau, isso é lindo, — diz Poppi enquanto atravessamos o portão e entramos no que parece um mundo diferente.

Uma casa de fazenda cinza mosqueada fica em um luxuoso campo verde, pontilhado de vacas e cavalos, e à esquerda fica um grande celeiro vermelho. É sua fazenda típica que todo mundo já leu sobre crescer em livros de histórias. Sou mais uma garota da cidade, mas posso dizer que Poppi está se apaixonando pela beleza que nos rodeia a cada minuto.

E agora não tenho certeza se é a fazenda que ela ama, ou o caubói robusto que se dirigiu a nós. Ele se aproxima seus olhos brilhando na suave luz do sol dançando através das folhas das árvores.

— Olá. — Ele sorri, tirando o chapéu de cowboy. — Eu sou Gavin. Vocês devem estar aqui pelo anel.

— Oi, — diz Poppi, — sim, estamos.

— Estou feliz que Peter tenha sido um bom garoto, — digo a ele.

Gavin ri. — Sim, aquele pequeno idiota levou uma eternidade para produzir esse anel. — Ele a segura. Eu pego a mão e depois retiro minha mão. O pensamento de Peter fazendo cocô no meu anel e o que exatamente isso significa nunca passou pela minha cabeça.

— Hum, nós desinfetamos e higienizamos muito bem para você.

— Uh, obrigado. — Olho o anel e o pego da mão estendida de Gavin. Coloco no meu dedo e olho para a maneira como o diamante reflete do sol. Meu dedo parece estar sufocando por ar.

— Querem um passeio rápido? — Gavin nos pergunta.

— Sim, claro, — diz Poppi e depois apresenta-se a mim e a ele. Ela sussurra para mim enquanto o seguimos em direção a uma área cercada de grama, — Eu acho que estou apaixonada.

Ele para do lado de fora da entrada de um curral de cabra, e eu vejo Peter imediatamente em cima de uma engenhoca de escalada.

Enquanto vejo Peter pulando com seus amigos adoráveis, imediatamente imagino Henry. Juro que, se Henry fosse uma cabra, ele se pareceria com Peter. Eles são como gêmeos separados no nascimento. Isso é ruim?

Poppy e Gavin conversam sobre coisas da fazenda e eu descanso meus braços na madeira desgastada pelo tempo, observando as cabrinhas subindo e brincando. Tento avaliar se alguém se parece com mais alguém que conheço, de preferência Ellis.

Gavin e Poppi vão em direção a uma seção com galinhas, e ele pede que eu me junte a eles.

— Eu amo animais, — diz Poppi, deixando algumas sementes para algumas das galinhas menores.

— Eu também amo animais, — diz Gavin, olhando nos olhos de Poppi. — Obviamente. Daí a fazenda.

Parece um pouco como se eu estivesse assistindo um ritual de acasalamento. Esperando-o tirar o chapéu, amarrar e montá-la. Estou tão perto de pedir o número dele para ela, mas então percebo que as coisas não devem ser apressadas. Então, passo para trás, alimentando as galinhas e olhando para o meu anel de noivado que agora parece um pouco pesado demais para a minha mão.

Talvez Poppi esteja certa. Talvez tudo esteja se movendo rápido demais. Talvez Henry e eu devêssemos esperar. Quero dizer, por que estamos correndo?

Quando ele me perguntou, eu fiquei tão feliz. Mas acho que foi mais a emoção de planejar o casamento, de ter o marido, tudo, ter a emoção de minha mãe. Agora que realmente penso nisso, tudo está se movendo em velocidades supersônicas.

Estou tão confusa, e olho para Gavin e Poppi enquanto eles olham um para o outro e penso se Henry e eu nos olhamos assim. Nós olhamos? Eu simplesmente não sei.

Eu nem me lembro de nada agora.

É aquele Ellis. Ele ficou e estragou tudo. Não consigo pensar direito sempre que ele está por perto. Mesmo quando ele não está por perto.

Eu sou assombrada.

Voltei para as cabrinhas. Gostaria de saber se Peter tem uma pequena namorada com quem ele quer se casar?

Casamentos de cabras bebês seriam algo?

Tiro uma foto de Peter enquanto ele me mostra os dentes. Juro que acho que ele se lembra de mim. Ellis provavelmente teria gostado de vir aqui hoje. Se eu tivesse que adivinhar, acho que ele gosta de

animais. Ele estava curtindo o casamento da Geórgia. Ao contrário de Henry, que pensava que era tudo uma grande piada.

— Aí está você, — diz Poppi, caminhando para ficar ao meu lado. — Gavin me convidou para jantar.

Eu levanto uma sobrancelha. — Realmente?

Poppi olha por cima do ombro para se certificar de que estamos sozinhas. — Ele parece perfeito. Ele abriu esta fazenda com o pai e eles resgataram mais de cento e cinquenta animais.

— Isso é incrível.

— Eu estava pensando que poderíamos, de alguma forma, juntar a fazenda deles ao Dog Spaw. — Os olhos de Poppi brilham com admiração. — Acho que poderíamos fazer grandes coisas juntos.

Eu rio um pouco — Tenho certeza que você gostaria de fazer grandes coisas com ele.

Ela sorri. — Cale-se. Isso não foi o que eu quis dizer. — Ela cutuca no meu braço. — Mas isso também.

Gavin volta para nós e, antes de irmos, ele diz: — Sinto muito pela cabra comer seu anel, mas foi um prazer conhecer vocês duas. — Ele solta minha mão e aperta a de Poppi. — Foi muito bom conhecer você, Poppi. Eu vou te ligar.

Ela sorri. — Espero que você faça.

Deixamos Gavin para trás e, no caminho para casa, Poppi diz: — Como sua melhor amiga, há algo que preciso tirar do meu peito.

Eu me viro para encará-la. — Está bem.

— Eu acho que você está se movendo rápido demais com Henry. Pronto, eu disse. Eu me arrependeria se não dissesse nada. — Ela olha para mim. — Eu só quero que você seja feliz, Kiki. E se você realmente acredita que Henry pode fazer você assim, então eu recuarei.

Eu mastigo o interior da minha boca. — Eu acho que ele pode. — Mas será que sim? Será que eu realmente acho que Henry pode me fazer feliz? Será que eu o faço feliz?

— Apenas pense sobre isso.

— Eu vou, eu prometo.

Mal ela sabe, é só nisso que tenho pensado.

Capítulo Nove

Ellis

NUNCA JANTE COM O INIMIGO...

— É MELHOR VOCÊ CHEGAR A TEMPO. — Texto de Urban.

Realisticamente, sei que não posso evitar meu pai o tempo todo em que estou aqui, mesmo que seja exatamente o que planejei, quando Urban me convidou para jantar com papai e Yasmin, eu concordei. Cada parte de mim prefere tirar fiapos do chão do tapete do hotel, mas ainda visto o traje que trouxe e saio para uma temida reunião de família.

No caminho para o clube, Urban não responde, e estou tentado a cancelar.

Às vezes você tem que ser homem, então viro o carro de aluguel que estou dirigindo para o estacionamento do Ocean Reef Club e vou em direção ao manobrista. Enquanto ele se afasta, eu meio que quero persegui-lo e dizer, não importa. Mas tem que ser homem. Antes de entrar no prédio, mando outro texto para Urban.

— Que bom te ver aqui, — diz uma voz masculina atrás de mim.

Pego meu telefone e me viro para ver Henry. — Ei. O que você está fazendo aqui?

— Levando Kiki para comer, — diz ele enquanto passamos pelas portas de vidro. — Nós deveríamos encontrar meus pais, mas eles desistiram. E você?

Eu esvazio instantaneamente com a menção de sua noiva. — O mesmo, jantar com meu pai e irmão.

No momento em que mencionei meu pai, ele se materializou do nada, ao lado de Henry. — Henry Faniki, faz tanto tempo. — Meu pai aperta a mão de Henry e seu comportamento suave e as costas retas me irritam. Não sei o que há no homem, mas até o jeito que ele respira me irrita.

Talvez porque eu gostaria que ele não estivesse.

Sim, eu deveria ser punido pela maneira como estou pensando agora. E como se por mágica, a mulher que eu adoraria castigar caminha em nossa direção em um vestido preto apertado que mostra muito das pernas deliciosas.

Seu cabelo é puxado para trás do pescoço em um rabo de cavalo baixo, e eu olho por um segundo demais a pele exposta. Como seria tocá-la lá? Deus, ela é impressionante.

— Ellis, oi. — Sua testa franziu, mas ela se recuperou suavemente com um sorriso. — Eu não acredito que nos conhecemos, — diz ela ao meu pai. — Eu sou Kiki, a noiva de Henry.

Enquanto meu pai fala sobre o casamento deles, Urban e Yasmin aparecem.

— Por favor, jante conosco, — ouço meu pai dizer. Antes que eu possa questionar o quão ruim é a ideia, estamos entrando na sala de jantar e as mesas estão sendo unidas por nós seis. Eu deveria ter ficado no meu hotel e contado o fiapo.

— Uma garrafa de tinto e uma garrafa de branco para a mesa, — meu pai diz ao garçom, como se ele tivesse todo o dinheiro do mundo. Ele não tem.

E eu não tenho sorte. De alguma forma, acabo sentado entre Kiki e meu irmão. Está tudo bem. Vou guardar para mim mesmo e deixar o meu monólogo interior me entreter.

— Então, ela é a tal? — Urban se inclina e sussurra no meu ouvido.

— Ela não é a tal. Mas, sim, é ela. — No minuto em que me afasto do meu irmão, as pernas de Kiki roçam as minhas debaixo da mesa. Meu pau estremece com o contato.

Isso é demais. Eu não posso lidar com isso. Por que estou tão atraído por ela? Por que tudo que ela faz me excita? Não é como se eu não pudesse encontrar alguém que não esteja fora dos limites.

— Então, hoje é uma noite especial. Meu filho está de volta à cidade e vamos comemorar Henry se casando com essa mulher adorável ao lado dele, — diz meu pai, obviamente um pouco bêbado, enquanto o garçom volta e enche copos de vinho.

Sorrio um sorriso educado e tenso e levanto meu copo. — Fico feliz em estar em casa.

Yasmin decide colocar seus dois centavos: — Estamos tão felizes por você estar aqui, Ellis. — Ela reúne seus lábios cheios de colágeno em um sorriso. — Não estamos, Richard?

Meu pai assente, fingindo que ele tem a família perfeita. Não sei quem ele está tentando impressionar. Henry? Kiki? Os empregados? Tenho certeza de que são mais os outros membros do clube, mas sorrio de volta como se não desejasse ter punhais para jogá-lo.

Eu não quero fazer uma cena com Kiki aqui. Um homem que faz birra em público não pode se chamar homem.

Eu posso agir como um adulto aqui.

Depois que pedimos, pego meu copo de água e bato com as mãos com Kiki pegando o mesmo copo.

— Seu copo está à sua direita, — diz ela, inclinando-se um pouco para mim, deixando-me sentir seu aroma doce.

Seu perfume me transporta de volta para a tarde em que a beijei. — Certo, desculpe. Há anos não entro em um clube de campo. — Eu tomo um gole de água. — Prefiro algo com menos etiqueta.

Ela sorri. — Sim. Eu só preciso mesmo de um garfo.

Exatamente. Esta não é a minha vida. E se estou sendo honesto, não quero que seja. Urban gosta desse estilo de vida. Ele gosta de brunch aos domingos e jogar golfe. Eu, eu quero mais do que superficial. Quero me divertir quando estou com minha família, não fazer um show para todo mundo ver.

Isso me faz pensar sobre Kiki. Essa é a vida que ela quer?

É óbvio que Henry se encaixa nesse estilo de vida. Aposto que ele até fica no clube nos fins de semana.

Sou um observador silencioso, enquanto Yasmin conversa com Kiki sobre os negócios dela, enquanto dreno meu vinho.

— Você faz casamentos de cachorros? — Yasmin pergunta, acendendo. — Eu adoraria entrar em contato com você sobre isso para meus bebês.

Kiki entrega suas informações de contato, e silenciosamente desejo-lhe sorte com as bolas mimadas de pelúcia que Yasmin carrega em uma bolsa de grife.

— Por falar em casamentos, — diz Henry, — você quer comer bolo amanhã no meu lugar? — Ele olha diretamente para mim, esperando minha resposta.

— Não, não, está tudo bem, — diz Kiki. — Eu posso ir com Lola ou Poppi.

O anel no dedo esquerdo reflete a luz do lustre no teto e quase me cega. Eu acho que ela finalmente conseguiu de volta da cabra que a mantinha refém.

Urban ri / tosse, e eu olho para ele antes de voltar minha atenção para Henry.

— Claro, eu poderia comer um pouco de bolo. Mas só se Kiki quiser que eu vá junto.

— Você está ajudando a planejar o casamento? — Meu pai pergunta. — Cuidado, — ele direciona para Kiki. — Você terá um desastre com champanhe se ele estiver ajudando você.

Penso em seu casamento com Yasmin e em como tentei arruinar a coisa toda. Eu quase consegui, mas no final, eles finalmente

terminaram e se casaram. Mas, como eu disse, não por falta de tentativa da minha parte.

— Foram apenas algumas garrafas, — digo ao meu pai. — Com licença.

Eu preciso de um tempo do seu sorriso falso. Sua vida falsa.

De tudo falso. Kiki me olha com olhos questionadores enquanto eu estou de pé. Se as circunstâncias fossem diferentes, eu a levaria comigo. Eu agarrava a mão dela e nós correríamos para os fundos, e eu a varria em meus braços.

Ela corava enquanto eu passava meus dedos sobre a bochecha dela. Ela gemia enquanto eu me inclinava para beijá-la. Nós saíamos daqui, sem olhar para trás.

Mas as circunstâncias não são diferentes, então eu tento entre as mesas na parte de trás do restaurante em busca de um lugar para escapar. Encontro alguma coisa, um pequeno pátio escondido nas costas.

Eu saio e respiro o ar agradável da noite. O oceano está próximo, sinto o cheiro do mar salgado e parte do estresse sai dos meus ombros.

— É uma grande tensão naquela mesa, — diz Kiki, juntando-se a mim no pátio, com vista para o campo de golfe.

— Meu pai e eu realmente não nos damos bem.

Ela sorri. — Realmente? Eu não tinha notado. — Ela diz com sarcasmo brincalhão em seu tom. — Por que não?

Eu me sento na meia parede que cerca o pátio. — É uma longa história.

Ela chega um pouco mais perto. Deus, ela é linda com a luz da lua dançando em sua pele. — Eu meio que gosto de histórias longas. Quero dizer, deve ser uma grande bagagem emocional beijar uma estranha, só para você não precisar vê-lo.

Enfio minhas mãos nos bolsos, para não a agarrar e beijá-la novamente. — Me desculpe por isso. — Mas sinto muito mesmo? Cada parte de mim sabe que foi tão errado, ainda assim, não me arrependo. Embora eu deva. E essa é a parte mais fodida.

— Vejo que você conseguiu o anel de volta. — Eu aceno em direção a sua mão esquerda, mudando de assunto.

Ela levanta a mão, encarando o anel no dedo. — Sim. — Então, ela se vira para mim. — É ruim toda vez que olho para ele e penso em cocô de cabra?

Não posso deixar de rir das palavras dela. — Isso não é uma coisa boa.

Ela encolhe os ombros. — Eu sei.

Eu olho em seus lindos olhos castanhos, deixando o pensamento dela e Henry marinar por um momento. — O que você está fazendo com um cara como ele? — Meus instintos dizem que ele simplesmente não parece certo para ela.

Ela dá um passo para trás, parecendo desequilibrada. — O que você quer dizer? Eu o amo.

Eu me aproximo, meu coração batendo contra a caixa torácica. — Realmente? — Se ela me disser que o ama, e eu acreditar nela, vou me afastar e nunca mais a questionarei.

— Claro que eu amo. Eu vou me casar com ele. E você vai ser o padrinho. — Ela enfia um dedo no meu peito, os olhos arregalados. — Você não pode me fazer perguntas assim. — Ela corre de volta para dentro.

Porra. Por que eu cruzei a linha e perguntei a ela sobre Henry? Quero ir atrás dela e pedir desculpas, mas sei que não posso fazer isso com todos na mesa. Preciso pegá-la sozinha, por uns cinco minutos para poder pedir desculpas.

Acho que vou comer bolo amanhã.

***

QUEM É A PESSOA que decidiu comer bolo em um casamento? Quero apertar pessoalmente a mão desse homem ou mulher. Porque a degustação de bolos é incrível.

O que não é incrível é o constrangimento que se estabelece entre Kiki e eu enquanto experimentamos diferentes tipos de bolo. Ela não me olhou nos olhos desde que chegamos aqui há mais de vinte minutos.

Ontem à noite, no resto do jantar, fiquei em silêncio, apenas respondendo perguntas quando solicitado. Tentei não balançar o barco, como eles chamariam. Não precisava que Henry e Kiki conhecessem o funcionamento interno da minha árvore genealógica quebrada.

Ou pior ainda, os pensamentos internos que tenho tido sobre Kiki. Mas, isso tudo acaba hoje. Estou aqui para o bolo, nada mais. Juro.

A vendedora fala sobre os diferentes tipos de bolo que estamos comendo, e eu meio que gostaria que ela fosse embora para que eu pudesse pedir desculpas.

— E este último é veludo vermelho, o que a maioria não faz para um casamento na primavera. É quando vocês dois vão se casar, certo? Primavera? — A senhora mais velha aperta as mãos gordas sobre o coração enquanto olha para nós dois.

— Nós não vamos nos casar, — Kiki apressa-se. — Ele é o padrinho.

— Sim, estou apenas ajudando.

A cabeça da mulher recua, como se ela tivesse acabado de fazer a maior gafe da história. — Eu sinto muito. Mas... — ela sorri para mim, — sorte sua, certo?

Eu seguro meu garfo com o bolo de veludo no final. — Sim, sorte minha. Quando ela finalmente se afasta, eu me viro para Kiki. — Escute, eu queria me desculpar sobre a noite passada. Eu não deveria ter te interrogado sobre Henry.

Kiki pousa o garfo. — Está certo. Talvez seja cedo demais. Eu não sei.

Eu passo uma mecha de seu cabelo castanho atrás da orelha. — Não, você o ama. Não me deixe fazer você pensar que não. Eu estava errado.

Tão totalmente errado. — Mas eu o amo?

Deus, eu quero beijá-la novamente. É tão errado que eu queira? Meu coração bate frustrado com o pensamento de que não posso beijá-la. Embora eu não consiga remover minha mão do cabelo dela. — Você ama.

— Eu? — Seus olhos procuram os meus, como se eu fosse dar a resposta correta.

Eu não dou. Eu nem me lembro do que estamos falando. Tudo o que me lembro é que isso é totalmente errado. — Kiki ... — Faço uma pausa, porque eu deveria me levantar e sair dessa pequena loja de bolos celestial, mas vamos lá, você sabe que eu não posso fazer isso.

Essa garota tem algum tipo de feitiço sobre mim, me deixando incapaz de me mover. Estou completamente congelado.

— O que? — Ela sussurra de volta. A voz dela soa como sexo. Como se ela quisesse mais do que eu, o que é fisicamente impossível.

Mantenha a calma, Ellis. Mantenha suas merdas juntas. — Sim, você o ama. — Essa foi de longe uma das coisas mais difíceis que já disse a alguém.

Ela assente com a cabeça e eu largo minha mão. — Certo, é claro. — Mas ela não parece tão confiante com minhas palavras.

Inferno, mesmo eu não tenho certeza se ela ama o cara.

— Há quanto tempo vocês dois estão juntos? — Eu pergunto a ela, logo antes de dar uma mordida no veludo vermelho.

— Um pouco mais de um mês. — Eu quase engasgo com o bolo.

Eu não estava esperando isso. Imaginei pelo menos seis meses.

Embora, se eu conhecesse uma garota como Kiki, eu colocaria um anel no dedo dela antes que qualquer outra pessoa também pudesse. Eu olho para seu diamante e seus olhos seguem meu caminho. — Não consigo parar de pensar em cocô quando olho para ele, — diz ela. Eu ri. — Eu sinto que já lavei isso tantas vezes. Eu já te disse que a cabra que o engoliu parecia Henry?

Eu rio de novo. — Ele se parecia com Henry?

— Sim, eu tirei uma foto. — Ela pega o telefone e bate na tela e depois o joga no meu rosto.

Uma cabrinha sorri para a câmera. — Bela foto. — Eu estudo, um pouco mais perto desta vez, e foda-se, ela está certa. — Ele pode parecer um pouco com Henry. — Não posso concordar com ela e dizer que ela está se casando com um cara que parece uma cabra. — Mas, não é uma réplica exata.

Ela pega o telefone de volta e o coloca na bolsa. — Bem, eu não disse que ele era uma réplica exata. Eu, bem ...não importa.

Preciso saber o resto da frase dela. — O que?

Ela balança a cabeça, pegando o garfo e perfurando o bolo com ele. — Eu não posso. É muito mau.

Ela despertou meu interesse. — Você sabe que eu posso guardar um segredo.

Obviamente. Eu nunca disse a ninguém que a beijei. Bem, exceto meu irmão, mas ele não conta. — Promete que não vai contar a Henry?

Cruzo os dedos sobre o peito. — Sim.

— Bem, toda vez que olho para Henry ... — ela suspira, — agora, tudo o que vejo é a cabra.

Isto é mau. Isso é muito pior do que eu pensava que ela ia dizer. — Tenho certeza que isso vai acabar com o tempo.

— E se não acontecer?

— Vai.

— Mas e se não acontecer.

Não posso deixar que ela se case com Henry porque ele se parece com uma cabra que comeu seu anel. Sério, eu não posso inventar essa merda. Mas isso ainda não muda o fato de eu não ser o responsável por terminar este casamento. Mesmo que eu tenha provado os lábios da noiva e não possa esquecer o sabor doce.

Preciso encontrar algumas falhas nessa mulher, e agora não consigo encontrar nenhuma. Não gosto de dizer que as coisas são perfeitas, porque sinto que isso está apenas pedindo que algo dê errado, mas ela quase me faz acreditar na perfeição.

Mas não consigo pensar assim. — Kiki, você está ficando com medo. Isso vai embora. Henry é uma pessoa, não uma cabra. — Não acredito que estou tendo essa conversa.

— E se não acontecer?

Ela parece tão perturbada que quero melhorar tudo. — Eu prometo a você, baby, isso vai embora. — E aquele baby era apenas uma figura de linguagem.

Os olhos dela se arregalam. — Você não deveria me chamar de coisas assim.

— Eu sei. — Meu coração bate dentro do meu peito, tornando minha respiração irregular. — Eu sei, Kiki.

Silencioso, olhamos um para o outro. Eu deveria desviar o olhar, mas não posso. Seus olhos cor de caramelo me chamam, como uma sirene chamando um navio longo e perdido.

E então eu levanto. — Esqueci, tenho que encontrar meu irmão na cervejaria.

Mas, como ela não quer que esse momento termine, ela também se levanta. — Cervejaria?

— É a cervejaria da minha família. Não é muito longe daqui. — E então digo algo que provavelmente me arrependo: — Quer vir?

Ela sorri. — Eu adoraria.

Capítulo Dez

Kiki

NUNCA PERCA UMA CERVEJA ...

CONFISSÃO**:** Eu sou uma garota de cerveja. Eu estou percebendo no turbilhão de romance que aconteceu com Henry, de alguma maneira eu esqueci isso. Talvez porque os lugares chiques que ele frequenta provavelmente desaprovariam meu pedido de uma cerveja.

Encomendei o bolo de baunilha com cobertura de creme de manteiga antes de sairmos e depois seguimos para a Cervejaria Bearded Goat alguns quarteirões adiante. Um pensamento me bate no caminho sobre Ellis dizendo que ele é mais um cara de cerveja. Isto é o que ele quis dizer.

— Eu não posso acreditar que você é o dono, — eu digo, quando entramos no icônico pub.

— Meu pai começou esta cervejaria e agora meu irmão e eu a administramos.

— Isso é tão interessante. Posso te contar um segredo?

— Você não gosta de cerveja? — Ele sorri.

Balanço a cabeça. — Eu não. Eu amo isso. Você tocaria naquele IPA duplo é o meu favorito.

Ele me dá um sorriso torto e agarra minha mão, deslizando as palmas das mãos juntas. — Deixe-me mostrar a você.

Minha mão parece pequena na dele e certa. Não posso te dizer o quanto estou confusa sobre tudo. A degustação de bolos me deixou um milhão de vezes mais confusa sobre a minha vida. Eu pensei que sempre quis me casar. E isso ainda é um sonho. Um dia, quero estar casada com alguns filhos e tal, mas estar perto de Ellis me faz pensar que talvez o casamento seja um passo muito grande para mim. Talvez eu deva namorar mais pessoas. Pessoas como ele, de preferência. Ugh, eu não apenas pensei isso. Mas como seria um encontro com ele?

É ruim que eu meio que queira descobrir? Sim, sim, é muito ruim. Entendi. Eu prometo, não vou pensar nisso novamente.

Ele me mostra todas as coisas legais sobre este lugar, e confie em mim, é muito legal. Quero dizer, a maneira como as máquinas bombeiam ouro líquido realmente faz a adrenalina fluir. Ou talvez seja o jeito que Ellis se inclina contra o tanque de aço inoxidável, braços cruzados e olhos verdes presos em mim.

— É aqui que a mágica acontece, — diz ele.

— Como exatamente você faz cerveja?

— Bem, começa com cevada. Usamos uma mistura de cevada e trigo e depois jogamos um pouco de aveia na mistura. Shh, antigo segredo de família.

— Os meus lábios estão selados.

— Então adicionamos água quente por aqui. — Ele me mostra a máquina onde tudo começa. — É quase como mingau. — Seu conhecimento o torna mais atraente. Ele não é apenas um rosto bonito, caramba. — Quando a mistura está na temperatura certa, o açúcar é extraído. A partir daí, adicionamos lúpulo e há um pouco mais, mas essa é a essência de tudo.

— Muito impressionante.

Pelos próximos trinta minutos, ele me leva por aí, explicando todos os diferentes tipos de lúpulo e cerveja que eles fazem.

— Então, esse é o lugar todo. Haverá um teste para ver se você estava prestando atenção, — ele brinca.

Pelo menos eu acho que ele está brincando, até que ele continua: — Qual é o nome deste tanque? — Ele aperta o ombro.

— Prumo? — Eu acho.

Ele ri. — Alguém não estava prestando atenção.

Ele enfia as mãos nos bolsos, e como você pode prestar atenção em alguém quando tudo que você consegue pensar é nessa mesma pessoa colocando as mãos em cima de você? Difícil de fazer, não é?

Bem, sou eu. Todo o meu cérebro está desarticulado, e todos os pensamentos normais que eu deveria ter sobre caldeiras, chaleiras e barris são substituídos por imagens sexy de Ellis enquanto ele derrama cerveja sobre mim e sua língua arrasta meu pescoço, lambendo-o.

— Claro, eu estava, — eu digo.

— Também temos um pequeno pub na frente. Quer uma bebida?

— Sim, — eu digo, um pouco ansiosa demais. — Preciso mesmo de uma.

Ele me leva de volta por uma porta e por um corredor estreito. — O que você acha do lugar?

— Eu amei isso.

Ele abre outra porta e me leva a um pub mal iluminado com algumas pessoas bebendo no bar.

Quando me viro na direção do barman, Ellis toca a parte de baixo das minhas costas, gentilmente, e me leva a um estande isolado nas costas.

Com as palmas das mãos suadas e o coração acelerado, deslizo para o banco de couro acolchoado. — É muito bom aqui.

— Deixe-me pegar uma cerveja. Eu tenho uma que acho que você vai adorar.

Ele se dirige para o bar e, momentos depois, volta com duas canecas espumantes de cerveja. Minha boca fica molhada quando ele coloca uma na minha frente.

— É uma cerveja pálida tropical. É parecido com o Would Tap That, mas tem casca de maracujá e toranja com um chute de terra para derreter na boca.

Tomo um gole, saboreando. — Ah, isso é incrível.

— Está tudo no lúpulo, — diz ele com uma piscadela. — Chama-se Luau.

— Está delicioso. — Ele senta na minha frente. — Por que você não trabalha aqui? — Acho que tem a ver com o pai dele, mas quero saber mais. Eu quero saber tudo.

— Dirijo a embalagem e a distribuição em Atlanta.

— E você ama isso? — Eu pareço uma menina da escola com twitter.

Ele toma um gole. — Fiz cerveja antes de ter idade suficiente para beber. Meu pai costumava trazer eu e meu irmão aqui quando éramos crianças, e nós o assistíamos. — Ele olha para o grande espaço. — Claro, naquela época, este lugar era muito menor.

— Seu pai fez bem.

— Naquela época, meu pai trabalhava muito. Ele adorava o negócio e tudo mais. — Ele toma uma bebida. — E nós o idolatramos.

— Sinto muito que tudo tenha mudado.

— Está bem. — Ele encolhe os ombros, como um casaco que não é necessário. — Então, este é o sonho que meu pai construiu.

— É o seu sonho?

Sua cerveja para no caminho de volta à sua boca perfeita. — O que você quer dizer?

— Bem, — tomo outro gole de coragem líquida antes de continuar, — seu pai começou este lugar. É algo que você quer?

Suas sobrancelhas se erguem, e eu posso estar ultrapassando meu lugar aqui. — Droga, — ele murmura, — ninguém nunca me perguntou o que eu quero antes. — Ele se inclina. — Provavelmente não é uma boa ideia lhe dizer a resposta.

— O que você quer, Ellis? — Eu pressiono, minha voz caindo algumas oitavas, não por minha própria vontade. A culpa é da cerveja.

Ele não responde, mas as chamas do desejo sobem para um nível cataclísmico dentro de mim. Não posso me afastar do seu olhar.

— Você, — ele finalmente respira.

Minhas coxas se apertam como se pudessem parar o que está acontecendo. Eu estou irrefutavelmente excitada.

Por outro homem.

Dreno o resto da minha cerveja, para manter minha boca ocupada e parar um pouco antes de responder. É assim, tão errado que eu gostei de ouvi-lo dizer que me quer. Mesmo que nunca possa ir a lugar algum. — Você não pode dizer coisas assim para mim, Ellis.

Ele arrasta um dedo contra a madeira lacada da mesa. — Eu sei. Eu simplesmente não consigo me ajudar.

— Bem, tente, — eu digo meia-boca, porque tenho certeza que falhei nisso. — Henry é seu amigo.

Ele esfrega a mão na mandíbula. — Talvez devêssemos acabar por hoje.

Eu me forço a ficar de pé. — Eu acho que devemos. Obrigado por tudo hoje. — Mesmo que nenhuma parte de mim queira sair agora, peço que meus pés se movam. — Nos vemos.

Eu preciso chegar em casa, onde eu possa relaxar e pensar.

Eu preciso de um banho.

Eu preciso de um cigarro. Brincadeirinha, eu não fumo, mas se eu fumasse, provavelmente fumaria um maço inteiro agora.

Eu só preciso de uma fuga.

Eu vou embora, nem mesmo esperando pelo seu adeus.

***

MEU BANHO QUENTE não está me ajudando a me livrar dessa tensão enrolando meus músculos em pretzels. Bolhas estão borbulhando ao meu redor, e eu até acendi algumas velas perfumadas de lavanda, mas não consigo relaxar.

Não importa o que eu faça, não consigo tirar os olhos verdes encapuzados de Ellis da minha mente. A maneira como ele me encarou, atirando chamas de calor na minha direção quando ele sussurrou: 'você'.

Envia calafrios por toda a minha pele aquecida toda vez que penso nisso. Eu não deveria estar noiva.

Eu tinha tanta certeza de tudo quando Henry me pediu em casamento, mas agora não tenho mais tanta certeza.

O que há de errado comigo?

Socorro. Estou me apaixonando pelo padrinho de casamento.

Eu afundo na água, deixando o silêncio me envolver, pensando em tudo o que quero na minha vida. O que eu quero?

Expandir meus negócios.

Felicidade.

Ellis.

Puro e simples. É o tempo que consigo prender a respiração, e emerjo da água, como uma fênix pronta para nascer de novo. Como uma mulher com um propósito.

— Kiki, você está em casa? — A voz de Henry chama da porta da frente. Eu pulo, jogando água no azulejo. — Eu usei a chave, — diz ele.

Pego a toalha branca e macia do corrimão e bato na alavanca para drenar a água. Meu coração bate martelando dentro de mim, me dando uma nova coragem para enfrentar as coisas que serão mais preocupantes.

Como encarar Henry.

— Estou na banheira. Sairei em um minuto.

Após uma rápida secagem do meu cabelo, visto uma calça de pijama azul e uma camiseta preta. Parece que um elefante está de pé no meu peito. Eu mal posso respirar, mas tenho que fazer isso. Não há como eu continuar planejando um casamento se não tiver certeza de que quero me casar. Quando ele perguntou, eu definitivamente queria, mas agora sei que não.

Por que a vida é tão difícil? Eu queria ser um cachorro.

A vida é tão fácil para eles. Olhe para a Geórgia. Ela não se importava se casasse com Ace ou não. É difícil ser humano. Há apenas algo dentro de mim que não me deixa passar pelo casamento. É por causa de Ellis?

Eu não sei.

Mas o que eu sei é que não vou cancelar meu casamento pelo Ellis. Ainda não tenho intenção de namorar com ele. Quero dizer, qual seria o objetivo? A vida dele é em Atlanta, e a minha é aqui na Flórida. Às vezes, eles dizem que as pessoas são trazidas à sua vida para ajudá-la a encontrar o caminho.

E acho que é tudo o que Ellis é para mim. Um compasso.

Uma coisa eu sei ao certo: não posso continuar com este casamento. Ellis ou não. Henry não é o único. Eu não o amo.

Respiro fundo, sabendo que estou fazendo a coisa certa. — Henry, — eu grito, andando pelo corredor. — Nós precisamos conversar.

Eu o encontro na sala, sentado no meu sofá, um braço apoiado no topo. Ele folheia os canais na minha TV. — E aí? — Ele pergunta, erguendo uma sobrancelha.

Eu sento ao lado dele. — Henry, você é um cara legal, — eu digo baixinho, como se isso de alguma forma o impedisse de quebrar como cristal fino do forte golpe que está por vir. — Quando você me pediu em casamento, fiquei emocionada. Eu pensei que era tudo que eu sempre quis. Eu acreditava que você e eu poderíamos ser felizes. Que eu poderia fazer você feliz. — Faço uma pausa, segurando sua mão na minha. — Mas, eu não acho que posso te fazer feliz, Henry.

— Espere. — Ele solta a minha mão, para que ele possa passar por seu cavanhaque. — O que você está dizendo? — Seus olhos se arregalam, como se ele tivesse descoberto exatamente o que estou dizendo. — Você está terminando comigo?

— Henry, — não sei por que continuo dizendo o nome dele, — desculpe. Eu não posso casar com você. — Deslizo o anel de noivado do meu dedo. — Eu realmente acho você ótimo. Não sou a pessoa certa para você.

— Espere. Eu acho que podemos fazer isso funcionar. Então, e se você acha que não somos feitos um para o outro. Quem é?

Eu pisco. — Henry, você merece alguém que possa fazer você feliz.

— Eu estava feliz, — ele afirma, bem alto, claramente perdendo a calma. Eu não o culpo. E agora meu coração se parte um pouco mais por machucá-lo. — Você está se sentindo bem? — Ele pergunta. — Talvez você deva pensar sobre o assunto.

Balanço a cabeça, ainda segurando o anel. — Eu tenho pensado sobre isso.

Henry se levanta. — Não, não, não, não, não, — ele repete. — Isso não é bom para a minha parceria.

— O que você quer dizer?

— A empresa, — ele sussurra, olhando para o desconhecido. — Deixa pra lá. — Ele foca seus olhos escuros de volta em mim. — Escute, o que posso fazer para mudar de ideia? Já dissemos a todos que vamos nos casar. Os preparativos foram feitos.

Eu permaneço sentada no sofá, vendo Henry andar pelo chão da sala e, em seguida, puxa o telefone para atender uma mensagem. — Henry, me desculpe, mas...

Ele cruza os braços. — Não podemos cancelar o casamento. Convidei colegas de trabalho.

— Nós não nos amamos. — Isso é óbvio quanto mais tempo conversamos. Ele está mais ocupado com o que seus parceiros da empresa pensam do que qualquer outra coisa. — Henry, minha mente está decidida.

Ele se levanta, pegando o anel na mão. — Vou lhe dar um tempo para realmente pensar sobre isso. — Ele se move em direção à porta da frente. — Isso não acabou entre nós. — E então ele sai.

Solto um longo suspiro, murmurando para mim mesma: — Acabou, no entanto.

Nem uma vez ele disse que me amava. E eu estou bem com isso.

Capítulo Onze

Ellis

NUNCA BEBADO DISQUE PARA O EX DE OUTRA PESSOA ...

— EXPLIQUE-O NOVAMENTE**,** — meu pai diz. Os pés de galinha que se estendem de seus olhos verdes se aprofundam quando ele tenta puxar o rosto em um sorriso tenso. — Como assim, a empresa está com problemas?

Inclino meus braços sobre a mesa, juntando minhas mãos. — O que Urban me disse é que você apostou todo o dinheiro.

Minhas palavras o fazem recuar. Ele ajusta a gravata prateada que combina com as manchas nos cabelos antes de comer um pouco de salmão.

— Tens de ser sempre tão rude? — Yasmin entra. — Nós não o vemos há anos.

— Não é como se fossemos uma grande e feliz família, — digo a ela. Desta vez, ela se encolhe. Eu sei que qualquer pessoa normal adoraria passar um tempo com o pai que não vê há anos. Eles ficariam animados para jantar com o pai e a esposa.

Urban diz: — Olha, todos nós podemos sentar aqui e ficar bravos a noite toda, ou podemos trabalhar juntos para tentar salvar o que resta dos negócios da família. — Urban tira um arquivo da pasta e espalha uma planilha com os ganhos do ano passado sobre a mesa.

Eu olho para o meu pai. — Você tem algo a oferecer? Sacrifícios a fazer?

Ele endurece. — Eu tenho um certo estilo de vida que preciso defender. Não posso deixar as pessoas pensarem que nossos negócios estão com problemas. Eu sou o rosto desta empresa.

Yasmin está de boca fechada, sabendo que seus dias de beber vinho com as mulheres do clube e fofocar sobre seus maridos podem em breve ficar para trás.

— Rosto da empresa, minha bunda, — eu deixo escapar. Ele está delirando?

— Pai, liguei para Ellis porque poderíamos realmente usar sua ajuda. Se alguém pode nos tirar dessa bagunça, é ele. — Urban tenta se apossar da briga que está se formando aqui neste clube caro, apenas para associados. — Precisamos de grandes mudanças. Yasmin deixando de ter manicure/pedicure semanais não vai mudar nada. Estamos em uma tendência de queda. Precisamos pensar em algo para trazer esta cervejaria de volta.

A mesa fica em silêncio enquanto um garçom enche nossas águas.

— Estou pronto para trabalhar, — digo a Urban.

Precisamos de grandes ideias, mas, infelizmente, a única ideia que tenho é em torno de uma morena sexy e com o sorriso mais fofo que já vi. Kiki.

Não consegui parar de pensar nela o dia todo. E mais do que tudo, quero vê-la novamente.

Em breve.

Mas sei que não posso. Ela está noiva e, mesmo que não estivesse, minha vida está em todo lugar.

Eu preciso me concentrar na cervejaria, não em um pedaço quente de bunda. Não a chame assim. Ela é muito mais do que apenas um pedaço de bunda.

Ela é do tipo que se casa. Basta olhar para Henry.

Ele sabia disso, ele a pegou, sabendo muito bem que ela é realmente o tipo de casamento. Eu odeio isso. Eu nunca na minha vida fui colocado nesse tipo de situação. Isso me faz pensar que eu sou o bandido aqui. Porque todo pensamento que tenho envolve Kiki e Henry terminando, e eu pegando a garota.

Eu sei, há algo seriamente errado comigo. Não consigo manter a calma quando se trata de Kiki. E não consigo parar de pensar sobre a sensação de seus lábios contra os meus.

— Ellis, — diz Urban, trazendo meu foco de volta para a reunião. — Você acha que poderia ir a alguns restaurantes? Veja se eles podem querer transportar nosso produto? Sei que alguém poderia vender nossa cerveja, você também.

Eu concordo. — Absolutamente.

— Talvez precisemos fazer promoções noturnas, — meu pai oferece, seu sorriso esperançoso. Urban balança a cabeça. — Eu tenho trabalhado com os barmen na implementação talvez de um acordo de duas para terça-feira e algumas outras promoções divertidas. Mas, o problema é que não estamos recebendo pessoas suficientes para o pub.

Esfrego uma mão na minha mandíbula. — Então, precisamos aumentar o marketing.

— Temos um orçamento muito pequeno. — Urban aponta para uma figura no pedaço de papel. — Precisamos de mais tráfego orgânico, e é por isso que estamos falhando.

O tráfego orgânico não é fácil de encontrar, mas posso ter alguns truques na manga. O jantar termina e eu aperto a mão do meu irmão, deixando meu pai e Yasmin com apenas um simples 'tchau'.

Assim que saio do taco de golfe caro, meu telefone toca com uma mensagem de texto recebida. É Henry, com um 911[5]. Ele quer se encontrar em um bar do outro lado da cidade.

Parece importante, então pego o carro de aluguel e vou nessa direção. Quando chego lá, Henry já está meio grogue. — Cara, — ele exclama. — Estou tão feliz que você veio. — Ele cambaleia na minha direção, jogando o braço em volta de mim. — Eu tive a pior noite.

— Por que não sentamos? — Ajudo Henry a voltar para o bar e o banquinho que ele abandonou quando me viu entrar. — Dois cafés. — Digo ao garçom. — E um Twist & Stout.

O barman sorri e se vira para pegar meu pedido. Concentro minha atenção novamente em Henry. — Ok, me diga devagar o que está acontecendo? Aconteceu alguma coisa no trabalho?

Henry pega sua bebida, que parece algo escuro com gelo, e eu tento afastá-la dele sem sucesso. O filho da puta engole a coisa toda. — Não, — ele balança a cabeça, — Kiki me deixou.

Meu coração para.

— Ela disse que acabou, — Henry diz, olhando para o copo vazio. — Onde está minha bebida?

[5] Emergência

Nesse exato momento, o barman chega com os dois cafés e os coloca diante de nós. — Beba isso, — digo a Henry.

Seu rosto é impagável quando ele olha para mim, piscando como se eu estivesse falando uma língua estrangeira. — Está falando sério?

— Sim, beba isso e então você pode tomar outra bebida. — Minha mentira funciona porque Henry toma um grande gole do primeiro café.

— Ow, isso está quente.

Afasto o café. — Da próxima vez não tente engolir tudo. — Eu pego minha cerveja. — Agora, explique-me o que aconteceu.

— Ela me deixou. Disse que acabou.

Meu coração para de novo, e eu realmente deveria verificar isso com um médico. — Ela disse por quê? — É ruim que eu esteja prendendo a respiração com a mera esperança de que ela tenha feito isso, porque ela está sentindo os mesmos sentimentos loucos que eu tenho sentido nos últimos dias? Sim, é ruim.

— Disse que ela não me amava.

Ai. — Cara, me desculpe.

— Duas doses de uísque, — digo ao barman.

Henry sorri, seus ombros largos curvados sobre o bar. — É um desses para mim? — Eu dou um pequeno sorriso. — Beba seu café e vamos ver.

Assim que o uísque chega, eu bato um atrás. Queima todo o caminho e é tão bom. Quero que afogue todos os sentimentos que tenho por Kiki.

Pego o outro copo, segurando-o no ar. — Para o amor verdadeiro, — eu digo antes de bater de volta da mesma maneira que o primeiro. Eu aceno para Henry, que olha para mim como se eu tivesse roubado seu gatinho favorito. — Estou alcançando, — digo a ele.

Ele ri, me dando um tapa nas costas. — Mais dois— , diz ele ao barman. — Quer ouvir algo louco?

— Manda ver.

Henry toma um gole do café. — Eu não estava tão triste quando ela disse isso. É como se parte de mim soubesse o que ela quis dizer.

— Então, é uma coisa boa? Impede você de cometer o maior erro da sua vida. — O barman coloca mais dois uísques na nossa frente. Henry pega um e o engole.

— Eu ainda vou lutar para recuperá-la.

— Mas por que? Você não a ama. — Engulo minha terceira dose de uísque pela noite, totalmente confuso. Ele está apenas bêbado e não está pensando claramente? Ele até disse que sentia o mesmo que Kiki. Então, por que lutar?

— Deixe-me explicar uma coisa. — É como se Henry estivesse sóbrio quando seus olhos encontraram os meus. — Estou prestes a ser nomeado sócio. — Ele mantém o polegar e o dedo indicador separados por milímetros. — Estou tão perto de conseguir tudo o que eu sempre quis. E a empresa favorece os sócios que estão estabelecidos.

— Estabelecidos?

Ele concorda. — Sim, como casados. Se pode se comprometer com uma mulher, então, aos olhos deles, você não deve ser um grande merda. E isso também significa que alguém pode te suportar o tempo suficiente para ser casado com você, então você provavelmente é um cara legal.

— Isso é uma besteira. Eles não podem forçar você a se casar. — Eu levanto dois dedos para o barman, silenciosamente dizendo a ele que teremos outra rodada. Porque eu preciso disso. Imediatamente.

— Não forçando. Apenas implicando fortemente. O cara que está na mesma sociedade que eu, está prestes a ter seu segundo filho. E aqui estou eu, uma merda completa.

— Você não é uma merda. — Apoio minha mão em seu ombro, dando um aperto de apoio. — Você encontrará alguém.

— Não, eles amavam Kiki.

Curiosamente, ele disse que 'eles' a amam e não a si mesmo.

— Não vou conseguir encontrar outro troféu como ela, — lamenta ele, pegando outro copo de barman. Ele derruba o que eu decidi ser sua última dose da noite.

Eu olho para o meu próprio uísque, me perguntando se eu deveria me preocupar. Ouvir Henry falar sobre Kiki como se ela fosse um prêmio a ser ganho para ajudá-lo a subir a escada corporativa, faz meu estômago revirar. Eu aceno para o barman, dizendo: — Nós vamos sair.

— Não, não podemos sair. Você acabou de chegar aqui, cara. — Henry está de volta a falar suas palavras, e eu sei que preciso levá-lo para casa antes que ele se torne mais beligerante do que já é.

— Vamos jogar sinuca. — Eu aceno na direção das mesas de sinuca nos fundos e puxo meu cartão de crédito e o jogo no bar.

— Eu vou chutar sua bunda na sinuca. — Enquanto ele diz as palavras, duas loiras passam. — Olá, — Henry se insinua. Ele faz o possível para deslizar do banquinho em um movimento, mas tropeça um pouco.

Eu o agarro para mantê-lo firme. — Vamos Casanova.

Uma vez que o barman devolve meu cartão, ajudo Henry até o fundo do bar para jogar um pouco de sinuca, esperando que ele fique sóbrio antes que eu o leve para casa.

Eu pego nas bolas e, durante uns bons cinco minutos, jogamos uma partida amigável de bilhar. Até as loiras seguirem em nossa direção.

Henry se faz de idiota, quase chamando a atenção delas. E meu Deus, isso funciona. Eu não acredito.

Elas se juntam a nós, e não quero nada mais do que fugir.

Mesmo que Kiki estivesse confusa, e talvez não tenha certeza se ela quer continuar com o casamento, ainda me sinto mal por estar aqui quando Henry está prestes a ... eu nem sei.

Eu me sinto como um espectador culpado, assistindo tudo desmoronar, os olhos glamorosos, os sorrisos, a maneira como as garotas bajulam sobre nós.

— Oi, eu sou Daphne, — diz uma garota, estendendo a mão para eu apertar.

— Ei. — Cada parte disso parece errada, e eu não dou a ela meu nome. Se Henry quer lutar por Kiki, o que ele está fazendo agora com

Daphne e a outra garota, Melissa ... não é lutar. Mas a verdadeira farsa da noite sou eu. Sim eu.

Que porra eu estou fazendo aqui? Ajudando a consolar Henry sobre seu noivado fracassado enquanto torce secretamente para que termine?

Está me irritando como Henry flerta com as duas mulheres, me deixando de pé aqui com meu taco, tentando me concentrar em um jogo de sinuca.

Quero dizer, eles terminaram há algumas horas atrás. Vamos, cara, chore um pouco o relacionamento. Parece um grande desserviço para Kiki.

Eu seria um desastre. Na verdade, eu estou destruído porque eu quero Kiki e não posso tê-la. A parte bêbada do meu cérebro está me dizendo para largar Henry e correr para ligar para Kiki e implorar que ela saia comigo. Então, eu posso beijá-la novamente.

As loiras agora estão jogando sinuca conosco e tento afastar os braços de polvo de Daphne.

— Então, você possui uma fábrica de cerveja? — Ela fala como se eu fosse algum tipo de Willy Wonka.

— É uma cervejaria, e eles fazem a melhor cerveja do mundo, — diz Henry, defendendo a cerveja da minha família, logo antes de dar um beijo em Melissa.

Devo afastá-lo? Quero dizer, tecnicamente, ele e Kiki terminaram. Tecnicamente, Henry pode fazer o que diabos ele quiser. E tecnicamente então eu posso.

Eu deveria ligar para ela.

Não.

Alinhei meu taco e afundei a bola nove, tentando o meu melhor para não pensar em como Kiki agora está solteira. Ela é o tipo de garota que você leva para casa para conhecer a família.

Se você teve uma família que vale a pena conhecer, e eu não. Mas, ela já conheceu meu pai, Yasmin e Urban, então estamos à frente da curva.

Não me interpretem mal, Urban é um cara infernal e definitivamente vale a pena conhecer, mas os outros dois são um passe difícil. No que estou pensando agora? Eu não posso ligar para ela. Eu nem consigo pensar nela.

Ela acabou de cancelar um noivado.

— Ellis, você está me ouvindo? — Daphne pergunta, com uma carranca no rosto.

Esfrego uma mão na minha mandíbula. — Desculpe, eu não estava. O que você disse? — Inclino um ouvido para mais perto dela, para que eu possa ouvir o que ela está dizendo sobre a música alta do bar.

— Eu disse, deveríamos sair daqui.

Olho por cima e Henry está aos beijos com a outra garota. Porra. Por que essa noite não pode ser fácil? Dizer que não estou completamente louco sobre as notícias do rompimento de Kiki e Henry está fora de questão. Não consigo lidar com Henry tentando beber e transar até o esquecimento.

— Henry, acho que devemos ir. — Eu o separo e a garota. Ambos reagem como crianças de cinco anos que acabaram de dizer que o Papai Noel não é real. Eu me inclino perto da orelha de Henry. — Lembre-se de que há alguém que você deseja reconquistar. — Por que estou fazendo isto?

Tortura pura.

— Certo, — diz ele, como se fosse uma reflexão tardia. — Sim, eu deveria fazer isso. Você vai ligar para Kiki para mim? — Ele enfia a mão no bolso e joga o telefone na minha cara. — Chame-a. Fale bem de mim. — Ele praticamente esqueceu a mulher ao seu lado.

— Você deveria ligar para ela. Depois de dormir e ficar sóbrio. Vamos levar você para casa.

— Não. — Ele pressiona alguns botões no telefone e depois entrega para mim. E está tocando. E ela está respondendo.

— Olá, — eu digo, — é Kiki?

— Sim. Ellis é você?

Esfrego a parte de trás do meu pescoço. — Sim, sou eu. — E é nesse exato momento que as doses de uísque que eu tomei antes decidem entrar em vigor. Agora estou atrasado, bêbado. — Como você está? — Eu engulo um pouco. — Eu estive assim tão bêbado o tempo todo? — Eu penso, sem querer dizer em voz alta. — Merda, porra, desculpe.

— Está tudo bem? Ellis, você está bêbado?

— É Henry. — Eu golpeio minha mão para ele, tentando o meu melhor para desviar sua atenção em acariciar Melissa. — Ele me ligou e tomamos alguns drinques.

— Ah.

O ruído de fundo do clube desaparece enquanto eu tento aprimorar a respiração suave de Kiki. — Você está bem? — Eu pergunto a ela.

— Eu estou bem, — diz ela com um pouco de riso na voz.

Afasto-me da mesa de sinuca, procurando um local tranquilo para poder falar com ela. Meus pés me levam para fora, onde me inclino contra a parede, deixando a brisa fresca do oceano próximo se filtrar sobre mim. — Não me parece que você esteja.

— Estou apenas confusa, ok?

— Ei, entendi. — Há tantas coisas que quero lhe dizer agora. — Entendi.

— Você? — Ela solta um suspiro de ar. — Você já cancelou muitos casamentos no passado?

Eu rio um pouco — Talvez.

— Realmente?

— Não. Quando eu me comprometer, será para sempre. Não há recuo.

— Você acha que eu sou horrível, não é? — Ela pergunta.

— De modo nenhum.

— Henry está realmente bêbado?

Eu examino o clube pela janela grande. Ele parou de beijar Melissa e os três estão rindo. — Sim, ele está muito bêbado. Não se preocupe, no entanto. Eu estou cuidando dele.

— Você? Você parece bêbado também.

— Eu posso estar um pouco bêbado.

Ela ri, e o som me cutuca no peito. — Saia comigo, — eu deixo escapar.

— O que? Ellis ...

Antes que ela possa me derrubar, eu interrompo: — Eu só preciso discutir algo com você. Durante o jantar. Ou café.

— Está bem. A respeito?

— Um casamento para o meu cachorro.

— Realmente? — Ela faz uma pausa: — Hum, claro, ok. Envie-me os detalhes?

— É para já!

Desconectamos e, aparentemente aquele ditado sobre ser verdadeiro quando se está bêbado é uma mentira.

Eu nem tenho cachorro.

Capítulo Doze

Kiki

NUNCA COMA SORVETE FORA DA CAIXA ...

A CAMPAINHA TOCA**,** e deixei Lola e Poppi entrar. Nós rapidamente nos reunimos na cozinha, onde reside o centro de comando pós-separação.

— Eu tenho Rocky Road e Chocolate Caramel Fudge. — Poppi coloca os recipientes gelados de sorvete na bancada em granito.

— E eu trouxe como perder um cara em dez dias e Amor, na verdade. Qual você quer assistir primeiro? — Lola pergunta, deslizando em um banquinho.

— Pessoal, obrigado por se apressarem. Mas estou bem, sério.

Poppi me olha, com cuidado. — Eu trouxe Kleenex também.

Eu rio um pouco. — Eu estou bem, sério. — É um pouco perturbador o quão bem eu realmente estou. Mesmo quando me sentei e conjurei lembranças antes, tentando chorar, não consegui. Meus canais lacrimais estão quebrados.

Quando Poppi terminou com o advogado que namorava há alguns meses, ela não estava bem. Nós assistimos três filmes

consecutivos de comedias românticas e comemos dois litros de sorvete ... cada uma.

Mas isto é diferente. E eu realmente estou bem. Não é como quando as mulheres dizem que estão bem e que realmente têm cinquenta milhões de coisas diferentes acontecendo dentro de suas cabeças.

— Então, o que exatamente aconteceu? — Lola descansa o queixo na mão e olha para o meu dedo sem anel. — Nenhuma pedra. É tudo tão real. Tem certeza de que está bem?

— É real. E sim, eu estou bem.

— Isso não tem nada a ver com o cara da treliça, tem? — Deixe Poppi fazer a única pergunta que eu esperava evitar.

— Não, claro que não. — Eu me afasto e coloco o sorvete no freezer. Enquanto estou aqui, me ocupo em reorganizar alguns vegetais congelados, para não ter que enfrentar a inquisição delas.

— Oh meu Deus, — exclama Lola, — é sobre Ellis, o cara da treliça.

Eu saio do freezer e a encaro. — Você não pode chamá-lo assim?

Poppi ri. — Ha. Veja, estamos certas. Você gosta dele. — Seu tom é todo tipo de acusação.

— Eu não, — minto. — Henry não era a pessoa certa para mim.

E essa afirmação é toda verdade. — Eu realmente pensei que Henry não era perfeito para você, — diz Poppi com um tom gentil. — Eu imaginei que você perceberia isso sozinha.

Eu suspiro. — Eu sinto que meu corpo e cérebro foram sequestrados temporariamente. Eu realmente não o conhecia quando ele me pediu em casamento pela primeira vez.

Poppi envolve um braço em volta de mim. — Como ele reagiu?

— Disse que me daria tempo para pensar. — Balanço a cabeça, lembrando exatamente como Henry reagiu. — Eu me sinto horrível. E bem, ele está tão bêbado agora.

— Ele bêbado ligou para você? — Lola pergunta.

— Não, não exatamente.

Seus olhares interrogativos são quase cômicos, do jeito que ambas viram a cabeça, as sobrancelhas erguidas. — O que você quer dizer? — Lola pergunta.

— Ellis ligou. Ele está em um bar com Henry. — Não há como eu dizer a elas que ele pediu para me encontrar.

Elas permanecem caladas pelo que parece uma eternidade até Poppi finalmente falar: — Diga a verdade ... você terminou com Henry por Ellis?

— Não. — Um grande não. — Acho que acabei de perceber que Henry não era a pessoa. — E essa é a verdade. Ellis pode ter acelerado o processo de me ajudar a perceber, mas sei que ele não é o motivo. Henry e eu não teríamos ficado felizes se tivéssemos passado por isso.

Essa resposta as satisfaz, e esse é o fim da discussão. Nós comemos uma quantidade ridícula de sorvete e assistimos aos filmes. E no final da noite, tenho certeza de que Henry e eu nunca teríamos conseguido. Eu também sei que mal posso esperar para ver Ellis.

Isso é tão errado?

***

EU POSSO TER EXAGERADO para esta reunião de negócios com Ellis. Ou talvez mal vestida seja uma descrição melhor. Esse pequeno número azul sustentado por tiras de espaguete faz meus seios parecerem dez vezes maiores. Eu poderia facilmente usar jeans e uma blusa, mas em minha defesa, este vestido está acumulando poeira na parte de trás do meu armário há séculos.

Quando entro na Bearded Goat Brewery, vejo algo alto, escuro e derretedor de calcinhas, Ellis no bar. Aposto que ele não está suando

agora. Ele está sentado todo calmo, fresco e recolhido. Como se ele fosse o dono do lugar.

O que, bem, acho que ele meio que é, mais ou menos.

Ele me ligou ontem de manhã, me dizendo para encontrá-lo aqui, e eu tenho estado um desastre nervoso desde então.

Eu não deveria estar nervosa, no entanto. Não é como se fosse um encontro.

Quando ele me vê, seu rosto se abre em um sorriso incrível. Gah, é tão deslumbrante.

— Você parece ... uau, — ele respira quando eu estou ao lado dele. Seus olhos percorrem cada centímetro do meu corpo, deixando nada intocado. — Vamos sair daqui. — Ele acena por cima do ombro para o barman e depois coloca a mão nas minhas costas, me levando para fora da cervejaria.

Eu olho para ele. — Eu pensei que você queria falar sobre o seu casamento de cachorro?

— Sim, — diz ele. — Está um pouco barulhento lá dentro.

Do lado de fora, ele me leva ao carro que destruiu a treliça e abre a porta para mim. Enquanto deslizo, estou em alerta por algum motivo. Eu quase sinto que estou fazendo algo errado.

Mas Henry e eu terminamos. E você sabe o que mais? Uma vez que esse pensamento se insinua, parece normal. Como Henry e eu nunca fomos realmente um casal. E agora que a poeira baixou, é como se eu pudesse ver todas as razões pelas quais não fomos feitos um para o outro.

Quando Ellis se afasta, o sol paira baixo no céu, deixando um suave brilho laranja sobre as nuvens. — Eu imaginei que poderíamos ir ao farol e conversar? — Ele olha para mim. — E depois o jantar.

— Eu amo essa ideia. — Este vestido foi um erro. Meus peitos continuam querendo escapar dele, indicativo que é pequeno demais, então eu continuo ajustando e, por sua vez, Ellis continua olhando para mim enquanto ele dirige a meia milha ou mais para o Farol de Júpiter, centrado no Júpiter Enlet.

— Está ficando tarde, então o número de turistas deve ser menor, — ele me diz, enquanto estaciona.

Por alguma razão, estou feliz com isso. Quero aprender tudo o que posso sobre o homem sobre o qual não consigo parar de pensar sem distrações.

Ondas batem contra as rochas que revestem a entrada quando saímos e atravessamos o terreno até a torre cilíndrica vermelha que se projeta em direção ao céu pintado.

Lá dentro, subimos os degraus até o topo em silêncio. Quando alcançamos a vista, é impressionante. Parece que posso ver toda a Flórida daqui de cima. Os barcos andam na água azul-marinho interminável, parecendo brinquedos em uma banheira. Lá de cima, sinto que estamos completamente sozinhos neste mundo.

— Na verdade, eu nunca estive aqui antes, — eu admito.

Ellis descansa a mão ao lado da minha no parapeito azul. — Eu costumava vir muito aqui quando estava no ensino médio.

E eu posso ver o porquê. É certamente um dos melhores lugares do mundo.

Observamos alguns barcos atravessando a enseada, abrindo caminho para o oceano, e então lembro que não estou aqui para passear.

— Então, qual é o nome do seu cachorro?

Seus olhos disparam do oceano para mim. — Spanky, — diz ele.

Eu ri. — Esse é um nome fofo. Que tipo ele é?

— Um cachorro salsicha.

— Você não me parece um tipo de dachshund.

— Não? — Ele se inclina contra o corrimão. — Que raça você acha que eu teria? — Sob o disfarce de consideração ponderada à sua

pergunta, aproveito a oportunidade para examinar sua estrutura alta, dos cabelos despenteados aos tênis nos pés. E todos os músculos magros no meio.

— Um São Bernardo.

Ele sorri. — Por que isso?

Eu dou de ombros. — Eles são o pacote completo. Inteligente, bonito, forte e leal. Eles são uma raça robusta e viril.

A ponta da língua acaricia o canto da boca e meu rosto esquenta com a consciência do que eu acabei de dizer.

— Você não gosta de salsichas? — Ele diz com uma voz rouca.

— Eu amo salsichas, — eu respondo em um tom abafado, quase incapaz de falar. Mal consegui parar de me perguntar como seria sua salsicha dentro de mim. O pau dele. Não o cachorro dele.

Seus olhos caem na minha boca e eu me afasto, em direção ao oceano.

— O ar parece muito mais limpo aqui em cima, — murmuro. — Como se tivesse mágica nele.

O ar quente se eletrifica ao meu redor quando ele se aproxima de mim. Seu braço roça o meu e todo cabelo fino fica em alerta.

— Você acredita em mágica? — Ele pergunta, sem saber do feitiço que está lançando.

— Bem, eu gosto de Harry Potter. — Nossos olhos se encontram e ele sorri. — Deus, isso parecia tão nerd.

— Gosto de nerd. — O sorriso dele desaparece. — Nunca perguntei como você está.

— Como estou indo com o quê?

— Ao cancelar o casamento. Henry. A coisa toda. Sua mãe.

Mordo meu lábio inferior. — Na verdade, estou melhor do que o esperado. Mamãe não estava feliz. — Eu me inclino contra a grade, imitando a posição de Ellis. — Mas, sem dúvida, nunca fomos feitos para ficar juntos. Nós apenas não ... clicamos. Você sabe?

Ellis assente. — Eu sei.

Ficamos em silêncio enquanto a brisa brilha no meu cabelo, até eu me forçar a voltar aos negócios. — Falando no que eu faço, devemos discutir o que você quer para Spanky?

— Ah, sim, — diz Ellis. — Talvez possamos conversar durante o jantar?

Não deveria concordar em jantar, mas concordo.

Não sei o que é esse homem, mas há algo lá. Algo nos unindo.

Ficamos no farol por mais alguns minutos antes de irmos para um café singular na esquina. Estamos sentados em questão de minutos em uma mesa de ferro no pátio, com vista para o oceano. As estrelas brilham no céu como se estivessem fazendo um show apenas para nós.

— Posso pegar uma bebida para você? — O servidor pergunta.

— O que você gostaria, Kiki? — Ellis espera que eu responda, ao contrário de Henry, que sempre pedia vinho para mim.

É bom pedir o que realmente quero. — Só quero o Guinness[6].

— Boa escolha. — Ellis pisca para mim. — Faça dois.

Depois de nos convencer a pedir os sanduíches de frango Cajun, o servidor sai e Ellis se aproxima de mim.

— Então, conte-me tudo sobre Kiki.

Eu rio um pouco — O que você gostaria de saber?

Ele balança a cabeça como se eu precisasse perguntar. — Tudo.

Olho nos olhos dele, me inclinando para frente. — Amo a praia e beber cerveja. — Ri. — Eu sei, sou uma garota da Flórida.

Ele descansa os cotovelos na mesa, adotando minha pose. — Uma gata da Flórida.

---

[6] Marca de cerveja irlandesa cuja história teve início em 1759, quando Arthur Guinness alugou uma fábrica em Dublin, na Irlanda, e começou a produzir sua cerveja. Em 1862 adotou a Harpa irlandesa como símbolo

— Conte-me sobre Ellis?

Ele esfrega a mão no queixo. — Estou aqui para ajudar a reviver uma cervejaria da família, mas espero que Henry invista e preciso de algumas ideias importantes.

— Ahh.

Ellis se recosta na cadeira e um sorriso de desculpas se espalha por seu rosto. — Muito pesado para o jantar, hein?

Sorrio. — Não, acho que pedi. — Me faz sentir estranha estar aqui com ele e ele ainda precisa de Henry para investir. Mas lembro que este é um jantar profissional.

O servidor retorna com nossas bebidas e o clima muda de pesado para leve.

— Você sabe o que precisa, — digo a ele antes de tomar um gole do meu Guinness. — Todas as cervejas são voltadas para os homens, pense nisso. Nós, meninas, também gostamos de cerveja. Por que você não tem algo especial para nós? Que tal uma garrafa de cerveja rosa fresca? Ou alguma cor?

A sobrancelha de Ellis se levanta enquanto ele toma um gole de sua cerveja escura. — Na verdade, — ele pousa o copo, — essa é uma ideia bastante genial.

— Estou apenas dizendo...

Ele me cutuca para mais informações sobre meus gostos e aversões, ouvindo como se estivesse copiosamente anotando em sua mente. — Estou ansiosa para beber um dia, — digo com uma piscadela. — Eu tenho fé em você.

Ele se inclina para mais perto, como se tivesse um grande segredo para me contar. — Na verdade, estou trabalhando em algo há alguns meses.

Coloco meus cotovelos na mesa e uno minhas mãos sob o queixo, chegando mais perto. — Oh, o que é isso? Cerveja rosa?

Ele se recosta, relaxando sua postura. — Não é isso não. Bem, — ele morde o lábio inferior, — é uma bobagem, realmente.

— Conte-me. Por favor.

Ele sorri. — Ok, mas sem rir.

Eu rio. — Prometo.

— É uma cerveja para cães. Mas ... — ele continua antes que eu possa dizer qualquer coisa, — não é cerveja, é uma bebida saudável com todo o material conjunto e probióticos saudáveis de que eles precisam.

Eu pisco para ele, de repente, tendo uma nova apreciação pelo homem sentado diante de mim. — Isso é tão inteligente. O que fez você decidir isso?

— Bem, o mercado também é inexplorado para cães. Mais e mais pessoas estão incluindo cães em sua vida diária fora de casa. — Ele se recosta no banco. — Olhe para você. Os cães precisam mesmo se casar?

Eu rio um pouco — Não, eles não.

— Exatamente. Então, isso é apenas uma dessas coisas.

— Eu, — não posso acreditar neste homem, — acho que é uma ideia brilhante. Você contou à sua família?

Ele balança a cabeça, a luz brilhante em seus olhos escurecendo com a menção de sua família. — Não, eu queria reunir um lote e testá-lo. Você talvez queira ajudar?

— Eu adoraria ajudar. — E então eu me concentro no oceano, para escapar da intensidade dele. Eu preciso lembrar por que estou aqui. Este não é um encontro.

— Você está bem? — Ellis pergunta.

— Sim. — Coloquei minha cerveja na mesa, pronta para ser profissional. — Então, me diga o que você tinha em mente para o casamento.

Ele engasga um pouco com a cerveja, e é a minha vez de perguntar se ele está bem. — Sim, — ele responde. — Acho que algo

não tradicional? Talvez um casamento na praia. A praia é um bom lugar.

Meu coração para de bater. — Talvez no santuário das tartarugas?

— Sim, isso é perfeito.

— Quem é a noiva?

Ele levanta a caneca e me olha por cima da borda enquanto toma um longo gole. Uma bebida muito longa. Quando ele lambe o resíduo de seus lábios sensuais, eu esqueci a pergunta. — Angel, — diz ele.

Eu pisco. — Hum, sim?

Ele ri um pouco. — Não, o nome dela é Angel. — Ele toma outro gole longo, drenando sua cerveja. — Ela é um pastor alemão.

— Realmente? — Eu ri. — Bem, esse é um casal interessante.

— Sim. Spanky é um garanhão.

— Eu aposto. — Assim como o dono dele. Eu bato palmas. — Welp, eu tenho uma ótima ideia. Por que você não traz Spanky para um Spawesome Pamper Package para que eu possa conhecê-lo?

— Oh, isso parece interessante.

— É uma ótima maneira de relaxar.

Ellis assente comigo, mas ele não tem ideia do que está se inscrevendo.

Capítulo Treze

Ellis

NUNCA MINTA SOBRE UM CÃO ...

— EU PROMETO NÃO vou vender seu cachorro. — Digo a Urban por telefone. Eu não posso voltar atrás do spawesome ou o que quer como ela chamou. — Spanky vai adorar. — Para minha sorte, os cães não falam, porque tenho cem por cento de certeza de que o cachorro de Urban me denunciou por não ser seu dono.

— Isso deve ser sobre Kiki, — diz Urban, com muita sabedoria para seu próprio bem.

Eu suspiro. Talvez eu devesse dizer a verdade à Kiki sobre não ter um cachorro. Eu quero um cachorro, acredite em mim, eu amo cães, mas trabalhar o tempo todo e viver em uma fogueira sem quintal dificulta o cuidado de um.

— Eu passo por lá, pego ele, e o trago de volta para você em algumas horas, e então podemos discutir os negócios.

— Combinado. — Urban desliga o telefone e eu pego minhas chaves e carteira da cômoda do hotel.

Pego o cachorro em tempo recorde, deponho seu corpo comprido no banco do passageiro e sigo para o Spaw, parecendo um legítimo dono de cachorro.

Eu tenho todas as coisas: uma trela, uma tigela de cachorro dobrável e uma bolsa para cocô. Não estou muito feliz com esse último.

Para testar as coisas e garantir que estejamos juntos, eu chamo meu novo amigo Spanky algumas vezes no passeio para ver se ele vai me ouvir como se eu fosse seu dono. Ele não atende.

Perfeito.

Um cachorro que me odeia.

Está bem. Não é como se fôssemos sair. Vou deixá-lo para o tratamento no spa e conversar com Kiki enquanto ele está sendo banhado e mimado. Ele vai me agradecer depois, porque tenho certeza de que a ideia de Urban de lavar esse cachorro é com uma mangueira no quintal.

Nós paramos no prédio rosa brilhante, eu jogo o carro no parque e olho em seus olhos castanhos de buggy. — Você está pronto para um banho, garoto? — Eu esfrego sua nuca enquanto ele olha para o prédio com tanto entusiasmo quanto um ciborgue. Reviro os olhos e abro a porta. — Vamos, Spanky.

Surpreendentemente, ele passa do banco do passageiro para o banco do motorista e eu o ajudo a sair do carro.

Quando entramos no saguão frio e climatizado, Kiki acena para nós de trás de um balcão em forma de ferradura.

Porra, ela com certeza tira o fôlego com aquele sorriso assassino que ela tem. — Estamos aqui para o pacote, — eu digo, guiando o cachorro pelo chão de azulejos.

— É o Spanky? — Ela se move de trás do balcão e se dobra nos joelhos para lhe dar uma boa massagem. — Ele é tão fofo.

Eu nunca quis ser um cachorro mais do que agora. Claro, Spanky adora a atenção, lambendo os braços e mãos de Kiki com a língua molhada e desleixada. Eu também gostaria de lambê-la. Oh, os lugares que eu lamberia.

— Sim, este é ele.

— Você é um bom garoto? — Ela pergunta ao cachorro, e ele dá um gritinho como resposta.

Puxa saco.

Felizmente, ela não me pergunta, porque eu teria que dizer detalhadamente a ela que menino mau eu poderia ser.

Ela lhe dá um arranhão atrás das orelhas, levanta-se e volta ao seu lugar atrás do balcão. — Ok, deixe-me só fazer com que vocês se inscrevam, e eu os levarei de volta.

— Oh, eu vou com ele? — Para ser honesto, nunca levei um cachorro para o aparador de barba, mas sempre achei que era mais uma coisa de deixar cair.

— Sim, vocês dois estão recebendo o Pacote Pamper Spawesome. — O sorriso dela é grande. Um pouco grande demais, como se ela estivesse segurando uma risada.

— Espere, estou perdendo alguma coisa?

Ela acena a mão para a parede atrás dela, onde uma placa está pendurada, mostrando os detalhes desse chamado Pacote Pamper Spawesome.

Eu li a primeira linha para mim mesmo, e é um pacote de cuidados pessoais de — cão e eu. Uma manicure/pedicure do dono e do cão completa com mirtilo facial.

Não.

Hoje não.

— Oh, Eu não percebi que era uma coisa conjunta. — Olho para minhas unhas aparadas. — Eu acho que estou bem.

Kiki olha para Spanky e estaciona as duas mãos nos quadris, parecendo sexy como o inferno. — Você quer uma pedicure com seu pai?

Ele solta o mesmo som de latido e abana o rabo. Traidor.

— Você não tem algum tipo de coisa de entrega de pacotes?

— Oh vamos lá. Onde está a diversão nisso? — Ela me dá um sorriso lento que ela não me deu antes, e eu me pego pegando minha carteira para comprar qualquer coisa que essa garota esteja oferecendo.

A próxima coisa que sei é que estou vestindo uma túnica sobre as roupas e reclinado em uma cadeira de couro com Spanky sentado em uma versão menor ao meu lado.

Ele parece com aqueles cães na internet recebendo o pacote completo de spa, tudo o que falta são as fatias de pepino sobre os olhos.

Ele está amando isso.

Puxa saco.

— Eu vou fazer o facial de mirtilo para você, enquanto Spanky relaxa um pouco. — A música toca na sala em um volume baixo enquanto Kiki se move para um alto armário branco, mexe algumas coisas ao redor e volta com uma tigela pequena.

— Seja gentil comigo, — digo a ela. E imediatamente, imagino sexo duro e violento. Ela curvada sobre esta cadeira com aquele vestido de verão empurrado sobre sua bunda e meu pau afundando profundamente dentro de sua vagina.

Porra.

— Eu tenho o toque mais suave da cidade. — Aposto que ela tem. Ela coloca a tigela em uma mini mesa ao meu lado. — Vai ser um pouco frio no começo, — diz ela, pressionando as mãos nas minhas bochechas.

Eu me sacudo um pouco, e não por causa da temperatura da pasta, mas porque ela está me tocando. E parece fodidamente fenomenal.

Ela esfrega a loção na minha pele e eu fecho meus olhos, porque se eu continuar olhando para ela agora, posso fazer algo que nós dois nos arrependeremos, como beijá-la.

Ela massageia meu rosto, através das maçãs do rosto e da testa, ao longo da mandíbula, e devo dizer que isso é definitivamente incrível. É como uma dança perfeitamente trabalhada. Já viu Karate Kid?

Os originais, não o do filho de Will Smith. Daniel e a garota fazem essa cerimônia do chá, e é como a forma mais lenta de preliminares já conhecida pelo homem.

É o que isto é. São preliminares dolorosamente lentas. Mas, eu estou gostando mesmo.

Não ouso dizer uma palavra. Eu nem respiro até que ela para de esfregar e depois coloca um pano quente no meu rosto.

— Sua pele é tão suave, — ela murmura, removendo o pano do meu rosto e estendendo a mão da minha testa para minha mandíbula.

Nossos olhos se conectam e realmente não há nada neste momento que possa me fazer quebrar essa conexão.

Exceto, Spanky. Ele faz aquela coisa chata de latido/grito para interromper o momento e ela rapidamente se afasta.

Estupido.

— Então, quando é o grande dia? — Ela pergunta, indo para uma pia de porcelana e lavando as mãos. — Nós provavelmente deveríamos começar a planejar.

— Porra. Escute, eu tenho uma confissão. — Ela olha por cima do ombro para mim. — Eu não tenho cachorro.

— Você está bem? — Ela quase tem um desfibrilador neste momento, mas se alguém pode abanar, ela pode. — Tenho certeza de que é um cachorro ao seu lado.

— Ele não é meu. — E então eu continuo: — Eu meio que o peguei emprestado.

Felizmente, as rugas entre as sobrancelhas de Kiki não são uma indicação de que ela está prestes a fugir desta sala. No entanto, não há como manter a farsa. Eu odeio mentir para ela. Eu teria que encontrar um pastor alemão para casar com Spanky e é mais fácil dizer a verdade. Baseado no jeito que Spanky estraga tudo, não tenho certeza se ele é do tipo que se casa.

— Por que você faria isso? — Ela pergunta, seu lábio inferior se sobressaindo.

— Só te queria levar para sair.

Ela limpa a garganta e passa por um processo agonizante e lento de secar as mãos pelo que parecem séculos antes de finalmente responder: — Me levar para sair? Como um encontro?

Essa garota é tão bonita que é difícil se concentrar no que ela está dizendo. Eu sei, eu estou indo para o inferno, eu não costumo ser um desses tipos de cara. Você sabe, aqueles que não conseguem parar de olhar para um bom conjunto de mamas. Eu olhei para a Kiki uma ou duas vezes, mas não lascivamente.

Estou apreciando.

— Bem, sair não precisa de um nome. — Eu levanto. — Eu quero te conhecer.

E eu quero. Quero saber tudo sobre o spa dela e o que ela faz por diversão. Quero saber a cor de sua calcinha e os sons que ela faz quando chega. Não vou sugerir que rotulemos isso como amigos, porque não há como me colocar na zona de amigos mortais.

— Você parece realmente tensa, — digo a ela. — Quer que eu faça um tratamento facial?

Para minha surpresa, porque não tenho ideia de como fazer um tratamento facial, ela caminha para a cadeira e se senta.

— Sim, — diz ela, fechando os olhos. — Use o que resta na tigela.

— Olha, há uma festa na casa do meu irmão, — digo a ela, mergulhando meus dedos na gosma. Deslizo sob seus olhos, como tinta de guerra. Sua pele é como seda enquanto esfrego as pontas dos meus polegares em suas bochechas. — Pode ir e dar uma volta. Você tem que comer de qualquer maneira.

— Uma festa. Humm. — Ela reflete. — Você não acha que é muito cedo?

Ela não está dizendo não, e estou aceitando isso como um bom sinal. — Eu acho que o tempo é relativo.

— Ok, — ela concorda, abrindo os olhos. — Nós podemos... socializar.

Eu traço meus dedos ao redor do arco de seus lábios. — Sim, socializar. Eu gosto disso.

Agora estou fodidamente nervoso. Eu não fico nervoso. Esta é a minha única chance, e por que isso é tão importante para mim, eu não sei.

— Conte-me sobre o seu negócio, — eu digo, deslizando meus dedos ao longo de sua mandíbula. Ela fecha os olhos novamente e me conta tudo sobre como ela e Poppi começaram a Spaw Dog com um pequeno empréstimo bancário e um sonho. Como cada parte de seu sucesso se deve à dedicação a cada cliente. Ela é inteligente e é uma grande excitação. Estou cativado por ela, confiando nela cada palavra.

Eu acho que o que a torna tão atraente é que nem sabe o quão fofa é. Ela parece um mirtilo, e eu adoro isso. Eu quero lamber tudo isso do rosto dela. Deus, é como se eu tivesse sido transportado de volta para o ensino médio.

Eu não quero que isso acabe. Pela primeira vez em muito tempo, sinto-me de castigo. O desejo de espalhar a mistura pela crista da clavícula e pelos seios é forte, mas ela acaba com o tratamento facial.

— Você é realmente bom nisso, — diz ela, colocando a mão na minha, — mas devo voltar ao trabalho.

Antes que eu possa lhe garantir que sou muito melhor em outras coisas, ela balança as pernas para o lado da cadeira e se levanta para pegar uma toalha e limpar o rosto.

— Ok, Spanky, — diz ela, — sua vez.

Ele abana o rabo e eu me inclino contra a parede para vê-la trabalhar.

Uma música popular entra na sala, talvez Taylor Swift? e ela canta enquanto mima Spanky.

Eu sorrio enquanto a ouço. — Umm, eu não acho que essa seja a letra de verdade.

Kiki para de cantar. — Era mesmo. Confie em mim. — Ela começa a cantar de novo, e desta vez eu sei que ela não está dizendo as palavras certas.

Eu rio. — Não pense que essas são as palavras certas também. — Vou ser sincero, essa garota pode não tocar uma música, mas ela está comprometida, e eu tenho que lhe dar crédito por isso.

Quando Spanky está pronto, e suas pernas de t-rex estão na porta do salão, tentando abri-la, eu lhe dou os detalhes da festa amanhã à noite.

A festa que eu inventei. E agora, tenho que convencer Urban a dar uma.

****

— APENAS CONVIDE ALGUMAS PESSOAS. — Eu convenço meu irmão enquanto estamos no pátio de trás de sua casa que está localizada ao longo da água. — Não é como se você não se divertisse aqui.

Quem pode culpá-lo? Sua casa tem 1,5 mil metros quadrados de puro relaxamento. Doca para barcos, montagem de pátio maciço com cozinha externa e bar ao ar livre e, claro, grandes portas de pátio que ficam abertas com as cortinas macias e onduladas que fluem na brisa.

— Eu não sei, — diz ele com um sorriso. — Eu costumo entreter apenas uma mulher de cada vez.

Eu reviro meus olhos. — Eu preciso que uma festa aconteça amanhã à noite. Faça isso e eu lhe direi no que estou trabalhando.

— Por que você simplesmente não a convida para jantar, como uma pessoa normal?

— É complicado.

Urban se levanta da cadeira do pátio e vai até o frigobar na cozinha ao ar livre para pegar outra cerveja. — Por quê? Você disse que ela terminou com Henry.

Eu olho para a água. — Eu não quero apressar as coisas.

— Então, você diz. — Ele volta para sua cadeira. — Você está pronto para se casar?

Eu quase cuspi minha cerveja. — Casar? Ainda nem chegamos a um encontro.

Ele reclina na cadeira. — Sim, mas é óbvio que ela quer se casar, certo? Quero dizer, ela estava noiva. Alguém como ela provavelmente espera que você a peça depois de um breve namoro como Henry fez.

Puxo a gola da minha camisa polo. — Não fale sobre ela assim.

— Ah, — ele diz.

— Ah o que?

Ele aponta sua garrafa de cerveja para mim. — Você já está defendendo a honra dela.

— Basta ter uma pequena festa, — digo a ele. — Eu devo uma a você.

— Oh, você já me deve, — diz ele. — OK eu vou fazer isso. Agora vamos conversar sobre negócios. Alguma atualização sobre Henry?

— Ele disse que ainda está trabalhando nisso. — Inclino-me para frente e descanso os braços sobre a mesa. — Será que isso vai importar? Será que ele sequer se importa?

— Isso importa para mim, — diz ele.

— Por que estamos tentando desesperadamente salvar algo que nosso pai não se importa?

Urban fixa seus olhos castanhos nos meus. — Ouça, esqueça o papai. Há outras pessoas investindo nesta cervejaria, além dele.

Ele tem razão. Urban e eu temos muito a perder. Eu sorrio largamente. — O que você acha dos cachorros bebendo cerveja?

Capítulo Quatorze

Kiki

NUNCA PARE DE DANÇAR ...

— COMO VOCÊ ENCONTROU ESTE LUGAR?

— É a novidade, — grita Lola para mim com os peitos saltando ao ritmo da música techno alta que sai de dois alto-falantes pretos a menos de três metros de distância.

— Este é definitivamente um vencedor, — diz Poppi, dançando ao ritmo, em meio à multidão de praticantes.

— Eu já disse, raves matinais são a melhor nova maneira de se exercitar. — Lola gira os quadris, o suor já escorrendo da testa.

Sim, você adivinhou. Lola atacou novamente. Desta vez, em uma sala do tipo armazém com um DJ ao vivo no palco, uma rave matinal irrompe ao nosso redor. O espaço ainda tem enormes telas de LED nas paredes e uma luz imersiva.

Sete da manhã é muito cedo para essa insanidade.

Mas, quando olho ao redor, a multidão de mulheres vestidas com roupas de ginástica, dançando de bunda, parece estar adorando.

E eu tenho que admitir um segredo, eu também estou adorando. É um impulso muito legal para uma manhã de quarta-feira chata.

Eu posso não ser a melhor dançarina, mas essas luzes piscantes colocam todos na sala no mesmo nível. Definitivamente, isso é melhor do que uma cabra pisando em mim. Enquanto as luzes mudam de azul para rosa e amarelo, eu coloco um pouco mais sensualidade em meus movimentos, praticando para a festa hoje à noite.

Azul: passei minhas mãos pelos meus cabelos.

Rosa: rolo os ombros.

Amarelo: ondulação inferior do corpo.

— Você está bem? — Poppi pergunta.

Azul: mão na minha cabeça, encher o peito.

Rosa: lábios franzidos, cabeça inclinada.

Amarelo: até o chão.

— Oh meu Deus, Lola, — Poppi grita sobre a música, — Algo está errado com Kiki.

Eu apareço da minha dança. — O que? Eu só estou dançando.

— Oh. — Ela ri. — Continue então.

E eu continuo. Quando a aula termina, eu tenho uma boa noção de todos os meus movimentos.

— Foi muito divertido, — eu digo ao sair.

— Você parecia estar possuída, — diz Poppi quando saímos para a luz do sol. Eu prefiro assombrada, mas semântica.

Lola sorri. — Talvez tenha algo a ver com o encontro dela hoje à noite.

Eu rio. — Não é um encontro.

— Você planeja conversar com Henry sobre isso? — Lola pergunta.

Eu aceno, abrindo a porta do meu carro. — Eu planejo. É justo. Além disso, ainda tenho algumas coisas dele em minha casa.

Nós nos despedimos, e eu vou para casa para tomar banho e me vestir, e depois vou para o trabalho.

Quando chego, concentro-me nos filhotes e nada mais. Se eu começar a pensar em Ellis e na festa hoje à noite, nada será feito. Então, não vou me permitir sucumbir a essa tentação.

O dia passa em um borrão de cachorros mimados e termina com uma pergunta do meu último cliente sobre um casamento para seu Dogue Alemão. Dizer que estou empolgada é um eufemismo.

— Sinto muito pelo marido da Precious. Ela é uma cadela de verdade. — Poppi murmura enquanto tranco a porta. — Quem diria que os casamentos de cães se tornariam uma coisa?

— Sim, não é ótimo.

Poppi sorri, mas não alcança os olhos dela, depois se torna uma careta. — Devo ficar chateada que Precious possa encontrar alguém tão facilmente, e eu não posso?

— E o fazendeiro? — Eu me encolho com a lembrança de todo o incidente com as cabras da fazenda. — Eu pensei que você tinha uma queda por ele?

Poppi encara suas unhas com pontas rosadas. — Sim eu tinha.

— Tempo passado?

— Bem, conversamos por telefone algumas vezes e tudo estava indo bem. Mas então, ele nunca ligou novamente.

— Poppi, se um homem te quer o suficiente, ele fará um esforço. — Eu sorrio um sorriso caloroso. — Não se estresse, você encontrará alguém em breve.

Ela suspira. — Eu sei eu sei. Por enquanto, vou viver indiretamente através de você.

Eu rio, mas o riso não é real. Não gosto de ver minha amiga chateada e gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer. — Quer tomar sorvete?

Ela balança a cabeça. — Prometo, eu não estou tão chateada.

— Quer ir a uma festa comigo esta noite?

Ela contempla por um minuto, mas depois sorri. — Não, eu realmente tenho um bom livro com o qual quero me aconchegar esta noite.

— Tem certeza?

— Sim, vá aproveitar sua noite com Ellis.

Eu dou um abraço em Poppi. — Eu amo você, garota.

Ela me mata, brincando. — Vá, saia daqui.

***

— 445 CABANA WAY. Vejo você às sete.

Do meu carro, li o texto de Ellis com o endereço de Urban, para ter certeza de que estou na casa certa. Os números da casa monstruosa de dois andares correspondem, mas não há carros alinhados na rua. Talvez os outros convidados tenham chegado de barco. Os ricos podem se transportar como quiserem.

Parte de mim pensa que eu deveria voltar para casa e cancelar essa socialização com Ellis, mas enquanto eu ando pelo caminho que leva à frente da casa, a porta se abre. — Hey, — Ellis me cumprimenta. Ele sorri, efetivamente desligando minhas dúvidas sobre estar aqui.

— Oi. — Entro na varanda da frente. — Esta é uma bela casa.

— Estou feliz que você veio, — diz ele, colocando a mão nas minhas costas para me levar para a entrada, pela sala de estar e para um deck espetacular com vista para a água.

— Olá, — diz o irmão, levantando-se do assento na mesa do pátio. — Houve um pequeno acidente, e eu esqueci de convidar pessoas.

Ellis passa a mão pelos cabelos e olha para mim. — Sim, parece que somos apenas nós três.

— Bem, três são suficientes, — eu digo, sem saber como você se esquece de convidar pessoas para uma festa, mas aliviada por não ter que me misturar com estranhos. Aparentemente, eu apenas o beijo.

Passamos alguns minutos conversando, e Ellis diz: — Tenho uma surpresa para você.

— Eu deveria estar nervosa? — Eu o provoco.

— Você vai ver. — Ele diz a Urban que voltaremos em breve, então pega minha mão e me leva pelas escadas em direção ao cais. — Urban me emprestou seu pescador esportivo.

É grande. É como um iate sem o título chique.

Ao embarcar, percebo que meu minivestido turquesa foi um erro. A brisa pega a saia flutuante e eu tenho um momento de Marilyn Monroe com minha bunda no rosto de Ellis.

— Porra, — ele grita.

— Foda-se é certo, — eu digo de volta enquanto tento cobrir minha calcinha. É assim que sei com certeza que evitei o desastre com Henry, nunca fiz um esforço com minha calcinha.

Quando finalmente estou a bordo, evito olhar para ele. Mas posso sentir seu olhar penetrante enquanto encolho os ombros num colete salva-vidas. Não sou obrigada a usar um, mas ... sinto que estou me afogando.

Ele dirige o barco para a Intracoastal Waterway, parando para deixar o barco flutuar na água, e eu o espio do meu assento. Ele parece magnífico, como um pirata desonesto, com o vento puxando seus cabelos escuros.

— Eu também trouxe comida, — diz ele. — Espero que você goste de sanduíches.

Eu rio. — Eu amo sanduíches.

Ele olha para mim com um olhar nos olhos, que me diz que algo está em sua mente. — Eu só quero dizer uma coisa. — Ele morde o lábio inferior, e isso me faz querer mordê-lo também. — Eu entendo se você quer levar as coisas devagar. Ainda não tenho muita certeza do que é isso ou que atração que eu tenho por você...

Levanto-me, atravessando o convés de madeira até estar ao lado dele. — Não vamos colocar um rótulo nas coisas. Isso complica tudo.

Ele solta um suspiro profundo de alívio. — Eu gosto desta ideia. — Ele se aproxima mais, com os olhos nebulosos. — Você sabe do que mais eu gosto?

— Não, o quê?

— Você. Gosto que você vista esse colete salva-vidas, mesmo que você caísse, eu pularia para salvá-la em um piscar de olhos. Eu gostei do jeito que você corou quando vi sua bunda perfeita. Não consegui parar de pensar em você desde o primeiro momento em que te vi. E não consegui parar de pensar no beijo que compartilhamos naquele dia e no quanto quero fazer novamente.

Ele se inclina, plantando seus lábios nos meus, e a próxima coisa que sei é que estou flutuando em uma nuvem de luxúria. Cafona, eu sei, mas oh, é verdade.

Eu me agarro mais apertado enquanto ele aprofunda o beijo, acariciando sua língua contra a minha. Suas mãos removem o colete salva-vidas e depois exploram minhas costas e quadris. De alguma forma, descemos para a cabine do barco ainda com os lábios fechados.

As coisas pioram quando acabamos em uma cama macia cheia de travesseiros. Suas mãos tocam em todos os lugares, e então ele quebra o beijo, pairando sobre mim.

— Porra, — ele geme. — Você me deixa tão duro, Kiki. Eu nunca quis tanto alguém.

Suas palavras cruas e carentes me estimulam a dizer coisas que nunca disse: — Toque-me, por favor, — imploro.

Ele pressiona sua dureza em mim e ele é grande. Ele mantém sua posição, sem se mexer, seus olhos verdes ainda ardendo nos meus. — Eu vou continuar te beijando até você gemer meu nome quando gozar.

— Promete? — Eu desafio, me sentindo mais confiante em seus braços.

Ele sorri, lento e firme, como se eu tivesse dito tudo o que ele sempre quis ouvir. — Eu prometo, e só para você saber, eu nunca faço promessas que não posso cumprir.

Minha respiração engata. Este homem fala a sério, e eu estou pronta para descobrir se é verdade. Ele pressiona em mim, e eu sinto

que estou surfando uma onda que não quebra. É incessante. Tonto. Ele está realmente balançando o meu mundo. E se não parar, eu poderia apenas... vomitar?

— Ellis, — digo contra seus lábios.

— Mm, eu amo quando você diz meu nome.

O barco mergulha e balança, e meu estômago vai com ele. — Eu acho que vou vomitar.

Ele para, mas o movimento não. — Oh merda, — diz ele. — Você está branca como um fantasma. — Ele me cutuca na barriga com o pau duro enquanto sai da cama e pega uma lata de lixo. — Aqui. Só por precaução. Vou pegar um remédio.

— Obrigada, — eu digo, sentando-me. Grande erro.

Vou poupar os detalhes do que acontece a seguir. Tudo o que posso dizer é que nos conhecemos muito melhor.

***

— EU REALMENTE SINTO MUITO, — peço desculpas novamente, pela milionésima vez. — Eu nunca tive enjoo antes. — Quando estamos de volta em terreno sólido, a doença desaparece em um instante.

E eu tenho que elogiar Ellis por ser um verdadeiro campeão. Outros caras, por exemplo, Henry, provavelmente só me deixaria ficar doente em particular, não prestando ajuda.

E estou começando a perceber que Ellis não é como a maioria dos caras.

— Está tudo bem, — Ellis me assegura enquanto caminhamos sob a luz da lua em direção à casa agora escura de Urban. — Ele provavelmente está dormindo. — Eu o sigo escada acima e atravesso o convés. — Urban? Você está em casa? — Ele chama quando entramos pelas portas do pátio.

Uma luz acende na cozinha. — Ellll-isss, — Urban grita, tropeçando um pouco para abraçar Ellis. — E Kikikiki, — ele soluça através do meu nome. — Vocês voltaram. — Ele olha no peito nu de Ellis. — Onde está sua camisa? — Ele tira a roupa e a joga. — Eu não preciso de uma também.

Ele também tem um tanquinho. Deve ser de família.

— Kiki ficou um pouco enjoada, — explica Ellis. — Quanto você bebeu?

— Não muito, — diz ele, mas as evidências em cima da bancada da cozinha dizem que é mentira. Uma garrafa vazia de Hendrick está deitada de lado, com outra garrafa meio vazia ao lado. Ele volta sua atenção para mim. — Você está bem?

— Sim, — eu respondo. — O barco está todo limpo. Ellis levou o pior.

Ele ri, trazendo a bebida para os lábios por outro gole. — O barco não importa. Kiki, você sabia que vamos perder tudo?

Antes que eu possa perguntar o que ele quer dizer, Ellis pega a bebida da mão dele. — Ok, aí. Vamos levar isso e pegar um café para você. Estou meio que me tornando um especialista em cuidar de pessoas bêbadas.

Entro em ação. — Eu vou fazer o café, se você quiser colocá-lo no sofá.

— Bem pensado. — Ellis coloca um braço em volta de Urban e o leva para a sala de estar.

Leva apenas alguns minutos para eu encontrar uma caneca em seus armários e colocar uma cápsula em seu Keurig.

— Vocês dois formam o melhor casal, — Urban murmura do sofá enquanto eu me aproximo.

— Oh, não somos um casal, — eu digo, colocando a caneca de café fumegante na mesa em frente a ele.

Os olhos de Ellis disparam para mim.

— Não, vocês são um casal, — continua ele. — Ellis estava dizendo que queria se casar com você.

— O que? — Ellis diz. — Alguém está claramente bêbado e falando sem sentido.

Urban aponta para ele. — Você disse que queria se casar com ela.

Ellis solta uma risada e se vira para encontrar meu olhar. — Tenho certeza que ele tem intoxicação por álcool.

— Está tudo bem, — finalmente encontro minha voz para dizer, meu coração galopando com as palavras de Urban. — Não estou esperando casamento nem nada.

— Mas você já estava noiva, — Urban rebate mais uma vez antes de desmaiar. Eu me encolho.

Ellis esfrega a nuca. — Hum, ouça, ignore-o. Eu nunca disse nada assim.

— Tudo bem. Só posso imaginar como isso deve parecer para ele. — Suspiro, querendo limpar o ar. — Eu não queria substituir Henry.

— Eu sei. É por isso que eu não quero sentir como se estivéssemos nos precipitando em nada..., mas, eu gostaria de te levar para sair. Em um ambiente social.

Em vez de concordar com mais travessuras, faço a coisa certa e evito: — Eu deveria ir para casa. Eu tenho uma aula de karaokê às oito da manhã.

Ele ri. — Isso parece interessante. Onde eles têm isso?

— Fab Fitness. Você deveria tentar algum dia. — Divago para aliviar o constrangimento que envolve a sala. — Não que você precise, obviamente. — Pego minha bolsa no balcão. — Ok, eu estou indo agora.

Ele assente e cruza os braços sobre o peito espetacular e nu. — Eu te acompanho até a saída.

— Não, realmente está tudo bem. — Porque se me acompanhar, talvez eu não consiga evitar beijá-lo novamente. Atravesso a cozinha em direção à entrada em arco e paro no meio do caminho. — Obrigado por segurar meu cabelo no barco.

Ele sorri, e então me apresso antes que eu faça a coisa errada e o convido a voltar para casa comigo.

Capítulo Quinze

Kiki

NUNCA CANTE KARAOKE ENQUANTO ANDA DE BICICLETA...

— SABE QUE DIA É HOJE**?** — Lola canta no meio de um estacionamento lotado, com um pequeno movimento nos quadris. — É aula de karaokê, vadias.

— Não vou cantar, — diz Poppi, jogando uma toalha branca de ginástica por cima do ombro.

— Estou com Poppi, — digo. — Não vou cantar.

Não há como me concentrar quando minha mente ainda está no barco de Urban. — Você tem que cantar, — Lola faz beicinho quando nos aproximamos das portas da academia. — Qual o sentido de estar aqui, então? Nós poderíamos simplesmente ir para uma aula de passeio regular.

Os lábios de Poppi se torcem em um pequeno sorriso. — Tudo bem, eu posso ser convencida a tocar uma música antes do café da manhã. Mas não Lady Gaga.

— É como se você estivesse literalmente tentando arruinar a minha vida. — Lola abre a porta de vidro e nós a seguimos até uma área envidraçada cheia de bicicletas estacionárias.

— Eu paro no limite da Lady Gaga. Desculpe querida. — Diz Poppi.

Quando selecionamos nossas bicicletas para o lado das seis fileiras, uma voz diz atrás de mim: — Eu acho que essa é minha.

Eu me viro para ver Ellis de short preto e uma camiseta da Bearded Goat Brewery sorrindo para mim.

— Ellis, o que você está fazendo aqui?

— Você me convidou. — Poppi e Lola me olham de lado. — Oi, senhoritas, — ele cumprimenta minhas amigas.

A conversa é interrompida quando uma mulher flexível com um rabo de cavalo escuro se aproxima da frente da sala. Subimos em nossas bicicletas enquanto ela nos recebe e dá uma visão geral do que acontecerá.

— Basta olhar para a tela se você não souber as palavras, — ela aponta atrás dela. — Eu estarei por perto com um microfone, então prepare-se para cantar.

Lola ri. — Isso vai ser divertido.

Coloquei minha garrafa de água na pequena fenda da minha bicicleta e dei um positivo para Ellis. Isso vai ser interessante.

A primeira música começa e *Living On A Prayer*, de Bon Jovi. Oh, bom, eu nem preciso da tela para esta.

Margaret nos instrui a aquecer e fazer o sangue bombear. Poppi revira os olhos com um sorriso e aumenta sua velocidade.

Estou tentando o meu melhor para me concentrar em tudo o que está acontecendo ao meu redor, mas as pernas de Ellis andando de bicicleta ao meu lado são muito perturbadoras.

Margaret ziguezagueia pela sala e se aproxima de mim e enfia o microfone na minha cara. *It doesn't make a difference if we're naked or not*, eu canto com um rubor, antes de cantar o refrão.

No meu periférico, a cabeça de Ellis se vira para mim. Ele sorri enquanto Margaret segue para Lola. — Essa não é a letra, — diz ele, — mas eu gosto mais da sua versão.

O que? Olho as palavras rolando na tela enquanto Margaret continua se movendo pela classe. E, oh meu Deus, levei anos para perceber que ele não estava dizendo 'nu'.

Gotas de suor na minha testa, e eu posso sentir o sangue bombeando. Não sei se é da bicicleta ou de ter Ellis perto de mim. Ele até transpira sensualidade.

Quando Margaret finalmente enfia o microfone na cara dele durante *Girls Just Want To Fun* ele diz com muito charme: — Oh, não, obrigado. Eu estou bem.

Eu ri. O fato de ele aparecer aqui vale alguma coisa. Então, eu vou deixá-lo passar sem cantar. Quarenta e cinco minutos depois, terminamos a aula com o número da Madonna, e eu rio enquanto Poppi faz a última nota. Ela não pode mentir e dizer que não adorou isso. Eu a conheço, ela adorou. Todas nós adoramos.

— Muito melhor do que yoga de cabra, — diz Poppi quando saímos da sala de aula de. — O que você achou, Ellis?

— Foi diferente, — diz ele, abrindo a porta para nós.

Enquanto as pessoas saem para o estacionamento ao nosso redor, não sei como sair. Quais são as regras aqui? Acabei de dizer tchau? Porque eu quero fugir do homem atualmente encantando minhas amigas. Ele me salva do constrangimento. — Eu deveria ir. — Ele olha para mim com promessa nos olhos. — Falo com você mais tarde.

— Obrigado por vir.

— Não teria perdido a oportunidade de vê-la cantando em uma bicicleta. — Meus olhos estão presos ao movimento dele passando os dentes pelo lábio inferior. Eu sinto que ele acabou de me despir na

frente das minhas amigas. Depois de um rápido adeus a Lola e Poppi, ele se vira e caminha pelo estacionamento.

— As coisas estão ficando bem sérias com Ellis, o cara da treliça, não é? — Lola pergunta.

Franzo a testa um pouco, querendo que as coisas sejam eternamente sérias com Ellis, mas sabendo que elas não são. — Eu não sei, — digo a elas.

— O que está errado? — Poppi pergunta enquanto caminhamos para nossos carros. — É só que ... sei que ele partirá em breve.

Lola envolve um braço em volta de mim. — Se é para ser, tudo vai dar certo.

Eu odeio quando as pessoas dizem isso. Eu amo Lola, mas sinto que às vezes você precisa fazer as coisas acontecerem, e não tenho tanta certeza se devo.

***

— ***ME ENCONTRE NO PIER***. — Uma mensagem de Ellis diz: depois que estou em casa do trabalho no dia seguinte. — ***Use um maiô***.

Eu rapidamente respondo uma resposta. — ***Ooh, isso parece interessante***.

— ***Eu prometo que você vai adorar***.

Usando a desculpa de que meu sofá não sentirá minha falta para justificar como eu nem pensei em dizer não, eu corro para o meu quarto e me troco.

Quando chego, encontro um Ellis sem camisa, de bermuda preta, de pé na praia com duas pranchas de surfe a seus pés.

— Ei, pronta para surfar?

Meus dedos afundam na areia quente enquanto me aproximo. — Hum, eu nunca surfei antes.

Ele ri, parecendo um deus grego aqui ao sol. — Eu andei de bicicleta por você. Pensei em mostrar um dos meus treinos favoritos.

Eu sorrio. — OK vamos fazê-lo.

Ellis me estuda por um segundo antes de aproximar um quadro. — A primeira coisa que você precisa saber sobre o surf é o equilíbrio. Você consegue se equilibrar? — Seus olhos percorrem o meu corpo.

— Eu posso equilibrar uma cabra na minha bunda.

— Touché. — Ele olha para mim. — Eu só quero dizer que pagaria um bom dinheiro para ver isso.

— Não foi fácil.

— Eu aposto. — Ele sorri. — E a cabra também parecia Henry. Que coisa mais estranha de se imaginar.

Eu ri.

Ellis fica sério. — Que tipo de animal você acha que eu pareço?

— Hmm... — Eu o estudo. Seus olhos estão mais escuros hoje, o verde virou quase preto. — Pantera, — eu sussurro. — Porque você me olha como se quisesse me comer.

Ele se aproxima. — Talvez porque eu quero. — Uma família passa, apagando as chamas entre nós. — Devemos começar, — diz ele.

— Concordo. — É uma coisa boa também, porque eu provavelmente deixaria Ellis fazer qualquer coisa com meu corpo aqui na praia.

Dado o grande número de pessoas aqui, isso provavelmente seria desaprovado. Tiro o meu vestido de verão e Ellis respira fundo.

— Droga, — ele assobia, seus olhos queimando o tecido do meu biquíni azul e laranja. Ele me dá algumas dicas sobre como mergulhar adequadamente, saltar e como manter meus pés seguros. E depois de ouvi-lo falar sobre o surf por alguns minutos, mal posso esperar para começar.

— Vamos começar fácil. Basta levar você até lá e ficar confortável com a prancha e as ondas.

— Ok eu gosto disso.

— Então, vamos nadar até depois do intervalo, e ver se podemos começar com algumas pequenas ondas para começar.

Eu sorrio. — Parece bom.

As ondas não são muito grandes aqui na costa leste da Flórida. Pelo menos hoje não. Nós caminhamos para o surf fresco, nós dois segurando nossas pranchas enquanto nos dirigimos para o azul profundo. Ellis aparece em seu quadro e senta-se, montando nele. Eu sigo o exemplo.

— O que agora? — Eu pergunto.

— Agora vamos esperar. — Ele olha para trás para verificar a atividade das ondas atrás de nós. Viro minha cabeça para dar uma olhada no que ele vê.

— Algo bom?

Ele sorri. — Ainda não, mas haverá.

— Você cresceu surfando? — Eu pergunto, enquanto esperamos com o sol batendo em nós.

— Meu irmão e eu costumávamos sair muito depois da escola quando éramos mais jovens. Antes de pegarmos carros e descobrirmos garotas.

Eu rio. — Ah, você namorou muito na escola?

Ele balança a cabeça. — Não tanto quanto meu irmão. Eu tinha algumas namoradas, nada muito sério. E quanto a você?

— Bem, eu cresci aqui, talvez tenha um namorado na escola. Mas nunca tive nada muito sério até conhecer Henry.

— Como você começou a cuidar dos cães? — Ele pergunta, arrastando a mão pela água.

— Poppi e eu trabalhamos para um cabeleireiro, e ele estava vendendo sua loja, para poder se aposentar. Então, nós demos o salto. — Eu suspiro. — Eu amo cachorros.

— Já reparei. — Ele sorri. — Mas você está certa, isso é um grande salto.

— Deve ter sido o mesmo para você quando você saiu da Flórida para se mudar para Atlanta.

— Sim. — Ele espia por cima do ombro mais uma vez. — Aí vem uma onda. Agora reme com os braços e depois suba na prancha como expliquei, para ficar de pé.

Ele faz parecer que não há como eu não conseguir isso. Claro, eu já vi filmes de surf. E claro, em teoria, tudo parece muito fácil. Na verdade, eu sei que entendi a essência da ideia. Mas, é o aspecto físico da coisa toda. Mesmo que eu esteja remando o mais rápido possível, superar essa onda parece quase impossível.

— Você conseguiu, — encoraja Ellis. — Agora suba na prancha.

Eu tento. E não tenho sucesso. Embora eu esteja me divertindo.

Ellis consegue a onda perfeita e faz com que pareça fácil. Às vezes, as coisas vêm facilmente para as pessoas.

Como Lola e fitness. Ou Poppi e sarcasmo.

Alguns de nós têm que trabalhar para isso. Dou tudo o que tenho e subo na prancha.

Ellis aplaude enquanto sigo uma pequena onda.

Na praia, ele me pega e me gira. — Você acertou em cheio. — Meu corpo desliza pelo dele enquanto ele me coloca de volta na areia. Seus olhos me penetram, me fazendo querer muito mais desse homem. — Então, eu tenho algo para lhe mostrar.

Eu sorrio largamente. — O que é?

Ele joga uma camiseta. — Está na cervejaria. — Ele faz uma pausa. — Nós poderíamos nos encontrar lá mais tarde, depois de irmos para casa e tomar banho.

Outra ideia se forma na minha cabeça. — Me siga até em casa.

Capítulo Dezesseis

Ellis

NUNCA RECUSE UM BANHO...

Meu coração dispara enquanto sigo Kiki de volta à casa dela.

É assim mesmo.

Entramos na entrada da garagem dela e seguimos para a casa dela. Seus olhos procuram os meus e vejo algo que nunca vi em nenhuma outra mulher antes.

Alguma coisa... Mais.

As coisas diminuem e aceleram tudo ao mesmo tempo. Ela levanta o vestido de uma só vez e o joga no chão. O biquíni dela é o próximo.

Esta é a primeira vez que a vejo sem nada, e como eu estou grato. Ela me observa estudar cada curva. Sou uma espécie de voyeur, aprendendo o ofício enquanto a persigo com os olhos.

Eu poderia olhar para essa garota a noite toda. Porque não é apenas um olhar, é uma promessa. De ações sujas ainda por vir. De

corpos suados, paixão e o tipo de sexo quente com que você só poderia sonhar.

Ela liga a água e eu quase perco quando ela entra, curvando o dedo para mim, me implorando para me juntar a ela.

Ah sim, estou a caminho, porra.

Ela sorri com um tipo sexy de sorriso, e eu me pergunto como ela usa sexo e pecado tão malditamente bem. Não sei a resposta, mas quero descobrir.

Eu preciso descobrir.

Tiro todas as minhas roupas como se estivessem pegando fogo, pegando uma camisinha do bolso e entro sob o spray quente com ela.

Ela pega minha mão, jogando um pouco de sabão na palma da mão e a coloca nos seios. — Lave-me.

Eu gosto de uma garota que vai atrás do que ela quer. Ela se conhece. Sabe o que ela gosta e como ela quer. E acho esse tipo de confiança sexy absolutamente atraente.

Movo minha mão pelo pescoço, pela garganta, entre os seios e pela clavícula. — Vire-se.

E quando ela o faz, faço um caminho sobre cada omoplata, descendo pela espinha e pelas bochechas apertadas. Há algo tão inebriante em tocá-la.

Eu corro minhas mãos de volta pelo pescoço, movendo os cabelos molhados do ombro enquanto dou um beijo suave lá. Eu dou uma mordida em sua pele quente, e meu pau pressiona contra ela.

Ela solta um gemido, um som precioso, que faz meu pau ir de semi a sólido em um mero segundo.

Essa mulher está fazendo algo comigo, me esquentando e me fazendo saber sem sombra de dúvida que eu quero estar em sua órbita. Eu já gravito constantemente em sua direção sempre que ela está por perto, e agora não é nada diferente.

É luxúria combinada com desejo e uma pitada de frenesi misturada, tudo rolado nesse sentimento eufórico correndo pelas minhas veias. Mordo sua pele mais uma vez, esperando que ela me recompense mais uma vez com o doce som de seus gemidos. Ela faz.

Meu coração dispara, está batendo para tentar alcançar esse sentimento invadindo meu sistema. Estou mais alerta agora, mais consciente do corpo dela do que jamais estive antes.

Ela se vira, seus olhos viajando sobre mim. Ela me aceita. Agora é sua vez de estudar, aprender, descobrir o que eu gosto e como quero.

Ela apalpa meu pau, fazendo meu próprio tipo de gemido. Como disse, amo uma mulher que aceita o que quer, e essa garota me surpreende a cada momento.

Ela o segura, de cima a baixo, bombeando-o antes de aproximá-lo de seu centro. E agora é minha vez de estar no comando. Eu a giro, inclinando-a um pouco, abrindo as nádegas com as duas mãos.

Ela abre as mãos contra o azulejo, e eu coloco uma mão ao lado da dela. Eu corro minha outra através de sua umidade, sentindo sua boceta encharcada e pronta para mim.

Beijo seu pescoço, mordiscando, chupando e amando o gosto de sua pele. — Eu quero ouvir você gritar.

Ela olha de volta para mim enquanto rolo um preservativo pelo meu pau. — Porque é isso que me faz seguir em frente. Isso é o que me faz mais duro do que o ferro. É o que me faz gozar até ver estrelas. Sabendo que estou te fodendo como se precisasse ser fodida. Como você sempre quis ser fodida.

Quando termino meu pequeno discurso, a boca de Kiki se abre.

— Oh droga, — ela respira.

Coloco um dedo embaixo do queixo dela, trazendo seu olhar para o meu. — Estou falando sério, Kiki. Não vou parar até que meu nome esteja ecoando nos azulejos.

Ela assente, e eu beijo seus lábios. Longo. Suave. Um tipo de beijo que mostra que eu quero dizer o que digo.

— Não há nada mais quente do que tê-la ensopada e pronta para mim.

Ela abaixa minha mão para tocar sua boceta, e deslizo meus dedos através de sua umidade, antes de empurrar meu pau para dentro.

Ela geme.

Eu empurro mais fundo, seu aperto me levando polegada a polegada. Seu corpo ganha vida sob o meu toque, sua voz fica um pouco rouca: — Você é tão excitante, — ela me diz.

— Como assim?

— Quão confiante você está com meu corpo. Como você sabe que vai me fazer gritar seu nome.

Empurrei dentro dela ainda mais rápido. — Você não vai? — Eu já sei a resposta pela maneira como ela se empurra contra mim. Como se ela estivesse desejando, e ela está.

Com fome.

Desesperada.

Carente.

E seu corpo começa a se desfazer. — Sim, oh Deus, sim.

— Nome errado, querida. — Eu empurro mais forte, batendo meu pau dentro dela por trás, apertando sua bunda com a palma da minha mão.

Anseio por essa garota. Nas minhas mãos. Meu peito. Meu pau está martelando profundamente dentro dela. Eu a quero tanto, tão malditamente. Não quero que essa noite termine.

A água jorra sobre nós, unindo-nos em nosso pequeno paraíso. Escondido do mundo.

Está escuro. É discreto. E é tão impertinente. Não consigo parar de pensar em como essa garota me excita tanto.

Está no beijo dela.

Do jeito que ela geme meu nome.

Do jeito que ela empurra sua bunda contra a minha frente, me deixando deslizar ainda mais fundo. Deus, ela não tem ideia do quão quente ela é. E é isso que a torna ainda melhor.

Nós dois gememos juntos porque tudo isso é tão bom pra caralho. É elétrico. É cósmico o jeito que ela sabe exatamente como me excitar.

— Ellis, não pare.

— Eu não planejo isso. — Eu empurrei com mais força. — Você me excita muito.

E ela geme outro — Ellis — antes que seus gritos se transformem em sons puros, tão carnais, tão selvagens, tão feroz.

Como se ela não se cansasse de tudo o que estou dando a ela.

Ela está gritando agora, no topo de seus pulmões, mesmo quando ela grita meu nome. Eu apenas vou mais duro, se você puder imaginar, e ela não desiste.

— Faça assim até gozar, — digo a ela, batendo na pele macia e molhada de sua bunda. — Continue dizendo meu nome.

— Ellis, oh Deus. Sim.

Eu enterro meus dedos em sua carne aquecida, tão lisa, tão molhada pelo jato da água. Seus gritos de êxtase invadiram o som da água, e o vapor nos captura juntos, não nos deixando ir tão cedo.

O que não me importo. Inferno, eu aceito. — Você não tem ideia do que está fazendo comigo.

— Você faz o mesmo comigo, — diz ela. Como se ela também não pudesse acreditar no que diabos está acontecendo entre nós.

Eu sou fascinado por ela.

Como quando eu beijo seu ombro, ela estremece. E quando corro meus dedos por sua espinha, ela arqueia de volta. E quando eu trago minhas mãos para acariciar seus seios, ela encosta a cabeça no meu ombro, gemendo longo e com força, por nunca ter sido tão bem fodida.

Sim, ela disse isso para mim.

E sim, torna quase impossível não gozar agora. — Eu quero que você goze em cima de mim. Bem assim.

Meu mundo gira em um borrão de prazer e desejo. Em um turbilhão de movimentos frenéticos e carne quente em carne. Os sons ecoam no azulejo do banheiro, um concerto de gemidos, suspiros e rosnados vindo de nós.

Por fim, seu corpo dá um último arrepio antes que ela grite um crescente de palavras ininteligíveis, repetidas vezes, enquanto seu orgasmo percorre seu corpo.

Ela relaxa visivelmente, mas não vou deixar isso acabar tão cedo. Eu quero ver isso de novo. — Adorei vê-la gozar e preciso que você faça tudo de novo.

Eu a puxo, girando-a para me encarar. E então eu engancho sua perna com meu braço e bato de volta dentro dela, segurando um punhado inteiro de bunda.

Isso é caótico. É pura felicidade. E é como se a temperatura tivesse aumentado muito enquanto eu continuo fazendo essa mulher se sentir tão bem.

E ela sente. Ela se sente tão boa.

Suas mãos voam pelos meus cabelos molhados, e então ela segura minhas bochechas, seus olhos encontrando os meus. — Eu não quero que você pare.

Um calor se espalha pelo meu peito, e eu quero que ela expanda suas palavras.

Pare de transar com ela. Nem mesmo perto.

Pare de estar perto dela todos os dias. De jeito nenhum.

Ela me beija com força nos lábios, e ela fica lenta e sensual em alguns segundos. E com o beijo dela, nosso ritmo para e nossos movimentos se tornam sem pressa, instáveis, mas meu coração bate martelando.

Essa foda lenta faz mais com o meu sistema do que transar com ela com força e rapidez há cinco minutos. Estou tão perto de perder a calma. Tão perto de gozar antes que eu ainda a veja fazer isso de novo.

— Você precisa gozar, Kiki. Não sei quanto tempo mais posso aguentar.

Ela olha nos meus olhos, como se ela entendesse meu apelo, e inclina a cabeça para trás, os olhos fechados enquanto a água espirra sobre ela.

Inclino-me, beijando uma trilha em seu pescoço, mordendo sua carne, afundando meus dentes nela. — Goze para mim.

Seus gemidos recomeçam cada vez mais alto, como um trovão caindo ao nosso redor. E meu deus do caralho, ela grita meu nome no topo de seus pulmões. Minha garota é barulhenta, e eu amo cada som que ela faz.

Meu corpo mal consegue segurar, mas eu não a solto, passando a mão pelo torso para envolver meus dedos em torno de seus longos cabelos molhados. Eu punho através dele, puxando-a em minha direção para pressionar meus lábios contra os dela.

Essa garota ... porra.

Estou plantado dentro dela e já estou pensando em quando é a próxima chance de transar com ela. Quando terei essa linda mulher só para mim novamente.

Não consigo parar de pensar no jeito que ela se sente, ou a maneira que ela me faz sentir enquanto continuo transando com ela contra o azulejo do banheiro.

— Eu vou gozar ... novamente, — ela fala, e eu aperto meu punho com mais força em seus cabelos, puxando-a para frente para que eu possa ter um bom ângulo para mergulhar ainda mais nela.

Deus, ela me faz reviver. Como uma espécie de vodu, nunca me senti antes. Meu coração bate forte quando ela goza por cima de mim. — Continue gozando. Goze por todo o meu pau.

O aperto dela enquanto ela goza me transforma em caos e meu corpo explode em histeria.

Depois que nos acalmamos e nossos batimentos cardíacos voltam ao normal, lavo o cabelo dela. Ela tem um cabelo ótimo e corro meus dedos por cada mecha.

Eu estou mal por essa garota.

Como se fosse muito ruim.

***

— EXPERIMENTE ESTE A SEGUIR. — Deslizo sobre a cerveja azeda em que estou trabalhando.

Ela pega o pilsen na mão, bebendo um pouco para deixar o gosto molhar sua língua. E essa ação simples tem meu pau pronto para deixar a cervejaria e recriar o banho que tomamos há pouco tempo.

— Mmm, — diz ela.

— Para essa cerveja, eu usaria esta garrafa. — Deslizo o gráfico que desenhei à mão de uma garrafa de cerveja cor de rosa com uma etiqueta rosa.

— Uau. — Ela olha para mim como se eu fosse uma anomalia que ela não consegue entender. — Você desenhou isso?

— Sim. — Eu dou de ombros. — Sempre foi uma paixão minha.

Ela toma outro gole e nunca na minha vida quis ser a borda de um copo. — Eu amo isso, é tudo tão elegante. Não em demasia.

Eu molhei meus lábios. — Sim, era isso que eu queria. Mas eu tenho outros também. — Eu deslizo o próximo café e creme sabor porteiro. — Tente esse.

Ela toma um gole. — Oh, eu amo esse.

— E eu usaria esta garrafa. — Lhe mostro o gráfico de uma garrafa branca com desenhos de redemoinho laranja e vermelho.

Ela leva um tempo maior para estudá-la. — Você é tão talentoso. — O cheiro de seu xampu de coco inunda meu nariz, e eu sou transportado de volta para o chuveiro com seu corpo contra o meu.

— Obrigado, — eu sussurro apressadamente, tentando o meu melhor para não beijá-la agora.

— Então o que acontece agora? Você começará a vender esta cerveja no pub?

Olho as fotos por um segundo antes de responder. — Eu gostaria que fosse assim tão simples. Eu preciso de algo maior. Talvez uma festa de lançamento para mostrar os produtos. Eu tenho alguns restaurantes para visitar para ver se eles levam nossa cerveja, bem como para ver se os outros que já tem, estariam dispostos a pegar os produtos femininos de cerveja.

E agora eu preciso garantir que essas ideias continuem. Com a liderança da brigada, tenho certeza de que posso convencer os restaurantes de que eles querem esses produtos.

Todo restaurante quer o próximo grande sucesso. A cerveja 'it' que fará os clientes correrem para o bar para beber. É simples, na verdade, precisamos garantir que a cerveja feminina seja comercializada da maneira certa. Como o próximo item 'it'.

— Ahh, muitos passos.

Não posso deixar de notar a maneira como seus olhos brilham quando ela olha para minhas fotos mais uma vez. — Sim, nada na vida é sempre fácil.

— Especialmente coisas que valem a pena. — Suas palavras estão no ar.

Estamos sozinhos na cervejaria, graças à chave que Urban me deu, então eu me inclino, beijando-a com abandono antes de deixá-la experimentar mais uma cerveja.

Antes de perder a cabeça e transar com ela no bar, quebro o beijo. — Quer experimentar a cerveja para cães agora?

Ela torce o nariz pequeno e fofo do botão. — Eu não sei. É seguro?

Estou me esforçando muito para não varrer tudo dessa bancada, dobrá-la sobre ela e espancá-la por pensar que daria a ela qualquer coisa não segura. — Só porque é para cães, não pense que não seja cem por cento saudável para os seres humanos também. — Deslizo sobre a garrafa, arrancando a tampa para ela. — Experimente esta, chamado Pup Pow.

Ela tenta e suas sobrancelhas se erguem. — Uau, isso não é tão ruim. E é bom para eles?

— Sim. Muitos cães precisam de vitaminas comuns e, quando são filhotes é sempre bom tê-los em um regime de vitaminas. — Entrego-lhe outra garrafa com a foto de um cachorro lambendo uma tigela de cerveja. — Este fiz um esboço no rótulo da garrafa.

Ela estuda a garrafa de Doggone Good e faz isso de novo, onde ela olha para mim como se eu a tivesse impressionado. — Eu mencionei que amo essa ideia.

Eu dou um sorriso malicioso. — Talvez você deva me mostrar o quanto você ama.

— Talvez um dia. — Ela se levanta e caminha para verificar as máquinas.

Eu a assisto como um falcão.

— Então, você fez toda a cerveja nova aqui?

Eu me inclino contra o balcão de aço inoxidável, cruzando os braços. — Sim eu fiz.

— E agora você vai a Atlanta fazer amostras para mostrá-las?

— Sim, na minha fábrica.

— Não sei por que acho isso tão sexy, mas acho.

Eu sorrio — Sim? O que mais você acha sexy?

Ela respira fundo. Estou meio que antecipando a resposta dela, pronto para garantir que eu faça tudo na lista dela. Enquanto isso, ela tem uma lista.

Ela hum e ha por um momento antes de dizer, na voz mais sedutora que se possa imaginar: — Acho sexy quando você me beija. — Ela dá um passo na minha direção. — E acho sexy quando você me toca. — Outro passo mais perto. — E quando você diz meu nome.

— Oh sim?

— Sim, — ela respira.

— Vamos sair daqui.

Ela assente. — Absolutamente.

Antes que possamos chegar à porta dos fundos, papai querido entra como se fosse o dono do lugar. E eu sei que ele é. Ele sabe, porra. Não me lembre.

Ele para, surpreso ao nos ver. Eu não vou ser o primeiro a falar aqui. Na verdade, tento manobrar Kiki ao seu redor sem sucesso.

— Partindo tão cedo? — Meu pai pergunta.

— Nós apenas temos um lugar para estar. — Como minha cama sem nossas roupas. — O que você tem acontecendo aqui?

Na minha própria pressa de deixar Kiki nua, esqueci de guardar a obra de arte da cerveja que estamos testando.

— Nada.

Meu pai pega um desenho e estuda a imagem. — O que é isso? Isso é uma cerveja para cães?

Kiki olha para mim. Claro, estou aqui para ajudar meu pai a não perder o trabalho da vida dele, mas isso não significa que vou

compartilhar todas as minhas ideias com ele antes mesmo de saber se elas vão funcionar.

Inferno, mal contei a Urban o meu plano, tudo o que ele sabe é que estou trabalhando em algo novo.

Meu pai zomba. — Você acha que a maneira de trazer essa empresa de volta à vida é dando cerveja aos cães? — O olhar em seu rosto mostra exatamente como ele não está impressionado.

— Na verdade, é um pouco mais do que isso, — diz Kiki. — É muito genial.

Eu sei que ela está tentando aliviar parte da tensão que flutua no ar, mas é uma perda de tempo.

— O que é isso? — Ele pega o gráfico com garrafas cor de rosa. — É isso que eu acho que é? — Ele levanta uma sobrancelha.

— É uma cerveja voltada para mulheres.

Obviamente, ele não é fã dessas ideias, e eu não vou deixar que ele me menospreze, especialmente na frente de Kiki.

— Você não quer minha ajuda? — Soltei a mão de Kiki, encostada no balcão de aço inoxidável. — Vou voltar para casa em Atlanta e encerrar o dia.

Meu pai olha para os gráficos pela segunda vez antes de perguntar: — Você realmente acha que as pessoas se interessariam por esse tipo de coisa?

Desta vez, seu tom é mais atencioso com o produto. Como se ele estivesse realmente pensando nisso.

— Eu acho. — Eu tiro as fotos das mãos dele. — E você deveria também. Estou aqui para ajudar, nada mais.

Pego a mão de Kiki e desta vez chego à porta antes que meu pai chame meu nome.

Eu paro, olhando por cima do ombro.

— Estou feliz que você esteja aqui, — diz ele. — Verdadeiramente estou.

Toda a arrogância deixa seu rosto, revelando apenas um homem velho com muito arrependimento enchendo seus olhos.

Eu aceno e saio pela porta com Kiki. Nem mesmo olhando para trás.

Capítulo Dezessete

Kiki

NUNCA SE ESQUEÇA DE ATENDER SEU TELEFONE...

— ONDE VOCÊ ESTAVA ONTEM À NOITE? — Poppi pergunta enquanto entro no Dog Spaw cedo na manhã seguinte.

— Ellis me levou à sua cervejaria para tentar algumas coisas. — Eu dou de ombros, como se não fosse grande coisa. Porque se eu transformar isso em um grande negócio, ele aumentará para o território dos namorados e então Ellis pensará que estou tentando convencê-lo a se casar. Quero dizer, ele já deve estar pensando nisso, certo? Eu planejo casamentos. Eu estava noiva.

Dois mais dois e tudo isso.

Quero dizer, ele tem que pensar que tudo o que quero na vida é usar um vestido branco e andar pelo corredor. Mas, não é nada disso.

Eu não sinto que preciso me casar agora. Claro, eu pensei sobre isso. Eu também sinto que está na mente de Ellis. E eu gostaria que houvesse uma maneira de tirar isso de sua mente. Porque eu não quero estragar essa coisa antes de começar.

Ugh, para ser honesta, fico feliz que ele tenha saído por alguns dias para voltar para Atlanta. É uma boa pausa para pensar. Mas, essa tarefa se mostra impossível por causa da próxima pessoa que entra pela porta da frente da Spaw Dog.

— Oi Kiki. Como você está? — Yasmin entra e me dá beijos no ar em cada bochecha. — Já faz muito tempo.

Eu acho que não, mas jogo bem de qualquer maneira. — O que a traz hoje, senhora Atwood?

— Bem, eu queria obter mais informações sobre seus serviços. Eu tenho dois pomeranos. Doodles e Sparkles. E eu quero que eles se casem.

Ela enfia a mão na bolsa enorme da Prada e pega um telefone deslumbrante. Ela bate e dá um tapinha e, em seguida, a próxima coisa que sei é que estou olhando duas bolinhas de pelo douradas. — São eles.

Quando Yasmin disse no jantar que gostaria de conversar comigo sobre seus filhotes, eu nunca imaginei que ela realmente iria seguir em frente. E estou emocionada por planejar outro casamento.

Sento Yasmin em uma pequena mesa perto da janela da frente. — Você gostaria de algo para beber? — Eu pergunto a ela.

— Água com gás, três limas e um limão. Sem gelo.

Concordo com a cabeça e a deixo pegar meu fichário com algumas amostras e fotos de coisas que posso oferecer com os casamentos de cachorros. Depois de recuperar o grande fichário de três argolas, faço meu caminho de volta com a água com gás e me sento. — Desculpe, frutas frescas. — E essa é a verdade, não mantemos limões e limas à mão. Por que teríamos?

Ela acena com a mão com desdém. — Oh, está tudo bem, querida. Agora vamos falar sobre Doodles e Sparkles.

Pego um caderno e o abro. — Quando você gostaria que o casamento acontecesse e onde?

Ela tira os longos cabelos loiros do ombro. — Próximo fim de semana em nossa propriedade. Temos um lindo quintal com vista para o mar.

Pego meu telefone para verificar o calendário e meu coração dispara quando vejo que recebi uma mensagem de texto perdida de Ellis. Não abro e verifico o calendário para a data. — Ok, esse será o trigésimo primeiro. Nós podemos fazer isso. Você tem ideia de quantos convidados haverá?

O rosto de Yasmin se ilumina. — Setenta e Cinco, no máximo.

Meus olhos se arregalam porque setenta e cinco pessoas... para um casamento de cachorro? É quase alucinante. Eu engulo. — São muitas pessoas.

Yasmin sorri. — Sim, temos muitos amigos com animais de estimação. Estou em um grupo de cachorrinhos no bairro.

Eu sorrio, anotando o número.

Yasmin coloca a mão sobre a minha. — Você acha que poderia falar com Ellis? Convencê-lo a vir? Isso significaria muito para Doodles and Sparkles.

Eu mordo o final da minha caneta. Tenho certeza de que não são os cães que o querem lá, mas sorrio. — OK, claro. Vou tentar.

Yasmin e eu passamos os próximos trinta minutos discutindo todas as coisas sobre casamentos de cachorros, e o tempo todo tento ao máximo não pensar no texto queimando um buraco no meu bolso.

Assim que ela sai pela porta, tiro meu telefone do bolso de trás da calça jeans e abro as mensagens.

— ***Pensando em você*** — é tudo o que diz.

E juro que meu coração faz alguma coisinha esquisita.

***

— ENTÃO, você não pode parar de pensar em mim, hein? — Eu escrevo para Ellis de volta quando chego em casa do trabalho. Tiro os sapatos e caio no sofá.

Sua resposta volta em um instante: — ***Sim. Dia todo***.

— ***Eu estive pensando em você também.***

— ***Você sentiu minha falta***? — Ele responde de volta.

Honestamente, o homem se foi por vinte e quatro horas e sim, sinto falta dele. É vergonhoso demais para admitir? Estou tentando ser casual aqui, então Ellis não acha que eu sou uma noiva psicopata. — ***Talvez um pouco.***

— ***Só um pouco***. — Ele responde instantaneamente.

Eu rio levemente, minhas bochechas em chamas vermelhas. — ***Ok, talvez muito.***

— ***Eu também. Não consigo parar de pensar na outra noite.***

— ***O banho?*** — Ouça, eu também não consegui parar de pensar nisso. Como tudo o que esse homem faz é uma excitação para mim.

Mas, é muito mais do que isso. Na cervejaria, olhando como ele é talentoso com seus projetos. Existe algo que este homem não possa fazer?

Mas, é estranho se eu disser que posso quase sentir Ellis através do telefone. Não fisicamente, é claro. Mas emocionalmente. Espiritualmente. Como se houvesse essa conexão intensa que não quero quebrar. Pego meu telefone, esperando sua resposta.

— Sim, você não tem ideia de como estava quente ter você me enlouquecendo assim. Meu rosto está vermelho e, em seguida, sei que o nome dele aparece no meu identificador de chamadas. Eu respondo:

— Olá.

— Hey, — ele diz com a voz mais sexy e rouca que eu já o ouvi fazer. — Estive pensando em você o dia todo e precisava ouvir sua voz.

E neste exato momento percebo como é bom ouvir a voz dele. Como, de alguma maneira estranha, senti falta dele. — Estou feliz que você ligou.

— Oh sim? Por que isso?

Deitei-me no sofá, meu corpo ficando um pouco carente com o som de sua voz. Da intimidade que estamos compartilhando agora. — Porque eu também queria ouvir sua voz, — digo a ele.

— Você parece que está deitada, não é? — Concordo, mesmo sabendo que ele não pode me ver.

— Sim.

— Eu também.

A imagem dele deitado, um braço possivelmente atrás da cabeça, o abdômen em exibição está estampado no centro da imagem no meu cérebro, não desaparecendo tão cedo. Eu tenho que ser honesta, eu sei para onde isso vai, e eu tenho uma pequena confissão para fazer. Eu nunca fiz isso antes. Para ser real, eu sempre fiquei com vergonha de tentar. Como se fosse uma bobagem, certo? Não posso fazer nada disso, o que diria?

Ellis responde essa pergunta interna para mim. — Apenas deixe-me dizer o que fazer, Kiki. — E ele diz isso em uma voz tão baixa e com tanta sedução que quase poderia gozar na hora por ele.

— Não tenho muita certeza do que fazer.

— Comece me dizendo o que você está vestindo.

Olho para minha roupa, desejando ter algo mais sexy. — Apenas jeans e minha camiseta Doggy Spaw.

— Sua calcinha é de algodão ou renda?

— Algodão, — eu respondo baixinho, envergonhada da minha resposta. Eu gostaria de estar usando algo erótico para ligar para Ellis.

Mas, não importa, porque ele rosna no telefone. O mesmo rosnado que ele fez quando me viu nua pela primeira vez. — Eu imaginei você como uma garota de algodão. Tire seu jeans e descreva sua calcinha para mim.

— Ok, estou tirando meu jeans agora. — Eu não posso acreditar como estou excitada uma vez que descarto meus jeans e os jogo através da sala. — Elas são vermelhas com pequenas bolinhas amarelas nelas.

Ele assobia no telefone.

E faço algo ousado, algo que nunca pensei que faria na minha vida. Alinhei a câmera na metade inferior do meu corpo e tiro uma foto. E então clico em enviar.

— Porra, Kiki, — diz ele depois de um minuto. — Você está tentando me matar?

Não posso deixar de rir um pouco no telefone. — Isso te excitou?

Ele solta um suspiro profundo. — Só de pensar em você me excita.

— Queria que você estivesse aqui neste momento.

— Eu também, mas não posso estar. Então, eu preciso que você se toque como eu te tocaria. Eu preciso que você seja um pouco dura e muito suave. Eu quero que você me diga exatamente como se sente.

— E o que você vai fazer? — Eu pergunto a ele, muito excitada para realmente pensar em outra coisa.

— Eu vou estar acariciando meu pau duro até você me fazer gozar. — Ele solta um suspiro profundo, sua voz um pouco trêmula de desejo. — Você quer me fazer gozar, certo?

Mais do que tudo. — Eu quero. — Meus olhos se arregalam quando a vontade de ser tocada entre minhas pernas se torna demais. Aperto minhas coxas, gemendo um pouco enquanto faço. — Estou tão molhada, — eu digo enquanto deslizo meus dedos sobre mim mesma.

Não acredito que estou realmente fazendo isso.

— Eu tenho meu pau grande na minha mão. Está tão duro, Kiki. Você me deixa tão duro.

— É bom? — Eu pergunto, precisando saber. Querendo saber se isso o está excitando tanto quanto me excita.

— Tão bom pra caralho. Como está sua boceta? — Ele geme forte. — Eu quero que você finja que sou eu tocando você.

— Eu estou. — Corro meus dedos sobre meu clitóris, amando a pressão dele. — Tão bom, Ellis. — Os sons que ele faz me incentivam, me fazendo rolar meus dedos sobre meu clitóris cada vez mais rápido.

— Estou sendo rude com meu pau. Você está sendo rude com seu clitóris? Você está tratando isso como nunca tratou antes?

Eu empurro mais forte contra a minha pele molhada. — Sim, eu estou.

— Bom. Continue esfregando. Quando voltar para a Flórida, vou direto para você. — Sua persistência me excita, me fazendo queimar com o quanto ele está consumido por mim.

— Por favor faça. — Eu gemo mais alto. — Por favor, Ellis.

— Eu vou fazer você gozar comigo, Kiki. Em cima de mim. — Sua voz treme um pouco, e eu já estou vendo estrelas.

— Estou gozando, — eu grito quando meu corpo espasma através do meu orgasmo.

A voz de Ellis rosna, um som gutural puro enquanto ele continua se acariciando. Mais duro e mais profundo do que na outra noite. Como se sua própria necessidade crescesse mais desde que me vira pela última vez. Esse pensamento me leva através do telhado. — Eu preciso que você me faça gozar, Kiki. Diga-me o quanto você quer chupar meu pau.

Eu lambo meus lábios, meu corpo ainda se recuperando do meu orgasmo mais recente enquanto sussurro no telefone: — Eu quero levá-lo profundamente na minha garganta.

— Porra, — diz ele em um gemido. — Eu foderia sua boca tão bem.

Eu acredito nele. E então seus gemidos se transformam em rosnados em um instante, e a próxima coisa que sei é que ele está

fazendo o barulho mais sexy e másculo de todos os tempos. Ele está gozando, e isso aquece meu peito enquanto eu o ouço.

— Mal posso esperar até chegar em casa, — diz ele antes de dizer boa noite.

E assim que desligamos, lembro-me de que a Flórida não é a casa dele, embora ele apenas tenha chamado assim.

Tenho certeza de que foi um deslize inocente, mas uma pequena parte de mim se pergunta se Ellis está sentindo exatamente o que eu estou.

Capítulo Dezoito

Ellis

NUNCA PARE DE VIVER...

ASSIM QUE Saio do avião na Flórida, a única coisa que consigo pensar é em Kiki. Eu nunca desejei tanto alguém assim na minha vida. Desde que fiz sexo por telefone com ela algumas noites atrás, isso tem se repetido em minha mente. Não me interpretem mal, eu tive que ir para Atlanta. Não havia outra maneira de fazer as garrafas em outro lugar. Agora eu tenho as garrafas, é hora de fazer cerveja para colocá-las e levá-las para testes.

Mas nada disso é importante agora. Eu nem paro no meu hotel depois de descer do avião. Não, minha mente está no modo ir. Como uma grande luz verde com Kiki.

Eu deveria estar indo para o outro lado. Eu deveria ser um cara legal, e lembre-se de que o ex dela é toda a razão pela qual estamos tendo uma segunda chance com a cervejaria. Eu não sei se ele estaria disposto a investir se ele soubesse que eu estava me apaixonando por ela.

Mas, não posso pensar em nada disso agora. Não consigo pensar em nada, realmente. E se estou sendo perfeitamente honesto, não acho

que cavalos selvagens possam me impedir de bater na porta dela e esperar o mais pacientemente possível que ela a abra. E oh, cara, quando ela faz isso, é uma experiência fora do mundo.

— Uau, você parece ... uau, — eu me atrapalho com minhas palavras.

Ela ri um pouco e há um novo brilho nela. Um que eu nunca tinha notado antes. Ela se parece com sexo nas pernas, algumas pernas tonificadas muito agradáveis. Seu cabelo cai em uma cachoeira de ondas marrons, e seu vestido é um número amarelo que mostra seus peitos da maneira mais impressionante. Não consigo tirar os olhos deles.

— Você também.

— Você quer jantar?

Ela balança a cabeça. — Não, não jantar.

Eu sorrio. — Sobremesa?

Ela balança a cabeça novamente com um grande sorriso.

— Café?

Mais uma vez ela balança a cabeça bonita dela.

— Meu quarto de hotel tem uma banheira de hidromassagem. — E é tudo o que preciso, e Kiki anda de mãos dadas comigo em direção ao meu carro alugado.

E é assim por diante. Dirijo como se os limites de velocidade fossem um mito e chego ao meu hotel em tempo recorde.

Atravessamos o saguão sem parecer completamente constrangidos. Abro a porta do meu quarto e a conduzo para dentro.

A banheira de hidromassagem fica em um deck privativo e mal posso esperar para levá-la até lá. Estive pensando nela o dia todo. Como o dia inteiro. Toda a porra da semana. E eu mal posso esperar para deslizar meu pau profundamente dentro dela.

Apenas o pensamento está me deixando duro quando eu abro uma garrafa de vinho para ela enquanto ela fica no convés com vista para o oceano.

— Lindo, não é? — Eu pergunto a ela, oferecendo-lhe uma bela Pinot Grigio.

— Eu amo isso aqui. Eu gostaria de poder morar na praia. — Ela se vira para mim. — Você sente falta?

— Falta do que?

— A praia, o oceano.

Eu dou de ombros. — Não, na verdade não. Talvez um pouco no inverno. — Eu sorrio, mas sei que não é isso que ela está realmente perguntando. Ela está perguntando se eu voltaria a isso. Se algum dia eu voltasse para Júpiter. Estar com ela.

E honestamente, eu não sei. Eu sei que realmente gosto dela. E do jeito que ela está hoje à noite, eu sei que se eu deixasse este lugar, sentiria falta dela todos os dias.

— Venha aqui, — eu digo a ela.

Ela atravessa o pátio e eu passo atrás dela. Ela encosta a cabeça no meu peito e, juntos, observamos as ondas ao longo da costa.

É realmente de tirar o fôlego. E meu corpo endurece quando ela empurra sua bunda de volta contra o meu pau.

Ele está acordado e meu corpo está ansioso para ir. — Você não tem ideia do que faz comigo, Kiki.

Ela se vira nos meus braços para me encarar. — Você faz as mesmas coisas comigo.

Há um calor no meu peito que se espalha por todo o meu corpo, membro a membro, acendendo uma chama de desejo que apenas Kiki pode satisfazer. Eu a beijo. Nossas línguas se misturam. E eu continuo beijando-a enquanto eu pego o copo de vinho dela e a caminho mais perto da banheira.

— Eu preciso te despir e entrar nesta banheira de hidromassagem. — Como agora mesmo porra.

Kiki respira fundo e tira os sapatos. Essa é a ideia certa. Coloquei o copo de vinho na mesa e arranco minha camisa. Ligo a banheira de hidromassagem e espero um segundo até os jatos começarem a borbulhar.

Quando olho de volta para Kiki, ela removeu todas as suas roupas, apenas as calcinhas de algodão preta. Ela me encara, e eu respiro fundo, irregularmente. — Você está linda de morrer, — digo a ela antes de abrir o zíper do meu jeans. — Você sabe isso?

Ela se aproxima, suas bochechas em chamas carmesim, colocando um pé na banheira. — Obrigada, — diz ela, me espiando através de seus longos cílios. — Você também não é tão ruim assim.

Eu sorrio, removendo minha cueca e deixando meu pau reviver.

Agora é a vez de ela ofegar quando me vê segurando na minha mão.

— Entre, — digo a ela, acenando para a banheira de hidromassagem.

Ela tira a calcinha e depois entra, sentando-se em um dos assentos. Eu a sigo e sento ao lado dela, meu corpo tão ligado mais do que nunca. — Você sabe o que eu amo na Flórida?

Kiki passa a mão na minha coxa, suas unhas traçando sobre a minha pele, criando faíscas que voam pela minha perna. — O que?

— Todos os dias parecem férias.

Ela ri, o som me acordando com a possibilidade de ouvi-lo todos os dias. — Você está certo. Exceto no verão, quando você derrete na calçada enquanto caminha da sua casa para o carro.

Eu sorrio. — Eu não sinto falta dos verões.

— Há algo em que eu estive pensando o dia todo. — Ela fica no meu colo, empurrando os seios na minha cara.

Oh sim.

Eu me inclino e beijo sua pele macia, fazendo o meu caminho sobre cada pico com a minha boca antes de desenhar um em meus lábios, mordiscando meus dentes sobre seu mamilo. Pressiono minha mão contra suas costas, aproximando seu corpo de mim. — O que seria?

Ela acaricia meu rosto, como ela parece fazer um monte. E eu não vou mentir. Eu realmente gosto.

— O jeito que você fica tão duro em um instante. O jeito que você soa quando goza. Não consigo tirar da cabeça as visões e isso me excita.

Eu paro, meus olhos procurando os dela. — Você sabe que é por sua causa, certo? Que você me deixa tão selvagem com cada pequena coisa que você faz.

— Como o quê?

Respiro fundo, como se todo o oxigênio tivesse sido empurrado para fora do ar, e fico com esta sensação de solidão sem pensar em tê-la sempre comigo. — Seus lábios, para começar. Eu amo seus lábios, porra. Eu amo os sons que você faz quando toco em você. Você me deixa tão duro quando olha para mim como está olhando agora. Como me olhou na noite em que viu meus desenhos pela primeira vez.

— Como se você fosse um mistério para mim?

— Eu acho que sou bem fácil de descobrir. — Aperto o corpo dela nas minhas mãos. Ela balança a cabeça um pouquinho.

— Não, você não é.

Eu beijo seus lábios, beijando-a do jeito que merece ser beijada. Ela mói contra o meu pau, e eu quero encará-la. Para olhar para ela. Olhar para ela e nunca parar de olhar.

— Eu quero você, Ellis, — ela respira, sua voz se contraiu enquanto ela balança em mim, e por Deus essa garota vai me foder.

Todo eu.

Meu pau fica sólido. Já é hora de ir, se já houve uma vez antes. Eu olho nos olhos dela, encarando-a levemente. — Kiki, você pode me achar um mistério, mas acho que é bastante óbvio o que você faz comigo. Como você me faz sentir. — Pego a mão dela e a coloco no meu pau duro. — Isto é o que você faz.

Ela geme, apressada, desigual, e o som disso me faz querer ela ainda mais. A sensualidade de seu tom. O desejo tão fodidamente aparente enquanto ela murmura. Eu a quero. Meu deus do caralho, eu a quero.

Faz sentido? Bem. Porque nada neste momento faz mais sentido. O mundo virou turbulento e não consigo decifrar qual caminho é para cima ou para baixo. Tudo o que sei é que há uma corrente elétrica no ar, chiando entre nós.

Suas mãos pousam nos meus ombros, e ela acaricia seu rosto no sulco do meu pescoço. — Eu sou sua, — ela sussurra contra a minha pele, tão suave que quase não a ouço.

Mas foda-se, estou tão feliz. Porque acende algo profundo dentro de mim. É como se um interruptor de luz estivesse ligado, brilhando de dentro para fora. Eu não sei o que fazer com todo esse brilho, toda essa energia, então eu a beijo. E deixe-me dizer, eu amo beijá-la. Eu realmente amo.

É lento. É rápido. É tudo o que um beijo deve ser, línguas colidindo, gemidos escapando. É como se não nos cansássemos o suficiente, então nos esforçamos cada vez mais.

Eu me inclino para trás depois que eu quebrei o beijo e chego no bolso do meu jeans para encontrar a camisinha escondida dentro.

Porque eu preciso dentro dela agora.

— Estou tomando pílula, — ela me diz, seus grandes olhos castanhos confiando em mim com tudo o que ela tem.

Oh merda. — Você tem certeza?

Ela assente. — Sim, eu quero sentir você todo.

Vou lhe contar um pequeno segredo. Eu nunca transei sem proteção na minha vida. Nunca. E meu coração é como uma britadeira dentro do meu peito, me implorando para senti-la sem barreira entre nós.

Eu empurro dentro dela, minha mente chocada com a sensação, o aperto, a verdadeira sensação dela.

Ela move o corpo para baixo do meu pau nu. — Eu amo o quão grande você é. — Ela se contorce ainda mais perto, seus peitos pressionando contra o meu peito.

Eu balanço enquanto ela se move em mim de um lado para o outro. — Eu amo como você se sente. — E foda-se, eu não estou mentindo nem um pouco. — Monte em mim, baby, — digo a ela.

Seus olhos encontram os meus, e a próxima coisa que sei é que ela está contra mim, levando meu pau tão rápido e duro quanto ela quer. E eu deixei. Deixei que ela me usasse ao seu gosto.

E por Deus, ela está me usando.

Ela se move e cavalga, e encontra seu próprio ritmo, levando cada maldito centímetro de mim uma e outra vez.

E é exatamente aqui e agora que eu percebo que sou cem por cento dela. E eu quero que ela saiba disso. Eu quero que ela confie em mim. Para se sentir bem ao meu redor. Foda-se Atlanta, esta mulher é o meu futuro.

Capítulo Dezenove

Kiki

NUNCA NEGUE A SI MESMO O QUE VOCÊ REALMENTE QUER...

EU NÃO ACREDITO NISSO. Não acredito que estou fazendo sexo incrível, alucinante com Ellis Atwood. Isso é incrível demais. É muito bom, e o olhar preguiçoso em seus olhos é tão sexy que eu poderia morrer.

Eu movo meu corpo contra ele, montando seu pau. Tudo parece o céu, e eu arqueio minhas costas, colocando meus seios mais perto dele.

Eu sei que ele adora pelo sorriso lento que se espalha por seu rosto. A maneira como ele me olha faz meu pulso acelerar.

Ele morde a isca e passa as duas mãos sobre eles, chupando minha pele em sua boca. Sua carência é uma grande mudança. Tudo sobre Ellis é muito importante, mas é o jeito que ele me encara. Como se ele estivesse estudando meu corpo para memorizá-lo.

Enrosco meus dedos em seus grossos cabelos castanhos, puxando apenas o suficiente para ouvi-lo gemer. Eu amo seus sons sensuais.

Tão viril. Tal excitação. E se você quer saber qual é a maior excitação, é o pau dele. É perfeito em todos os sentidos.

Eu sei que nem todos os paus são criados iguais e, acredite, já vi alguns menos que estelares, mas Ellis tem esse garanhão perfeitamente reto e grande.

Juro que os deuses estavam brilhando sobre ele no departamento de aparência e corpo. E ele também marcou muito no departamento de personalidade. Um A + de uma psique. Ele realmente é um problema.

Todo o pacote.

Eu continuo movendo meu corpo contra ele, concentrando minha atenção de volta em Ellis e não no futuro temido iminente. Não vou me concentrar nisso, vou viver no aqui e agora. Viver neste exato momento em que Ellis é meu, e apenas meu.

Eu continuo me movendo, me apertando contra ele, amando o jeito que ele agarra minha bunda enquanto chupa meu peito. Inclino minha cabeça para trás, as pontas do meu cabelo flutuam na água enquanto Ellis empurra seu pau em mim mais e mais rápido. Sim, oh Deus, sim, estou tão perto. — Não pare, — eu grito.

Ele sorri, seus dentes pastando na minha clavícula. — Não tenciono fazê-lo. — Meu corpo constrói, o crescendo tão perto de desabar ao meu redor. Tudo parece tão quente, tão bom. Demais. Tudo chega a uma batida forte dentro do meu peito, e é tudo como uma

mudança orbital, me jogando completamente fora do meu eixo. Meu peito explode com calor e emoção, mas eu continuo montando, o melhor orgasmo que eu já tive.

Eu não consigo parar de gritar seu nome quando ele assume e me levanta, me vira de bruços, meio fora da banheira, com apenas minhas pernas ainda dentro. Ele empurra de volta para mim por trás e agarra sua mão no meu quadril, a outra mão traçando a espinha das minhas costas. — Eu amo seu corpo, — diz ele, arrastando beijos onde sua mão estava. — Eu amo sua pele.

Eu gemo, meu corpo ainda está tonto com o meu orgasmo.

— Você é tão safada, não é?

— Eu sou? Como assim?

— Oh, vamos lá, você não pode me dizer que não está pensando em mim te fodendo o dia todo. Você pensa no meu pau o dia todo?

— Sim. — Eu penso. — Sim, Ellis.

— Você pensa em mim te fodendo a noite toda? Desejando isso?

— Sim, oh Deus, sim. — Meu corpo constrói.

Ele ainda é um quebra-cabeça que estou tentando descobrir.

— Você me faz querer foder com você sempre que posso.

Definitivamente, isso não é um coisa ruim.

— Você me faz querer abrir suas coxas toda vez que te vejo.

— Sim, Ellis.

— Você sabe o que mais você me faz querer fazer? — Ele pergunta, seu corpo empurrando em mim em um ritmo rápido.

— O que? — Eu pergunto.

— Você me faz querer gozar por todo esse seu lindo rosto. — Ele morde meu ombro. — Você me faz querer gozar em cima de você.

Arrepios surgem em mim, enquanto ele continua bombeando dentro de mim.

— Sim por favor.

— Você me faz querer reivindicá-la, Kiki. Você é minha? Você vai me deixar reivindicar você?

— Oh Deus, sim. — Eu nunca tive um homem falando comigo do jeito que Ellis faz, e isso me excita muito.

— Você quer que eu vá fundo dentro de você?

Grito um sim, oh meu Deus, sim.

Ele continua, seu corpo tão duro quanto aço. — Você é a única mulher que eu quero entrar. A única mulher que eu já entrei.

Meus olhos se arregalam com as palavras dele, e eu quero olhar nos olhos dele quando ele chegar. — Eu quero ver você, — eu digo antes de me virar e sentá-lo, para que possa retornar à posição em que estávamos, montando nele.

Ele passa as mãos pelos meus cabelos enquanto eu me sento em seu pau.

— Você é minha, Kiki.

Eu concordo. — Sim, eu sou sua.

Ele mantém as mãos agarradas na minha bunda enquanto se empurra para dentro de mim, dentro e fora, me fazendo correr mais perto de outro orgasmo.

— E eu sou seu, — diz ele, virando meu mundo inteiro de cabeça para baixo.

— Eu vou gozar novamente, — eu grito.

Ele tem um pequeno sorriso e seus olhos encontram os meus. — Goze comigo? — É quase uma pergunta quando a boca dele bate na minha.

Deus, esse homem. Eu juro. Ele apenas faz coisas comigo. Coisas que nenhum outro homem jamais fez. Boas coisas. Borboletas no meu peito.

Oh, tantas coisas boas.

Eu gozo de novo quando ele resmunga que está tão perto. E então a coisa mais incrível acontece. Ele goza, comigo segurando-o com força, e eu juro que nunca me senti mais perto de outro ser humano em toda a minha vida.

A conexão. A química entre nós. Eu seguro seu rosto enquanto olho em seus olhos, estudando-o, memorizando-o.

Foda-se, estou me mudando para Atlanta.

Capítulo Vinte

Ellis

NUNCA DIGA NÃO A DANÇA...

EU PEGO KIKI a caminho de casa da cervejaria. E quando a vejo, de pé ali em um vestido branco com uma flor vermelha no cabelo, não consigo recuperar o fôlego. — Você está linda.

Ela sorri, mas não atinge seus olhos.

— O que está errado? — Eu pergunto a ela.

Ela para antes de abrir as portas do meu aluguel. — Estou organizando um casamento de cachorro para Yasmin, e eu realmente gostaria que você estivesse lá.

Não digo nada, somente abro a porta do carro e a deixo entrar. Isso tem meu pai escrito por toda parte.

Ele não se importa se os cães se casam. Inferno, ele não se importa com o que acontece com esses cães. Contanto que eu apareça na casa dele e ele possa ter meu ouvido a noite toda, me dizendo como eu nunca vou viver de acordo com seus padrões.

Deslizo para o lado do motorista, ligando o carro. Este é um casamento do qual não quero participar, mas, olhando para Kiki,

percebo que isso é importante para ela. E agora também é importante para mim. — Claro, eu estarei lá.

Seu rosto se ilumina e minha respiração engata. — Obrigado. — Ela fica quieta um momento antes de se virar para mim, descansando a cabeça no assento de couro macio. — Você sabe onde devemos ir? — Ela sorri, obviamente tentando aliviar o clima e eu a aprecio por isso. Na verdade, eu meio que amo que ela fez isso.

— Onde você quiser.

— Qualquer lugar? — Ela levanta uma sobrancelha.

— Uh oh, no que eu estou me metendo?

— Apenas vá para o centro. Nós vamos dançar.

Perfeito, sou um ótimo dançarino. Sei que muitos caras afirmam ser um ótimo dançarino, mas, sério, posso fazer um movimento como nenhum outro. Dirijo o carro para a I-95, animado para ver Kiki sacudir a bunda a noite toda. Apenas o pensamento de esfregar contra ela na pista de dança faz meu pau tremer nas minhas calças.

Chegamos ao clube, e ela já está pulando com os foliões. Kiki está excitada, e eu sorrio quando saímos do carro.

Aliviar o estresse é exatamente o que eu preciso.

Ela salta um pouco quando entramos. — Eu amo dançar. — Sua energia é contagiante.

A batida é constante, vibrando alto por todo o clube escuro. Corpos suados alinham-se no chão, e estou tendo dificuldade para ver em que direção devemos seguir. Rosa, azul, laranja e todas as outras cores de luzes piscam no grande espaço, cegando-me enquanto atravessamos a multidão, fazendo eu hesitar.

Mas não Kiki, ela pega minha mão e me leva direto para a pista de dança. Essa garota está em uma missão.

E é para sacudir a bunda dela. Pelo qual estou a bordo. — Vou pegar algumas bebidas — eu digo em seu ouvido.

Ela me dá um polegar com um aceno de cabeça e eu procuro o bar. Não está muito cheio quando peço duas cervejas facilmente para o barman. Quando volto na direção de Kiki, coloco as cervejas na mesa mais próxima e corro até ela. — Você está bem? — Eu pergunto a ela.

Ela gira ao redor. — Estou dançando.

— Eu pensei que você estava tendo um derrame ou algo assim. — Eu sorrio ... largo e dou um passo para trás. Eu não posso nem explicar em palavras as coisas exatas que Kiki faz com seu corpo. Movimentos rápidos e bruscos entram em erupção por todos os membros do corpo enquanto o torso se curva para frente e para trás.

É bem a cena aqui, e eu rio um pouco. Essa mulher não pode cantar, e ela definitivamente não pode dançar, mas eu me pego apaixonado por ela da mesma forma.

Tento me juntar, mas fico a alguns passos para trás, para não ser atingido por seus braços agitados. — Isso não é divertido? — Ela grita com a música. — Você precisa se soltar.

— Oh, eu posso me soltar muito bem. — Eu pego alguns dos meus movimentos legais de dança que fazem todas as mulheres enlouquecerem. Eu sinto a batida correndo pelas minhas veias, correndo pela minha espinha. Estou incrível, tenho certeza.

— Você está bem? — Kiki me pergunta, depois de bater no meu braço.

Abro meus olhos, inclinando-me para mais perto da orelha dela. — Estou dançando.

Ela levanta uma sobrancelha. — Eu não sei o que era isso que você estava fazendo. Você parece um robô.

— Robô? — Eu ri. — Bem, você parece um macaco flácido.

Seus olhos ficam sérios e sua boca se transforma em um pequeno 'o'. — Eu não. Danço maravilhosamente.

— Certo. Claro, você dança. — Eu faço o movimento de dança 'alcançar para trás, agarrar meu tornozelo e pump.' Gostaria de saber o nome, mas não sei.

E Kiki ri. — Oh sim, deixe-me mostrar o que eu tenho. Veja.

Ela faz alguns movimentos bruscos, parecendo uma das dançarinas do ar que eles têm nos estacionamentos de carros usados.

— Isso não é dançar. Me veja. — Eu procuro fazer um movimento, colocando minha perna na minha outra para que eu possa fazer uma jogada legal que eu já vi uma vez em um vídeo de rap anos atrás. Eu costumava praticar por dias até aperfeiçoá-lo.

Kiki ri, e nós dois chamamos a atenção de algumas outras pessoas no clube. Escute, não vou dizer que somos os melhores dançarinos aqui hoje à noite, mas somos definitivamente melhores que o casal mais velho no palco, balançando para frente e para trás.

Movo meus braços para frente e para trás, levantando minha perna e girando meu corpo em círculo, deixando a batida transportar meu corpo em diferentes movimentos. Kiki salta ao meu redor, e eu agarro sua mão.

— Você é natural, — digo a ela por causa da minha risada.

Trabalhamos juntos na sala, fazendo algum tipo de dança de salsa ou tango, e seriamente deveríamos levar nosso número de dança para a estrada. Eu acho que nós dois somos ótimos.

Ei, pelo menos eu posso cantar.

Depois de mais algumas músicas, nos fundimos, balançando um para o outro, sem nos importar se estamos nos movendo muito devagar para a batida rápida que bombeia nossos ossos.

Farejo o cabelo dela, deixando o cheiro de coco e luar me deixar tonto. E sim, isso me faz pensar no primeiro momento em que a conheci, no primeiro momento em que a beijei. Eu a encaro, um sorriso em seus lábios fodíveis, seu cabelo um pouco rebelde por saltar mais cedo, e um suave brilho de felicidade em seu rosto.

— Vamos sair daqui, — eu sussurro para ela, e ela assente.

Acenamos para a multidão quando saímos, rindo enquanto saímos do clube. Foram os movimentos de dança que nos tornaram tão populares. Estou certo disso.

Corremos para a casa dela, incapazes de conter o próximo passo que ambos queremos tanto. Ela abre a porta da frente e já estou pensando em todas as coisas que quero fazer com ela. Antes que possa fechar a porta, minha boca está na dela, beijando-a como se fosse o fim do mundo. E se eu não a deixar nua agora, talvez seja. Minhas mãos percorrem seu corpo, colocando sua bunda em minhas mãos.

Eu ando mais para dentro da casa, me convidando para entrar, como um mestre de todas as coisas sexuais. E hoje à noite, espero que seja apenas isso para ela.

O problema é que ainda tenho que explorar todas as partes dela. Cada centímetro de seu corpo decadente. Cada fibra do seu ser.

Olho pela sala, o tapete bege sob os pés, o sofá azul me implorando para levá-la até lá, e a maneira como a suave luz da lua penetra pela janela, deixando-me saber que sexo definitivamente está no cardápio hoje à noite.

Eu sorrio, sussurrando: — Mal posso esperar para ter você toda.

Kiki fecha a distância restante entre nós, passa as mãos no meu peito e sobre a protuberância no meu jeans.

— Não.

— Não? — Meu corpo chora.

— Não, hoje é minha vez.

E eu sou todo a favor de fazer com que seja a vez dela.

Ela está dominando.

Ela está confiante.

Ela é tão malditamente sexy que a minha respiração falha ao vê-la.

— Qualquer coisa que você quiser, baby.

Eu chupo, mordisco e mordo sua clavícula, algo que eu estava pensando em fazer a noite toda.

Ela me deixa por dois segundos e depois empurra meu peito mais uma vez.

— Não, hoje é a minha vez de fazer você se sentir bem. Agora sente-se. — Ela exige, apontando para o sofá.

Faço o que ela diz, porque adoro o pequeno tom autoritário que sai de sua linda boca. — Sim, senhora.

Ela se ajoelha diante de mim e, oh meu Deus, é isso. Isto aqui é o que eu amo. É isso que me deixa duro. Eu sei agora sem sombra de dúvida; essa garota é minha. Talvez ela sempre tenha sido. Suas mãos mexem com a gola da minha camisa e ela abre cada botão devagar, agonizantemente lento, até que ela o puxa. — Você parece tão sexy.

Eu me inclino para trás, meu corpo endurecendo quando ela passa as mãos pelas minhas coxas. — Eu quero isso fora. — Ela puxa o zíper da minha calça jeans.

Eu a ajudo a removê-la e a minha boxer, e ela apenas olha para o meu pau por uma batida ou duas.

Ela lambe os lábios. — Você realmente tem um pau bonito.

Eu rio um pouco — Bem, obrigado.

Claro, eu já ouvi isso antes, mas ter Kiki olhando para ele enquanto lambe os lábios faz meu pau crescer duas vezes em pouco tempo.

Ela fica de pé, ligando algumas músicas do iPhone. — Espero que você goste dessa música.

— Gostaria melhor se você estivesse nua também.

E a melhor coisa que eu já testemunhei antes na minha vida acontece. Ela é imprevisível. Ela é arriscada.

Ela é sexy pra caralho, e eu não consigo parar de encará-la enquanto ela balança os quadris no ritmo da música.

Talvez essa garota não possa dançar em um clube, mas na privacidade de sua própria casa, com meus olhos de sorte olhando para ela, ela faz um trabalho fenomenal mantendo minha atenção.

Porra, estou tão duro.

Ela continua dançando, tirando cada peça de roupa. Lentamente. Delicadamente.

E oh, tão eroticamente. Sua bunda me implora, me chamando para afundar meus dentes em sua carne macia.

Mas, hoje à noite ela está no controle. Hoje à noite, estou à mercê dela.

E oh, que ótimo lugar de se estar.

Ela se ajoelha diante de mim com nada além de calcinha de renda preta e sutiã combinando. — Eu estou querendo fazer isso com você há muito tempo. — Ela envolve a mão em torno da base do meu pau.

Oh merda. Meu pau cresce na mão dela, e ela lambe os lábios mais uma vez antes de colocar a boca em mim. No momento em que temos contato, meus quadris se dobram automaticamente um pouco, sem esperar que seu toque seja tão suave.

Mergulho meus dedos em seus cabelos, inclinando a cabeça para trás enquanto ela gira a língua em torno da cabeça do meu pau. — Oh, isso é tão bom.

Seus olhos olham para cima, encontrando os meus. E então, ela os fecha e me chupa ainda mais em sua boca. Ela é gostosa, e o jeito que ela está chupando meu pau faz meu sangue correr através do meu sistema. Ela tem uma mão nas minhas bolas, massageando-as entre os dedos, enquanto a outra mão passa pelo meu peito.

Eu bombeio a base do meu pau com meu punho enquanto ela trabalha a boca para cima e para baixo no meu eixo. A boca dessa garota é pura magia.

— Adoro ver você me chupar com essa sua boquinha linda, — digo a ela, querendo tocá-la. Eu não quero que ela pare, mas ao mesmo tempo eu gostaria de estar batendo meu pau profundamente dentro dela.

Ela começa um bom ritmo, e eu fecho meus olhos, meu corpo tão perto de liberar. Eu poderia me acostumar com isso.

Antes que ela possa terminar, eu tiro meu pau da boca dela. — Preciso estar profundamente dentro de você. Mal posso esperar. — Digo a ela, incapaz de pensar em mais alguma coisa.

Ela se levanta e eu corro minha mão pelo lado de sua perna, passando por seu joelho, até a parte interna de sua coxa até eu bater na renda de sua calcinha. Eu os puxo e esfrego meus dedos sobre sua umidade, trazendo minha língua para prová-la. Doce e picante, e deslizo minha língua sobre ela para ter outro gosto. Porra.

Ela mói sua boceta na minha cara, e eu deixo. Oh garoto, eu deixo pra ela. Eu brinco minha língua em torno de seu clitóris, seus dedos cravando no meu couro cabeludo enquanto eu empurro mais forte contra sua pele.

— Você já está tão molhada para mim. — Eu olho para ela, posicionando-a para ficar em suas mãos e joelhos no sofá enquanto me movo atrás dela.

Ela é tão macia e suave. Tudo nela é apertado e quente. Até a porra da boca dela chupando meu pau era sufocante. Estou tão excitado que até o simples pensamento de foder Kiki por trás deixa meu pau pronto para explodir.

Eu dou um tapa em sua nadega direita, agarrando-a e apertando depois.

— Eu estive pensando em te foder assim a noite toda.

Ela espia por cima do ombro, mordendo o lábio inferior. — Faça.

Eu corro a ponta do meu pau sobre seu centro apertado. — É isso que você quer? — Ela assente, e eu inclino minha cabeça na dela para beijá-la.

Eu empurro meu pau dentro dela, parando quando estou no caminho e continuo beijando-a. Traço meus dedos sobre seu pescoço esbelto e mergulho minha língua mais profundamente em sua boca. — Eu amo beijar você, — digo a ela quando me afasto.

Seus grandes olhos castanhos me observam enquanto eu balanço meu pau dentro e fora dela. E é tão bom pra caralho. Eu continuo empurrando dentro e fora e dentro e fora, de novo e de novo, apertando seu pescoço levemente. Minha outra mão controla seu quadril, meus dedos cavando sua carne macia.

Eu mordo meu lábio inferior enquanto mergulho mais fundo nela. Estou tão duro, mais duro do que eu já estive enquanto continuo empurrando e empurrando, ferrando e fodendo com ela até que tudo que eu posso ouvir são seus gemidos ecoando por toda a sala.

E isso me estimula, me fazendo ir ainda mais rápido, tentando o meu melhor para fazê-la gritar. E então ela o faz, se soltando e jogando a cabeça para trás. — Ellis, — ela chama, — eu estou tão perto.

É como se ela tivesse dito as palavras certas. As palavras que fazem meu corpo entrar em movimento ainda mais rápido, tentando o meu melhor para não gozar ainda. Eu não consigo superar o quão apertada ela é. Quão perfeita é a bunda dela quando aperto minha palma em volta dela. Quão sexy ela soa quando chama meu nome como se ela também não tivesse o suficiente.

— Eu farei o que você quiser, Kiki. — Eu dirijo mais fundo. — Qualquer coisa. Suas fantasias sexuais são o meu desejo de realizar.

— Qualquer coisa?

— Sim, querida. — Eu empurro meu pau todo o caminho dentro dela, e ainda meus movimentos.

O corpo dela continua balançando. — Não pare.

— O que você quer de mim?

— Eu quero gozar em todo o seu pau, e depois provar sua porra.

Ah Merda. Porra. Puxo o cabelo dela, trazendo a cabeça de volta para mim.

— Goze em cima de mim, você está tão fodidamente pronta.

Eu começo meus movimentos novamente, golpeando, empurrando e fodendo essa garota com tudo o que tenho.

Seu orgasmo começa baixo, seus gemidos quase inaudíveis e se transformam em algo incrível. Ela grita: — Estou gozando. — E ela me monta, batendo seu corpo contra o meu.

E assim que ela termina, ela se afasta para se ajoelhar diante de mim. Meu pau pulsando, sentindo falta de sua boceta apertada para bater.

Ela abre a boca e eu juro que morri e fui para o céu. Eu bombeio meu pau no meu punho, grunhindo, gemendo, empurrando meu pau contra sua língua.

E então tudo para, meu orgasmo dispara através de mim como um foguete. — Leve minha porra no fundo da sua garganta.

Nunca houve uma visão melhor do que Kiki aqui e agora. Como eu poderia deixar isso?

Capítulo Vinte e um

Kiki

NUNCA CONFIE NA SUA MÃE ...

TEM SIDO UMA SEMANA MUITO AGITADA COMIGO E COM O ELLIS. Estamos experimentando novos sabores de cerveja feminina, como ele gosta de chamá-la, e finalmente criamos uma cerveja de trigo com morangos que ele acha que vai tirar as meias cor de rosa das mulheres em todos os lugares.

E eu concordo.

Hoje, depois do trabalho, Ellis está me levando para um restaurante para ver se eles querem comprar sua cerveja. Disse a ele que não me sentia bem-vinda, mas ele disse que queria me ver e passar um tempo comigo.

É doce.

Ele me pega e seguimos pela estrada até um barzinho chamado Dune Dog Cafe. Já dirigi pelo local algumas vezes, mas nunca estive lá dentro. Está sempre lotado, e se Ellis puder levá-los a comprar sua cerveja, seria enorme para eles.

Entramos no pequeno estacionamento, e Ellis e eu entramos juntos. Não é como se estivéssemos jantando em casal, não, isso é negócio e tento manter meu comportamento sério, para não arruinar nenhuma chance com Ellis e o proprietário.

O proprietário nos cumprimenta e se apresenta como Dave. Ele é muito descontraído e eu relaxo um pouco. Ele nos puxa para uma pequena mesa perto da parte de trás e pergunta se queremos uma bebida.

Ellis segura o cooler que está carregando e diz: — Eu tenho muito por aqui.

Dave ri. — É isso que eu gosto de ouvir. — Ele se senta. — Vamos experimentar um pouco dessa cerveja que você tem.

Digitalizo o pequeno bar, é muito praiano e ao ar livre. Quase como se estivesse em um dos pavilhões na costa. A brisa varre o restaurante, tornando-o o cenário perfeito para uma refeição agradável.

Ellis abre o cooler, pegando a primeira cerveja que ele trouxe. A cerveja branca chamada Luau que eu amo tanto.

Ellis abre a tampa e entrega para Dave.

Dave dá um bom gole e depois pousa a garrafa. — Porra, isso é realmente bom e frutado.

Eu sorrio feliz que ele esteja gostando. E sento-me, admirada com a maneira como Ellis vende para esse homem. A confiança. A convicção sexy que ele exala.

— Agora, tente esta. Acho que você apreciará a suavidade disso. — Ele abre a Twist & Stout, entregando a ele e depois me dando uma piscadela.

Dave bebe um pouco mais dessa vez, deixando todos os sabores do lúpulo explodir em sua boca. — Está bem. Esta é uma vencedora. Eu tenho que ter esta.

Ellis ri. — Ok, ok. Absolutamente podemos conseguir esta para você. Eu posso fazer três e cinquenta por meio barril. Ou se você pedir três, posso diminuir para três e vinte.

Dave assente. — Eu gosto desse preço. Eu compro essa. Não vendo tanta cerveja.

— Quero mostrar-lhe outra cerveja em que estamos trabalhando e depois podemos discutir os preços para todos os tipos diferentes de cerveja que oferecemos.

Ellis enfia a mão no cooler, puxando o frasco cor-de-rosa com os desenhos do redemoinho. — Agora, esta é uma hefeweizen[7] voltada para mulheres, com sabor de morango.

[7] É um tipo de cerveja feita de malte de trigo, malte de cevada, lúpulo e levedura

Dave segura a garrafa nas mãos, estudando-a antes de tomar um gole. — Uau, isso é uma boa cerveja de trigo. — Ele sorri. — Essa é uma ideia muito boa. Eu tenho toneladas de mulheres que beberiam essa merda.

Ellis ri, se dando tão bem com o dono desse pequeno lugar de madeira. — Vamos rever alguns números.

Meu telefone aperta no bolso e olho para a tela. — Eu já volto, só preciso atender isso. — Peço licença e, quando estou longe o bastante, atendo a ligação de Poppi.

Ela só quer me dizer que a documentação contábil que ela perdeu na semana passada foi encontrada. Saio do Dune Dog Cafe e esbarro na minha mãe.

Termino a ligação com Poppi. — Mãe, o que você está fazendo aqui? — Dou-lhe um abraço, acenando em direção a minha tia Carol.

— Estamos jantando. Você deve se juntar a nós. — Minha mãe diz.

— Sinto muito por ouvir sobre Henry. — Minha tia Carol me aperta com mais força.

— Está tudo bem, — eu olho por cima do ombro para Ellis e Dave, — eu estou bem.

— Venha se sentar conosco, — minha mãe assente por cima do ombro, — haverá três de nós para jantar, — ela diz à anfitriã.

— Mãe, eu uhh ... — disparo. Ellis e Dave estão vindo nessa direção.

Dave sorri, como faria o bom dono de um bar. — Obrigado por ter vindo, — ele aperta minha mão, dando um tapinha nas costas de Ellis, — o jantar é por minha conta.

As bocas da minha tia e da minha mãe caem um pouco enquanto olham para Ellis e Dave.

— Obrigado, Dave. Nos falamos em breve.

Dave acena e vai embora, deixando-me com minha mãe e minha tia e ... Ellis.

— Acho que não nos conhecemos, — diz Ellis, apertando a mão da minha mãe e depois a da minha tia. — Eu sou Ellis Atwood.

— Você trabalha aqui? — Minha mãe pergunta.

Ele ri um pouco. — Não. Eu sou o dono da Bearded Goat Brewery.

— Eu amo essa cerveja, — tia Carol fala. — Você vai se juntar a nós também?

Eu dou de ombros. — Claro, por que não. — Eu apresento Ellis e assim que ele ouve que é minha mãe, ele sorri ainda mais.

Não é assim que eu normalmente levaria um homem para casa para conhecer minha mãe, mas funciona.

— Eu sempre adorei aqui, — diz tia Carol, apontando para a decoração. — As pranchas de surf coloridas em todos os lugares são tão animadas.

— Eu sei. Por isso eu recomendei que viéssemos, — minha mãe diz com uma risada. — Kiki, o que você estava fazendo aqui?

Todos nos sentamos em uma mesa de piquenique e pegamos os menus que já estavam esperando por nós. Ellis empurra o cooler que ele carrega para baixo do assento e sorri. — Estávamos vendendo minha cerveja, tentando o nosso melhor para nos tornar um vendedor aqui.

Minha mãe levanta uma sobrancelha. — E você precisava de Kiki para isso? Estou confusa, Kiki, você conseguiu um emprego na cervejaria?

— Bem, senhora...

— Me chame de Lisa, — diz minha mãe.

— Lisa. Kiki e eu somos meio que... — ele não termina seu pensamento porque nós realmente não tivemos *a conversa*. Você sabe,

a conversa que estamos tendo aqui. Quero dizer, passamos muito tempo juntos e fizemos muito sexo, e juro que estou me conectando a esse homem mais do que nunca com alguém, mas sem a conversa real, nenhum de nós quer assumir nada.

— Estamos meio que nos vendo, mãe, — eu digo, ajudando Ellis.

Ele sorri largamente, jogando o braço em volta do meu ombro, enviando calafrios pela minha espinha.

— E Kiki tem sido fundamental para manter minha cervejaria à tona.

Ele está só me falando aqui. Eu não fui instrutiva em nada.

As sobrancelhas de minha mãe e tia Carol se erguem em uníssono. — Realmente? Isso é verdade?

— Eu não tenho sido tão instrumental. Ellis só está sendo legal.

Ellis passa o dedo pelo lábio inferior enquanto observa minha mãe e tia me interrogarem sobre a cervejaria. Então, ele agarra o cooler debaixo do assento. — Ela é a mente por trás disso. — Ele dá duas garrafas de cerveja rosa.

Minha mãe agarra como se fosse uma cabeça alienígena, estuda a garrafa depois volta a baixar. — O que é isso?

— É uma cerveja voltada para mulheres. É uma hefeweizen de morango, experimente.

Ele abre as duas garrafas, entregando-as.

Tia Carol é a primeira a responder. — Uau, isso é legal. Suave.

Minha mãe, mais cética, toma um gole hesitante. — Oh, isso é Bom. E Kiki, — ela está me encarando agora, — você pensou nisso?

Dou um pequeno encolher de ombros. — Sim, bem, eu gosto de cerveja.

— E agora você está namorando Ellis?

Eu sorrio, com outro encolher de ombros. — Sim estou. — Mas não me pergunte para onde está indo, porque ainda nem descobrimos os detalhes.

Minha mãe sorri. — Como vocês dois se conheceram?

— Sim, nós queremos todos os detalhes, — tia Carol diz, tomando outro gole de cerveja.

Umm. Onde eu começo? Ellis e eu trocamos um olhar estranho, nós dois provavelmente pensando a mesma coisa. Como contamos nossa história?

— Bem, eu a vi, gostei dela e a beijei. — Ellis ri, e minha mãe e tia Carol riem também, sem entender a piada toda, obviamente.

— Mãe, é uma longa história. Mas estamos felizes. E agora sei que nunca amei Henry.

Minha mãe chora. — Estou tão feliz por vocês dois.

Tia Carol se lança sobre o casamento de sua própria filha, contando a Ellis todos os detalhes. — E nós temos pavões, — diz ela, continuando sua história.

Minha mãe acena para mim. — Vamos ao banheiro.

Sinto-me um pouco mal por deixar Ellis sozinho com minha tia, enquanto ela se vangloria de Marsha, Marsha, Marsha, mas é óbvio que minha mãe tem algo a dizer.

Eu beijo a bochecha de Ellis antes de sair.

Nos desculpamos e seguimos na direção dos banheiros. No corredor, minha mãe para e se vira para mim. Seus olhos castanhos procurando os meus.

— Eu sei que tenho sido dura com você...

— O quê? — Eu cortei.

Ela acena com a mão para deixá-la terminar. — Não, eu estou tão consumida com Carol e Marsha que eu nunca te perguntei o que você procurado.

— Oh, mãe, está tudo bem.

Ela não terminou. — Eu era um monstro, — eu ri um pouco, — e nunca deveria ter colocado esse tipo de pressão em você. — Ela me abraça, firme e verdadeira.

— Estou bem.

— Eu posso ver isso agora. Há um brilho ao seu redor, e eu posso ver nos seus olhos quando você olha para Ellis. — Ela sorri, limpando uma lágrima da própria bochecha. — Você nunca amou Henry, e eu posso ver isso agora.

Eu a abraço novamente. — Mãe, eu realmente gosto dele, — falando sobre Ellis.

E eu realmente aprecio minha mãe dizendo isso para mim. Por muito tempo senti a pressão da vida de Marsha afetando a minha. Muitas vezes, senti que não podia corresponder às expectativas que me eram impostas. É como se um grande peso tivesse sido levantado e eu sorrio.

— Mãe, obrigada, — digo a ela.

Ela olha de volta para Ellis. — Eu posso dizer que ele realmente gosta de você também.

***

MAIS TARDE NAQUELA NOITE, quando estou dobrada ordenadamente ao lado de Ellis, que percebo ser um dos meus lugares favoritos, suspiro de felicidade. Eu realmente poderia me acostumar com isso. Eu quero falar de Atlanta. Quero trazer à tona todas as coisas do desconhecido e obter respostas.

Mas, em vez disso, levanto minha cabeça. — Você está dormindo?

— Bem, agora não. — Ele ri e eu sei que ele não estava dormindo. Eu espero.

— Eu só estou pensando quando você ouvirá Henry sobre como conseguir o dinheiro para começar a produzir a cerveja para cachorro e outras coisas? — Eu sorrio. — E eu quero que você saiba que vou pedir um pouco de cerveja para cachorro na minha loja.

Ele passa os dedos pelos meus cabelos quando eu deito minha cabeça em seu peito. — Obrigado. — Ele beija o topo da minha cabeça. — Urban diz que Henry tem sido meio arrogante. Como quando ligamos, sem resposta. Então, Urban o convidou para o casamento de Yasmin. — Ele se apoia em um cotovelo. — Espero que esteja tudo bem.

Concordo com a cabeça, esperando que o motivo de Henry não responder não tenha a ver comigo e Ellis. — Certo. — Giro meu dedo

sobre o tanquinho que ele tem. — Você está bravo por eu estar fazendo você ir?

Ele ri levemente, seu peito subindo e descendo. — Não, vai ficar tudo bem. Isso é importante para você. Então, isso também é importante para mim.

— Só sei o quanto não gosta do seu pai.

Ele balança a cabeça. — Eu estava no ensino médio quando meu pai traiu minha mãe. — Ele balança a cabeça, provavelmente lembrando de tudo. — Como um homem pode fazer isso com a mulher que ama?

— Eu não sei.

— Ele deixou minha mãe sem nada. Absolutamente nada, e foi ela quem o apoiou e ele estragou tudo ao sair.

— Eu sinto muito.

— A partir desse momento, meu pai ficou pior. Ele se tornou muito exibicionista sobre sua vida, e todos os seus pertences. Então, começou a jogar e a partir daí virou uma bola de neve.

— Compreendo. — Ficamos em silêncio por um momento enquanto Ellis continua passando os dedos pelos meus cabelos. — Sua mãe está melhor agora?

— Sim, atualmente mora em Atlanta, na minha rua.

— E ela é feliz?

Ele beija o topo da minha cabeça. — Sim, ela é feliz. E como eu disse. Este casamento é importante para você, então eu estarei lá para apoiá-la e somente você.

Este homem me faz sentir toda mole por dentro. Eu me inclino, pressionando um beijo contra seus abdominais.

— Obrigada.

Ele assobia quando eu faço contato com sua pele, e então ele se senta. — Estou falando sério. Isto é quem você é. Uma planejadora de casamentos de cães, e eu adoro isso em você.

Meus ouvidos se animam com a menção do amor. — Eu amo que você é um cara de cerveja.

Ele abre um sorriso. — Eu sou um pouco mais do que isso. Esqueceu do melhor bailarino, o mestre da cerveja, desenhos gráficos que vão derrubar suas meias.

Eu ri. — E você esqueceu do quarto.

— Oh, certo. Sou um bom amante. — Ele sorri largamente.

Eu beijo sua bochecha. — Você é muito melhor do que apenas bom.

Ele me beija rápido nos lábios. — É por sua causa. É fácil com você.

— Espero que seja um elogio.

Ele balança a cabeça. — Isso não foi o que eu quis dizer. Quero dizer, é como se estivéssemos sempre na mesma página. É uma ótima sensação.

— Eles dizem que os cães têm uma conexão interna com seus donos. Que quando estão tristes, o cachorro fica triste e assim por diante. Eu sinto que meio que temos a mesma conexão.

Ellis respira meu cabelo, sufocando seu rosto nos cachos macios antes de se afastar. — Eu gosto disso. — E então ele me beija, longo e lento, suave e profundo, sua língua me penetrando ao ponto de completa excitação. Quando ele termina, ele se afasta, segurando minhas bochechas com as duas mãos. — Eu realmente gosto disso.

Eu o beijo porque, se não o fizer, acabarei dizendo palavras como amor, casamento e para sempre. E mesmo que tenhamos esse vínculo incrível entre nós, não quero apressar as coisas.

Capítulo Vinte e dois

Ellis

NUNCA CONTE SEUS OVOS ANTES DE CHOCAR...

PENSO que eu poderia ver Kiki dormir o dia inteiro. Isso é assustador? Isso é assustador, certo? Bem, falo sério, ela é tão fofa de uma maneira muito bonita. E ela é, a sério.

Eu beijo a bochecha dela e me arrasto para fora da cama, caminhando até a cozinha para fazer uma xícara de café. Ontem, depois que saímos do Dune Dog, meu telefone tinha duas ligações perdidas de mais dois lugares que queriam comprar nossa cerveja. Dave adorou, e pretendo contar a Urban as boas notícias. Assim que recebermos o dinheiro dos investidores e assinar o contrato, a vida deverá ser ótima para a Cervejaria Bearded Goat.

O meu mundo está melhorando.

Eu deixei o café filtrar, e o cheiro viaja por toda a casinha fofa de Kiki. Ela teve sorte em encontrar este lugar. É perto da praia, em uma pequena estrada tranquila, com poucos vizinhos.

Preparo o creme, faço uma caneca e levo para fora para sentar no pátio dela. O tempo está frio no início da manhã e relaxo enquanto tento criar um plano de jogo para hoje.

— ***Ouvi falar de Dune Dog, isso é incrível*** — Urban me manda uma mensagem.

Eu jogo de volta outro. — ***Mais dois lugares acabaram de ligar e pretendo dar uma olhada neles***.

— ***Perfeito. Papai está se perguntando se você pode parar na casa dele. Meio-dia***. — Eu li o texto de Urban, imaginando o que meu pai poderia ter para me dizer. Uma bola de nervos agita profundamente dentro da minha barriga. Isso não pode ser bom.

Eu termino meu café, voltando para a cozinha para lavar a caneca. — Bom dia dorminhoca, — digo quando vejo Kiki entrando na sala, os olhos ainda sonolentos e o cabelo uma bagunça. Ela parece mais fofa do que eu já a vi.

— Café, — ela murmura.

Ah, minha garota não é uma pessoa da manhã. Pego uma caneca e despejo um pouco de café quente.

Ela respira fundo. — O que você está fazendo acordado tão cedo em um sábado?

— Trabalho, baby. Sempre funciona. — Eu sorrio e beijo sua bochecha. — Na verdade, tenho que encontrar Urban na casa de meu pai. Ele tem algo para conversar conosco. — Meu sorriso fica tenso e eu não posso deixar de revirar os olhos um pouco.

— Uh, oh. Espero que esteja tudo bem.

— Tenho certeza que está. — Eu envolvo meus braços em volta dela. — E o que está em sua agenda hoje?

— Eu tenho que pegar algumas coisas para o casamento de Yasmin.

— Jantar depois?

— Com certeza. — Estamos caindo nesse pequeno ritmo perfeito e eu amo isso.

***

EU ENTRO NA MANSÃO DO MEU PAI perto do mar e avisto o SUV de Urban. Graças a Deus ele está aqui antes de mim.

A casa na colina possui riqueza, importância e uma mentira que ele está tentando desesperadamente segurar. Tem todos os elementos das coisas para competir com todos os vizinhos. Um grande quintal, grandes colunas e uma doca com um barco amarrado ao fim.

Eu realmente não quero estar aqui. Mas eu vou jogar o jogo. Qualquer que seja o jogo. Meu pai vê a vida como um jogo de xadrez. Ele posiciona as peças para que, independentemente de qual movimento você faça, ele já esteja dizendo xeque-mate antes mesmo de saber o que aconteceu.

Mas não desta vez, não hoje.

— Ellis, que bom que você está aqui, — meu pai diz com um sorriso tenso.

— Para que você precisa nos ver? — Pergunto a ele antes mesmo de entrar completamente na casa dele.

Claro, meu pai é um desses tipos. Ele precisa definir o clima, nos fazer entrar. Charutos leves. Beber nosso chá. Agir como um povo civilizado, e todas as outras besteiras.

Urban obriga, entrando e conversando até meu pai nos colocar dentro de seu escritório. É uma jogada de poder.

Sentado ali atrás de sua grande mesa de cerejeira, com diplomas das várias universidades em que se formou decorando a parede atrás dele e nós nas cadeiras do lado oposto. Ele se eleva sobre tudo na sala, mesmo em uma posição sentada, como se sua cadeira estivesse na posição mais alta. Outro movimento de poder.

Inferno, tudo o que falta é a gravata vermelha para mostrar que ele é sério.

Mas não hoje. Ele veste uma camisa Tommy Bahamas, azul com um padrão de flor de hibisco branco. Ele pega uma caixinha de madeira da caixa do umidificador. Ah, os charutos.

Eu recuso, mas Urban e meu pai acendem os deles.

— Estamos quase terminando com toda a teatralidade? — Inclino-me na minha cadeira de madeira dura, tentando o meu melhor para não parecer tão descontente quanto me sinto. Mas, é mais fácil falar do que fazer.

— Ellis, você deveria estar agradecido por eu não jogar fora esse novo projeto que você e aquela garota começaram. — Meu pai me olha por trás dos óculos de aro escuro.

— Não me ameace, velho. — Ha. Eu gostaria de ver o papai querido tentar.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição. — Ok, estamos começando com o pé errado aqui. Chamei vocês dois porque sinto que vão precisar de mim para seguir em frente.

— Precisar de você? — Eu pergunto, e antes que eu possa ir mais longe, Urban se levanta da cadeira dele.

— Pai, enquanto agradecemos a ajuda, acho que Ellis e eu podemos levá-la daqui. Estamos a segundos de fechar o acordo com Henry e temos todos os produtos prontos para produção.

— Sim, mas precisamos de um rosto para os novos produtos, e acho que é aí que preciso tomar as rédeas. Eu preciso mostrar meus novos produtos para o mundo.

— Ah, então você recebe o crédito.

— Bem, é minha cervejaria. — Meu pai diz, seus olhos brilhando com cifrões. Gostaria de saber quanto tempo levará para ele arriscar os ganhos futuros.

— Sem acordo. — Eu descanso minha mão em sua mesa. — Eu não estou aqui ajudando para que você possa nos colocar na mesma situação no próximo ano.

Urban se recosta na cadeira. — Ele está certo, pai. Não podemos ter as coisas ficando tão ruins como antes.

Meu pai abaixa a cabeça por um momento, realmente para mostrar mais do que qualquer outra coisa. — Vocês estão certos, meninos. Preciso ser melhor. Eu serei melhor, — diz qualquer bom drogado que precise de sua próxima dose, e para meu pai é jogo de azar.

— Ok, sério. Se precisarmos levá-lo a algum tipo de reabilitação, faremos. — diz Urban.

Meu pai ri. — Serei bonzinho.

Richard Atwood nunca poderia ser visto em um centro de reabilitação para jogadores, ou para qualquer outra coisa. Os boatos do clube de campo voariam pelo telhado, e eles não seriam convidados para seu jogo semanal de squash.

Encaro meu pai, a raiva que tive por ele dobrando, implorando para ser liberada. — Acreditarei quando o vir.

Meu pai se senta ereto, estufando o peito. — Urban, nos dê um minuto. — Urban assente, saindo da sala.

Richard Atwood não fala imediatamente, em vez disso, ele me estuda sobre os óculos, fumando um charuto. — Você realmente me odeia, não é? — Ele finalmente pergunta, sua voz baixa e concisa.

— Eu realmente odeio.

— Você sabe que sua mãe me perdoou pelo que aconteceu todos aqueles anos atrás.

Eu ri. — Não, ela simplesmente não se importa com você.

— Ellis, você sabe o que é o oposto do amor?

— Ódio. — Porque tudo que percorre meus ossos é o oposto do amor agora.

Ele balança a cabeça, como se soubesse de tudo no mundo. Sua presunção quase me mata. — Não, é indiferença. Quando você não se importa mais, e toda a raiva se dissipa. É quando você sabe que não ama mais alguém.

— Foi o que aconteceu com mamãe? Você a deixou porque não se importava?

Meu pai balança a cabeça. — Não, você não está me entendendo. — Ele se levanta, se movendo para olhar pela janela. — O que aconteceu entre sua mãe e eu foi tudo culpa minha. E me senti inútil por muitos anos por causa disso.

— Bom.

Ele volta para olhar na minha direção. — Às vezes você não percebe que está fazendo as escolhas erradas até que seja tarde demais. — Ele abaixa a cabeça, com as mãos atrás das costas. — E então você fica com uma vida inteira de arrependimento.

Eu levanto. — Obrigado pela lição de vida, pai.

Saio de seu escritório, sem olhar para trás.

Capítulo Vinte e três

Kiki

NUNCA CONFIE EM UM EX ...

— APENAS MANTENHA O TITAN IMÓVEL. — Eu digo ao pequeno maltipoo[8] sentado na cadeira de couro ao lado de seu proprietário, uma Sra. Gold muito relaxada. — Você vai adorar isso, prometo. — Eu inicio o seu tratamento facial de mirtilo, esfregando a mistura sobre sua suave pelagem.

— Ele sempre cheira tão gostoso depois que saímos daqui, — diz a sra. Gold, desfrutando de seu próprio tratamento facial de mirtilo que terminei momentos antes.

Eu continuo esfregando, certificando-me de que seu pelo está totalmente coberto e depois o movo para a pequena pia para enxaguar.

— Tudo pronto, — digo quando termino de enxaguar o produto. — Marge estará aqui para terminar vocês dois.

O trabalho de Marge é secar e pentear os filhotes, e então os prepara para a mani /pedicure que terão.

[8] Uma das variedades de raça mestiça é o **Maltipoo**, esse cachorro é resultado do cruzamento entre Poodle Toy e Maltês

Minha mente pensa em quando Ellis estava sentado nesta mesma sala, minhas mãos correndo sobre seu rosto suave. Calafrios surgem com o pensamento de como ele me olhou com toda a intensidade do mundo.

Lavo minhas mãos e, em seguida, volto para a entrada da frente para esperar meu próximo cliente.

— O que você acha disso? — Poppi pergunta, segurando uma revista do mais novo solteiro e como a garota que ganhou o programa inteiro e conseguiu a rosa e o noivado terminou.

— Não posso dizer que não vi isso acontecer, — digo com uma risada.

Antes que Poppi possa dizer mais alguma coisa, Henry entra como se fosse o dono do lugar, carregando um poodle branco com ele. Uma morena corre atrás dele, seus olhos cinzentos fixos em Henry. Ela parece familiar e eu percebo que é o barman da Bearded Goat.

— Oi Kiki, esta é Mia. — Então ele segura o pequeno poodle. — E este é o Alasca.

Eu sorrio. — Ótimo nome para um ótimo cachorro. — E então eu estendo minha mão para apertar a de Mia. — Oi bom conhecê-la.

Henry joga um braço em volta dos ombros de Mia. — Ela é minha noiva. — E ali está, todo brilhante em seu dedo anelar

esquerdo, a mesma pedra que Henry me propôs. O próprio anel que passou pelo trato digestivo do pequeno Pedro, o bode.

Me pergunto quantos outros lugares já foram.

— Oh, uau. — Olho de olhos arregalados para Poppi antes de parabenizar o casal feliz. — Parabéns. Como posso ajudá-los hoje?

— Estamos aqui para dar a Alaska e Mia, o Spawsome qualquer coisa. — Henry acena com a mão como se não se desse ao trabalho de ler os nomes das embalagens. Mas, por outro lado, ele sempre foi assim.

Realmente não prestando atenção.

Nunca realmente lendo sobre qualquer tipo de situação.

Como eu nunca tinha notado isso antes?

E agora tudo se encaixa. Ele nunca esteve apaixonado por mim. Ele está apaixonado por ser nomeado sócio de sua grande firma de fantasia.

Sorrio, como a profissional que sou, e toco algumas teclas no computador, verificando a programação. — Eu tenho uma vaga agora, na verdade. — Graças a Deus a senhorita Mingle cancelou. — Poppi pode levá-los para trás. — Eu aceno minha mão, apontando para o conjunto de portas francesas brancas e Poppi pulando em ação.

— Com certeza, siga-me. — Poppi abre as portas e Mia segue atrás com o Alasca na mão.

— Como você está? — Henry pergunta assim que estamos sozinhos.

— Eu estou bem. Escute, Henry. — Preciso dizer a ele. — Estou vendo Ellis agora.

Henry ri como se essa notícia pudesse ser verdadeira. — Eu sei. Não é que eu tenha seguido você ou algo assim.

— Ah ok. Eu só queria que você soubesse.

Ele sorri para mim. — Sempre soube disso, Kiki.

O que isso quer dizer?

— Isso significa Kiki. Ellis precisa de mim. Não precisa de uma dona de loja de cachorro como você. — Ele se aproxima, suavizando as rugas inexistentes em seu terno feito sob medida. — Isso significa que estou mantendo a cervejaria em funcionamento. Sou eu quem manterá todas as pequenas ideias estúpidas que você tem de cerveja para cachorro e cerveja rosa, — ele revira os olhos, — à tona.

Pisco, não tenho certeza da reação que ele está procurando de mim. — Você é grata por estar fazendo isso por eles, certo?

Eu concordo. — Sim.

— Poderia facilmente fazer com que a empresa desfizesse o acordo, — ele estala os dedos, — assim.

— Não faça isso. Por favor, Henry. Sei que as coisas não deram certo entre nós, mas a cervejaria merece uma chance.

Henry ri. — Há uma coisa que você precisa saber sobre mim, Kiki.

— O que é?

Ele estufa o peito. — Eu sou um vencedor. Sempre fui, sempre serei.

— O que isso tem a ver com alguma coisa?

Ele se aproxima, quase muito perto, e sou grata pelo balcão que nos separa. — Eu sempre ganho.

— Está bem.

— E para eu investir na cervejaria e salvar o dia, preciso de algo de você.

— Eu?

— Sim você.

Eu não gosto do som disso. Em absoluto. E tenho medo de perguntar o que ele precisa que eu faça.

Mas não preciso, porque Henry me diz, como se estivesse empolgado demais para dizer as palavras: — Quero que você termine com Ellis. — Há um brilho nos olhos dele, e eu sei que ele está amando esse pedido.

Estou pasma. — Como você pode pedir isso de mim? — Meu rosto se enruga de raiva. Eu gostaria de poder pedir a esse idiota para sair, mas ele é um cliente pagador, então eu bato no computador. — São sessenta e cinco e trinta.

Ele pega a carteira e entrega o cartão de crédito. — Estou falando sério aqui, Kiki. Não posso trabalhar com uma empresa onde o proprietário está transando com minha ex.

— Por favor saia. — Não me importo se isso vai de encontro aos padrões da minha própria empresa. Eu escrevi o manual, então estou autorizada a quebrá-los.

— Kiki, você quer ver os Atwood perderem tudo o que têm?

Eu não movo um músculo. — Bem não.

— Exatamente. Agora, qual é a seriedade dessa paixão por cachorrinhos que você tem um pelo outro?

Não quero dizer a Henry que acho que estou me apaixonando por Ellis e que acho que Ellis pode estar se sentindo da mesma maneira, então mantenho minha boca fechada.

— Deixe-me contar uma coisa sobre Ellis. Ele não está falando sério sobre você. — Henry ri. — Ele está apenas te usando. Acha que um homem como Ellis alguma vez iria atrás de alguém como você?

Ai. — Você foi, — eu cuspi, segurando meu queixo.

Henry não diz uma palavra, apenas empurra o balcão, olhando o relógio antes de olhar pela porta de vidro que leva à rua. Ele observa os carros passarem por um momento antes de se virar para me encarar mais uma vez. — Estou falando sério aqui, Kiki. Eu não perco. Os únicos que vão perder do seu egoísmo são os de Atwood. — Ele abre a porta, olhando por cima do ombro. — Espero que você faça a coisa certa. — E então ele sai pela porta, empurrando os óculos escuros sobre os olhos, sem nem olhar para trás.

Definitivamente não vou estar aqui quando ele vier buscar o cachorro e sua futura noiva, com certeza.

***

EU ESTOU DE MAU HUMOR há dias desde que Henry deixou minha loja e me disse para terminar com Ellis. Já pensei nisto repetidamente na minha cabeça. Eu não posso terminar com ele. Eu realmente gosto dele mil vezes mais realmente. Eu também não quero que ele e sua família percam a cervejaria.

Este é um momento para tomar sorvete. Pedaços de chocolate com menta para ser exata.

Mas não. Esse problema é muito mais sério do que o sorvete pode suportar. Além disso, não consigo abrir uma banheira bem aqui onde estou.

Ugh, eu gostaria de ter alguém para conversar sobre isso. Lola e Poppi me diziam para dizer *não* a Henry e cavalgar até ao pôr-do-sol com o Ellis.

Não é tão fácil. Na verdade, é a merda mais complicada do planeta. Como se eu precisasse de um físico nuclear para tentar descobrir tudo. E ainda assim, acho que ele nem poderia chegar perto.

Eu me preocupo com Ellis. Me preocupo. E não posso deixá-lo perder o financiamento para seus projetos. Não posso deixá-los perder tudo se a cervejaria não conseguir.

Mas também não quero me apressar. Eu cometi esse erro com Henry, e veja onde isso me levou. Ellis vive em Atlanta. Eu moro aqui.

— Você tem as flores, Kiki? — Poppi pergunta quando me vê olhando para a água. Estamos aqui na casa de Atwood, no Intracoastal, e tentando desesperadamente fazer todo o trabalho de preparação para o casamento de Doodles e Sparkles.

— É estranho que os noivos sejam irmão e irmã? — Eu pergunto a Poppi, entregando-lhe o buquê de flores.

Ela ri. — É mais estranho que eles tenham mais pessoas participando do casamento do que eu jamais terei em meu próprio.

Eu continuo acendendo as luzes, fazendo deste outro casamento espetacular. Preciso ter muitas fotos para o portfólio. — Sim, — eu digo, distraidamente.

— Você está muito quieta. — Poppi para de trabalhar. — Quer falar sobre isso?

Eu caio meus ombros em derrota, desesperada por receber um pequeno conselho. — Se você tivesse a capacidade de salvar o futuro de alguém, você o faria?

Poppi me estuda por um momento antes de responder: — Isso é sobre a cervejaria? — Eu concordo. — O que está acontecendo exatamente?

Eu provavelmente não deveria contar a ela, e até mesmo dizer isso em voz alta é um pouco ridículo, mas eu faço de qualquer maneira.

— Henry não ajudará a cervejaria a menos que eu termine com Ellis.

— Oh, uau, — diz ela enquanto solta um suspiro profundo. — Eu sempre soube que o homem era um... — ela não diz a profanação que está pensando para Henry, e tantas se encaixam tão bem.

— Eu sei.

— Você está honestamente pensando em fazer isso? — Ela coloca a corda das luzes em uma mesa próxima, depois descansa as duas mãos no meu ombro, me olhando diretamente nos olhos. — Você não pode deixar esse homem controlá-la.

— Mas a vida de Ellis está em Atlanta e a minha está aqui.

Poppi encolhe os ombros. — E?

— Então... nunca vai dar certo.

— Nunca diga nunca, — diz ela. — Parece-me que você já decidiu, e não dar uma chance ao desconhecido. — Ela deixa cair as mãos, pegando as luzes novamente. — Às vezes tomamos decisões precipitadas porque não temos certeza do resultado.

— Não posso ser a razão de sua cervejaria falhar. — Tomei uma decisão. E não porque tenho medo de pensar em como Ellis e eu trabalharíamos como casal com ele em Atlanta e eu aqui. Mas porque não posso deixá-lo perder tudo. E isso é maior do que apenas Ellis. Há uma empresa inteira para pensar. Urban, todos os funcionários, tudo.

Não posso ser a única razão pela qual todos fiquem sem emprego.

Com meu humor piorando a cada minuto, continuo a decoração do quintal. — Isso é tudo tão bonito, — diz Yasmin. — Você fez um trabalho maravilhoso ao transformar este lugar. — Ela estuda a série de luzes que estamos instalando. — Tudo isso será tão perfeito.

— Está ficando como deveria. — Nossa, eu não posso nem fingir ser agradável. É como se todo o bom humor tivesse sido sugado do meu ser, e eu fiquei com esse vazio por dentro.

Yasmin imaginou um casamento à noite, com luzes brilhando sobre a cabeça enquanto os dois filhotes latiam seus votos um para o outro. O quintal está cheio de cadeiras dobráveis brancas, um corredor feito de tule branco e uma noiva vestida a rigor em um dos mais bonitos e pequenos vestidos de noiva que eu já vi.

— Sparkles parece incrível, — digo a Yasmin quando Poppi termina o último fio de luz. — Só falta uma hora para os convidados começarem a chegar. — E eu tenho que verificar a comida. — Com licença. — Eu vou em direção à cozinha.

Ellis coloca um enroladinho de salsicha em sua boca enquanto entro. — Você sabe que tudo isso é ridículo, certo?

— O que é? Meu trabalho?

Ele arqueia uma sobrancelha. — Não, o fato de que eles podem gastar dinheiro com isso, mas não podem pagar as dívidas de jogo do meu velho.

Meu coração parte um pouco por Ellis. — Eu sei. Eu sinto muito.

Ele encolhe os ombros, parecendo delicioso em sua camisa preta e calça jeans preta. — O que você pode fazer, certo? — Ele é tão otimista que deveria ser ilegal.

— Sim. — Embora eu saiba o que posso fazer. Posso garantir que Ellis receba o dinheiro que Henry entregar para que possam salvar a cervejaria. — Eu só preciso verificar algumas coisas. — Saio correndo da cozinha antes de contar a Ellis tudo o que estou planejando.

Eu sei, é todo tipo de merda em um mundo de loucura. Por que a vida não pode ser fácil?

Ha. Claro, isso nunca pode acontecer. Finalmente encontro alguém com quem poderia passar o resto da minha vida e isso acontece. Não se detenha em — e se— , digo a mim mesma.

Assim que saio da cozinha, corro com força uma parede de tijolos. — Oh, Henry, — eu digo, dando um passo para trás e arrumando meu cabelo. — Eu não vi você aí.

— Kiki, eu estava apenas parando para ver como estava o nosso pequeno acordo. — Ele sorri com um sorriso parecido com o diabo, e eu gostaria de poder dar um tapa em seu rosto.

Eu não quero dizer a ele que ele ganhou, mas ele ganhou. Eu faria qualquer coisa por Ellis.

Capítulo Vinte e quatro

Ellis

NUNCA PARE DE PERSEGUIR...

DEVERIA eu ser feliz por dois cães se casarem? Normalmente, claro. Adoro um bom casamento de cães como qualquer um. Mas hoje, meu humor está descontrolado.

Não acredito no meu pai, dando uma festa luxuosa para todos os seus amigos da socialite e seus filhotes. Este lugar parece um chão de poodle. Acho que nunca vi tantos poodles com laços cor de rosa em seus cabelos durante toda a minha vida.

Ora, eu sei que não.

Esta não é a minha cena.

De volta para casa em Atlanta, sou apenas um cara normal. Eu não me divirto. E definitivamente não vestiria meu cachorro, se tivesse um.

E depois de conhecer Kiki, eu realmente quero um. Há muita coisa que percebo da minha vida que estava faltando antes. Desde que a conheci, percebi que estava levando uma vida vazia e sem sentido.

Os convidados chegam e me sento ao lado de Henry. Ele está um pouco mais arrogante hoje, se você pode acreditar nisso. Como se estivesse em um pequeno segredo que eu não conheço. Espero que seja sobre dinheiro. — Você recebeu os números de projeção que enviei por e-mail ontem à noite, certo? — Eu sussurro para ele antes da cerimônia acontecer.

Ele concorda. — Perfeito. Eu amo tudo isso.

Eu me encho de orgulho, conhecendo todo o meu trabalho árduo e bem, as grandes ideias de Kiki, estarão em breve se concretizando.

Yasmin chama Sparkles, e o cachorro corre pelo corredor. Eu posso ter revirado os olhos quando Sparkles se senta perfeitamente no estrado como fez isso todos os dias. Quem sabe, eu podia ver Yasmin fazendo isso diariamente com seus cães.

Toda a multidão faz ooh e ahh quando são pronunciados marido e mulher por Kiki. Embora não consiga ficar por trás deste casamento de cães em particular, definitivamente posso ficar atrás de Kiki. Tira a mente da sarjeta. Mas eu faria isso também.

Ela tem um cérebro rico de ideias e sou o sortudo filho da puta com quem ela as compartilha. Sou o homem de sorte que chega perto de todo o seu gênio. Toda a sua pura grandiosidade. Sério, ela está mudando a vida.

Tenho pensado muito. E estou pronto para arrancar toda a minha vida para estar com essa mulher. Enquanto sento aqui e a observo, longos cabelos castanhos fluindo na brisa, seu vestido azul com tiras acentuando todas as curvas sexy que sei que ela tem, e um sorriso para iluminar toda a noite encantada. Essa garota é como sorvete em um dia sombrio. Pedaços de chocolate com menta, para ser exato.

Nunca estive apaixonado, mas isso é quase o mais próximo que já estive disso. E olhando para ela agora, enquanto tenta ajudar dois cães a voltarem pelo corredor, percebo que já me apaixonei tanto por ela que não há como escapar.

Ela toca meu ombro enquanto passa pelo corredor e isso envia uma onda de choque através de mim. E sem sombra de dúvida, eu sei que quero tudo isso com ela. Vida. Amor. Casamento. Inferno, até mesmo um feliz para sempre.

***

APÓS A FESTA DO casamento estamos cansados. Agora imagine isso dez vezes. Sim, para um casamento de cachorro. Como se isso fosse insanidade, e todo o quintal de meu pai se transformou em uma boate com luzes estroboscópicas e uma pista de dança.

Urban e Henry me envolvem em uma conversa a maior parte da noite, enquanto eu fico olhando para Kiki toda vez que ela passa.

E juro que ela tira o meu fôlego cada vez que sorri. Eu me pergunto se aquela sensação de águias que se aglomeram no meu peito alguma vez desaparecerá quando eu olho para ela.

Ela e suas amigas estão ocupadas mantendo os alimentos estocados e as bebidas cheias, e só quero pegar a mão dela e levá-la de volta ao meu hotel mais do que qualquer coisa no mundo.

Mas eu jogo.

Socializo com Henry porque precisamos da empresa dele. Rindo de todas as suas piadas pomposas. Seus comentários maliciosos.

Cara, esse cara é mesmo um idiota.

Como nunca tinha notado antes?

Digo a algumas pessoas sobre a cerveja para cães que lançaremos em apenas alguns meses. A quantidade de interesse é insana, e estou animado para contar a Kiki.

Um tempo depois, me vejo em pé sozinho, olhando para a festa como um espectador que não quer chegar muito perto.

— Ótima festa, não é? — Meu pai pergunta, se aproximando de mim. Ele olha para a água, segurando o charuto longe da boca. — Quer um? — Ele segura outro na mão, e eu pego.

— Ótima festa. — E só porque uma ótima garota orquestrou.

Ele me entrega o cortador de charutos e eu corto a ponta. — Deixe-me acender isso para você. — Ele acende um isqueiro, e eu respiro o sabor doce de carvalho e castanha.

Ficamos quietos juntos, chupando nossos charutos e olhando para as águas calmas do Intracoastal. Há tantas coisas que preciso dizer a ele, mas não consigo reunir uma única palavra. Tem sido muito tempo. A animosidade tornou-se algo irreconhecível, até para mim.

Isso me devora, deixando nada além de paus e ossos, e eu tento com tudo o que posso pegar as peças e trabalhar com a loucura em minha mente.

Meu pai é um cara mau? Absolutamente. Mas, talvez partes de mim tenham sido fechadas para a ideia de uma reunião saudável por tantos anos.

Talvez ele esteja certo sobre o ódio não ser o oposto do amor. Talvez eu esteja crescendo, e precise colocar a animosidade no passado. Minha mãe fez. Por que não posso?

— Kiki é uma ótima garota, — diz ele, quebrando uma barreira para tentar estender o menor de um ramo de oliveira em meu caminho.

— Sim, ela é definitivamente algo mais. — Eu ri um pouco com o pensamento de Kiki dançando e cantando.

— Segure uma garota como ela.

— Como você segurou a mamãe? — Os punhais não podem mais ser contidos.

— Agora, o que aconteceu entre mim e sua mãe foi há muito tempo. Pedi desculpas e ela me perdoou, por que você não pode?

— Porque você nunca se desculpou comigo.

Ele não diz nada por um tempo, antes de sussurrar: — Eu nunca percebi que você também esperava um pedido de desculpas.

— Eu não esperava um, pai, — eu me viro para encará-lo, — eu mereço um.

Ele pisca para mim.

— Bela festa. Quanto é que este te custou? Você sabe que precisamos de dinheiro para esses projetos, certo? Talvez se você apenas fizesse algo de que pudesse se orgulhar em toda a sua maldita vida. — Afasto-me, incapaz de encará-lo por mais um segundo, a luz da lua me aproximando das ondas. Apago o charuto e o coloco ao lado dos meus sapatos. Talvez a areia macia entre os dedos dos pés ajude.

— Eu estava procurando por você. — Kiki caminha atrás de mim, tirando os sapatos. — Está tudo bem?

Respiro fundo o ar frio e solto suavemente. — Sim, apenas meu pai. — Eu me viro para encará-la enquanto ela mergulha os dedos dos pés na água. — É como essa festa, por exemplo, ele pode financiar isso, mas não pode pagar de volta o empréstimo que a Bearded Goat lhe deu.

— Eu sei.

— Como se eu não soubesse onde está a cabeça dele. — Olho por cima do ombro para as luzes da festa, não parando tão cedo. — É como se as prioridades dele fossem tão distorcidas.

— Você falou com ele sobre isso?

Enfio minhas mãos nos bolsos. — Sim, Urban e eu tentamos. Ele não se importa.

— Bem, você tem Henry. Então, tudo vai dar certo.

— Sim, graças a Deus que temos Henry.

Os olhos de Kiki ficam sérios e eu tiro uma mão do meu bolso para deslizar para trás uma mecha de cabelo castanho flutuando em seu rosto. Enfio-o atrás da orelha e continuo um caminho por sua bochecha. Tão fodidamente suave.

— Eu preciso te dizer uma coisa, Ellis.

— Você está bem?

Ela balança a cabeça, afastando minha mão do rosto. — Não, escute. Eu acho que você é uma ótima pessoa. — Oh não. — Mas eu não posso fazer isso. Não há futuro para nós. E mesmo que houvesse, não posso estar com você.

Isso é do nada. — Eu pensei que estávamos nos dando tão bem.

— Sinto muito, Ellis. — E ela foge de mim, de volta à festa. E não se preocupe, eu corro logo atrás dela quando peguei meus sapatos. Eu não sou um idiota.

No minuto em que volto para a festa, está alto, caótico, muitas luzes brilhantes e cores brilhantes, e pessoas por toda parte, bloqueando minha visão. Eu empurro um estranho para fora do meu caminho, me desculpando baixinho enquanto empurro outro. O nível de ruído aumentou e Kiki está longe de ser vista. Eu examino a multidão, fazendo o meu caminho através deles o melhor que posso enquanto tento encontrá-la.

Tudo tinha sido como um sonho. Foi tudo unilateral? Eu acho que não, não, eu sei. É real. E Kiki também sente isso.

Vejo Poppi e vou na direção dela. — Você viu Kiki?

Ela parece perdida e balança a cabeça. — Eu acho que ela acabou de sair. Está tudo bem?

— Não, não está. — E eu fujo. Depois da mulher pela qual sei com certeza que me apaixonei.

Capítulo Vinte e cinco

Kiki

NUNCA CONFIE EM SI MESMO...

AQUILO FOI A COISA MAIS difícil que eu já fiz. E no momento em que Ellis correu atrás de mim, eu sabia que queria me virar, abraçá-lo e dizer que nunca mais o deixaria. Mas não pude. Eu não posso desistir.

Preciso que Henry cumpra com o fim do acordo e mandei-lhe uma mensagem antes de ligar minha van: ***está feito***.

Eu vou embora, sem muita certeza de onde estou indo, mas sei que não posso ir para casa. Não posso ir ao Spaw de cães. Não posso ir a lugar algum que Ellis possa me encontrar.

Eu preciso de um tempo longe. Eu preciso me curar.

Preciso chorar como uma louca.

Porque me afastei dele uma vez e não sei se o visse pudesse fazê-lo novamente. Na verdade, eu sei que não posso.

Então, vou para o único lugar que sei encontrar alguma paz. Casa da minha mãe.

Entro na entrada da casa dela e todas as luzes estão apagadas. Ugh. Espero não a acordar.

Subo o caminho de paralelepípedos que leva à sua porta da frente e uso minha chave para entrar. Estou tão quieta quanto um rato enquanto entro na cozinha para tentar encontrar vinho, ou qualquer coisa que ajude a aliviar a dor de perder Ellis.

Vinho combina bem com sorvete, não é? Abro a geladeira e a luz da cozinha acende.

— O que você está fazendo aqui? Quase liguei para a polícia. — Minha mãe diz, parecendo um pouco frenética enquanto segura uma frigideira.

— Por que você ligaria para a polícia? — Pego o vinho na geladeira e fecho a porta.

— Eu pensei que você fosse um intruso. — Ela olha para o relógio. — O que você está fazendo aqui tão tarde?

Eu seguro a garrafa, meus olhos lacrimejando. — Eu preciso de vinho. — Vou para o balcão, tentando o meu melhor para não desmoronar completamente. — Quer um pouco?

Minha mãe pousa a frigideira e se aproxima. — Claro, por que não. — Eu rio um pouco, o humor impedindo que as lágrimas caiam mais rápido.

— Aqui, deixe-me. — Minha mãe pega a garrafa de vinho das minhas mãos e abre uma gaveta. — Sente-se à mesa da cozinha e eu trarei alguns.

Eu concordo. A maioria das pessoas gostam de chocolate. Eu, costumo comer sorvete. Na maioria das vezes eu ligo para as meninas e assistimos filmes, mas não desta vez. Desta vez, parece mais catastrófico e as únicas coisas que uma garota precisa em tempos como esses são a mãe e o vinho. Observo cada movimento de minha mãe em sua longa túnica rosa, desarrolhando a garrafa e servindo um copo para nós duas. Eu sou o produto do divórcio e não vejo meu pai com muita frequência. Mas, digamos que ele perdeu minha mãe por perto.

Ela tem um jeito de se acalmar e aliviar, mesmo sem dizer uma palavra. Eu sei que no passado ela foi dura comigo em me casar, mas tudo faz parte de quem ela é. Uma mulher confiante e competitiva.

Ela coloca o copo de vinho na minha frente, e eu o pego e tomo um gole, deixando o sabor amanteigado encher minha língua do Chardonnay.

— Obrigada. — Eu quase bebi metade do meu copo, e minha mãe nem sequer tocou o dela.

— Dia difícil?

— O mais difícil. — Eu tomo outro grande gole. — Ellis e eu terminamos. — Não entro nos detalhes de Henry e ele me forçando a fazê-lo, principalmente porque é tarde e ainda não estou sentindo todos os efeitos do meu vinho.

Ela esfrega minhas costas. — Oh não, isso é horrível. Ele era um cara tão legal. — Eu amo o passado. Como se Ellis não fosse mais tão bom assim. Como se fosse culpa dele, não estarmos mais juntos.

A primeira lágrima cai, só de pensar em como ele é ótimo. — Simplesmente nunca teria funcionado. Ele mora lá, eu moro aqui.

Minha mãe para de esfregar minhas costas e pega seu copo de vinho, tomando um pequeno gole. — Bem, você está certa, esta foi uma noite difícil.

Eu ri um pouco através das lágrimas que estão caindo pesadamente agora. — Eu sei.

Minha mãe, abençoada seja, não diz nada, apenas me entrega uma caixa de lenços de papel e toma outro gole de vinho. Ficamos em silêncio por alguns minutos, e é exatamente o que eu preciso agora. Eu termino meu copo de vinho e minha mãe enche outro para mim.

— Kiki, você não precisa ter toda a sua vida planejada antes do tempo. Inferno. — Ela ri, — ainda estou descobrindo a minha pelo caminho. — Ela envolve os braços em volta de mim, me abraçando.

— Eu sei. Eu só queria descobrir as coisas com ele.

***

EU FICO NA CASA DA minha mãe e na manhã seguinte, sinto como se tivesse chorado um rio. Meus olhos estão inchados e pareço ter sido atropelada por um caminhão Mack, e também sinto isso.

— Bom dia, — minha mãe canta, cozinhando algo que cheira delicioso no fogão. — Espero que você esteja com fome.

Duvido que eu pudesse comer, mesmo que tudo pareça tão delicioso. Faço algum tipo de som inaudível e minha mãe o afasta.

— Você precisa de comida. — Ela coloca um prato na minha frente e eu sorrio para os ovos e bacon posicionados em um rosto sorridente para mim.

— Mãe, você sabe que não tenho mais cinco anos, certo?

Ela sorri, inclinando-se para beijar minha bochecha. — Eu posso estragar meu bebê a qualquer momento que ela estiver aqui.

É sempre bom voltar para casa, lembrar de onde você veio. Claro, eu sei que minha mãe não mora muito longe, mas eu não chego em casa tanto quanto deveria. E esse pensamento me entristece.

— O que você está fazendo hoje? — Eu pergunto a minha mãe. Ela encolhe os ombros.

— Realmente não criei nada. Você?

— Eu preciso ir ao Atwood's para coletar todas as decorações e garantir que tudo deu certo. — Sair bem no meio da festa que eu estava dando provavelmente não foi a melhor ideia. Mas, a festa estava acabando, e espero que não me culpem por isso. — Eu deveria me arrumar. — Dou uma mordida nos ovos e tento o meu melhor para reunir a coragem de enfrentá-los.

Não tanto do Atwood, mas Ellis. Espero que ele não esteja lá.

Como eu disse, uma vez que o dinheiro é tratado, e o acordo termina, sei que Ellis estará de volta no primeiro voo para a Geórgia. É triste, claro, mas é o melhor.

Agora a cervejaria deles terá os produtos que ajudei a criar. Agora, todos os cães na América (ok, no Sudeste, até que se expandam) podem ter um tratamento saudável para cães. Esse pensamento me faz sorrir.

— Você quer que eu vá com você? — Eu amo minha mãe.

— Não, vai ficar tudo bem. Eu sou uma garota grande. — Mesmo que eu não sinta vontade agora.

Capítulo Vinte e seis

Kiki

NUNCA CONFIE NA PROPAGANDA...

— O QUE EXATAMENTE É ISSO? — Eu pergunto, esfregando o torcicolo no pescoço por dormir no meu carro. Sim, você ouviu direito. Eu dormi no meu carro enquanto esperava do lado de fora da casa de Kiki, na mera esperança de vê-la e tentar entender por que ela disse as palavras que disse.

Ela está certa?

Essa coisa toda está indo a lugar nenhum? Minha vida é em Atlanta, mas sei que ela também é a minha vida agora.

Meu irmão chama minha atenção quando clica no e-mail. — Chegou esta manhã. Dos Irmãos e Associados Wright. Dizem que não têm nada a ver conosco.

Eu dou um soco na mesa. — O que isso significa? Henry nos enganou?

Urban clica no mouse, tentando sair do e-mail para ver se há mais alguma coisa explicando o que está acontecendo em sua caixa de entrada. — Enviei um e-mail para a empresa deles há alguns dias,

apenas para garantir que tudo estivesse nos eixos e pronto para avançar. Sabe, porque eu estava cansado de Henry não se comprometer com nada real.

— Correto. — Sempre que eu ou Urban pedíamos números e imagens a Henry, ele sempre ria e deixava de lado.

Agora vejo que fomos levados para ... o que exatamente? — Não faz sentido.

— Eu sei. Não assinamos nenhuma papelada. Nós não demos nada a ele. Então, não tenho muita certeza do que está acontecendo. — Urban fica de pé na cadeira. — Eu estou indo para lá.

— Bem, eu vou com você.

Entramos no SUV preto de Urban e seguimos para o centro, para a Wright Brothers Investment Firm. Se alguém pode pôr um fim a todas as idas e vindas que parece nunca conseguirmos obter respostas, alguém lá pode. Agora que estou pensando sobre isso, Henry está dando as ordens e certificando-se de que ninguém sabe para que lado é para cima ou para baixo.

— Aquele homem com certeza fala muito bem. — Eu olho para o meu irmão, me perguntando se ele está percebendo o que eu estou.

— Sim, como um vigarista.

O tipo de homem que faz você concordar com qualquer coisa que ele está pedindo. Uma parte de mim se pergunta se é por isso que Kiki disse sim à sua proposta. Afasto esse pensamento tão rapidamente quanto veio. Henry é um jogador, da pior maneira possível.

Não é como Urban brinca com as mulheres, mas com um tipo diferente de jogador. Um usuário. Um tipo que faz você acreditar em cada palavra que sai da boca dele. Como, sim, ele tem o dinheiro para apoiar todos os projetos que precisamos para concluir. — Somos estúpidos por acreditar nesse cara? Pergunto-lhe.

Ele balança a cabeça enquanto acelera pelas ruas. Como se quanto mais rápido ele for, mais a verdade não vai doer. — Não, ele tinha o cartão. Eu tinha ouvido falar dos irmãos Wright. Ele disse todas as coisas certas. Por que não acreditarmos nele?

— E nós o conhecemos há anos, — eu digo, relaxando um pouco. Isso deve ser um erro. Henry nunca faria isso.

— Exatamente.

— Sim, ele fez tudo certo, exceto emitir o cheque. — E isso me preocupa.

Eu sei que Urban e eu tenho a mesma coisa em mente. É melhor que o e-mail seja falso. É melhor que a empresa não seja uma farsa, e é melhor que a bunda de Henry esteja lá quando chegarmos.

— Talvez você deva ligar para ele, — diz Urban.

— Não, ele vai nos convencer a não ir lá hoje.

Urban assente, puxando o SUV para o estacionamento da empresa. Nós dois voamos para fora, andando o mais rápido que podemos, sem correr. Para piorar, continuo checando meu telefone como um adolescente para ver se perdi uma ligação de Kiki. E não.

Atravessamos as portas como assaltantes de bancos prontos para a ação, embora não estejamos aqui para receber dinheiro, mas para encontrar o dinheiro que nos foi prometido.

— Posso ajudá-los, — diz uma loira peituda na entrada.

— Estamos aqui para ver o Sr. Wright. — Meu irmão sorri para mim, como se não tivesse certeza se o nome é apenas uma fachada, ou se realmente há dois irmãos, sobrenome Wright, executando toda a operação.

— Você tem um horário marcado?

Antes que possamos responder, nós dois vemos Henry saindo do elevador. — Henry, — eu corro até ele, Urban logo atrás de mim, e a recepcionista logo atrás dele.

— Senhores, vou ter que marcar um horário. — Ela corre atrás de nós, tentando o seu melhor para parar o nosso progresso.

Henry se vira, seus olhos se arregalando para o tamanho de toranjas, ok, talvez não tão grande, e ele gagueja sobre suas palavras: — Ellis, Urban, o que vocês estão fazendo aqui? — Ele verifica o telefone, muito provavelmente para ver se ligamos antes de passar por aqui.

Outro homem sai de seu escritório e se aproxima. — Henry, o que está acontecendo aqui?

Eu já posso ver toda esta cena aumentando, e eu assumo o comando. — Desculpe, senhor, — eu aperto a mão dele, — somos clientes de Henry e estamos apenas procurando um encontro com ele para discutir alguns números.

O homem parece totalmente confuso, como se alguém tivesse perdido o gato. — Clientes de Henry?

— Somos os proprietários da Bearded Goat Brewery e trabalhamos ao lado de Henry em um próximo projeto que precisa de financiamento, — explicou.

— Vamos lá para fora, — implora Henry, agarrando meu braço e tentando nos levar embora. O homem mais velho balança a cabeça.

— Mas Henry não é um executivo. Ele trabalha na sala de correspondência.

Este velho deve estar fora de controle, com certeza. — Não, ele está bem aqui. Em um terno. — Caras da correspondência não usam ternos, usam? Não, não que eu já tenha visto.

O homem ri. — Ele está sempre vestindo ternos. Faz parte do charme dele. — O homem estende a mão. — Sou o Sr. Wright. Eu sou um dos proprietários aqui.

Aperto a mão dele, porque se não o fizer, usarei essa mão para dar um soco em Henry. — Prazer em conhecê-lo, senhor. — E então Urban aperta a mão dele, apresentando a nós dois.

Não consigo parar de encarar Henry, tentando o meu melhor para descobrir o que exatamente está acontecendo. Sala de correspondência?

— Sinto muito pela confusão, senhores, mas marque uma entrevista com Charlene. Eu adoraria discutir sua cervejaria com você.

Aperto a mão dele novamente, agradecendo.

Urban chega à mesa de Charlene enquanto eu saio com Henry.

— Deixe-me explicar. — Ele levanta as mãos em uma pose de rendição simulada. — Eu planejei apoiar vocês. Planejei. Pensei que, se trouxesse suas ideias para o meu chefe, isso nos ajudaria. Você receberia seu dinheiro, eu receberia minha promoção.

Balanço a cabeça. — Henry, isso não é um jogo. Confiamos em você e você nos decepcionou.

— Kiki te contou? É por isso que você está aqui?

— Contou-me o que? — Kiki sabia que esse homem era um saco mentiroso de merda?

— Sobre o nosso acordo.

— Qual acordo? — Chego mais perto de Henry e ele dá um passo atrás.

Urban sai do prédio e fica ao meu lado. — O que ele está dizendo?

— Diz que Kiki e ele tinham algum tipo de acordo em andamento. — Estou pronto para dar um jeito nesse cara, mas não sou idiota. Eu também não sou adolescente e posso controlar minha raiva. Eu sei que você dá um soco em alguém e está custando uma vida inteira de arrependimento. Possível prisão. Sendo processado, e Henry parece o tipo de processar alguém por esse tipo de coisa. Então, eu resisto, mesmo que seja tão bom pra caralho.

— Comece a falar, — diz Urban, cruzando os braços sobre o peito.

— Bem, como eu estava dizendo a ela que gosto de vencer, — Urban e eu trocamos um olhar, — e bem, prefiro não estar

trabalhando com alguém que está namorando minha ex. Então, tudo se resolve agora.

Eu vejo chamas.

Esse cara está drogado?

— Mas nós não estamos trabalhando juntos, — diz Urban. — Você trabalha na sala da correspondência.

Respiro fundo, para controlar a raiva que percorre minhas veias em um ritmo muito rápido. — Você disse a Kiki para terminar comigo?

— Não em tantas palavras.

Eu me aproximo e Henry se afasta como um porquinho assustado. — Olha, eu não ligo para Kiki. Apenas fale com meu chefe, por favor. — E agora ele está reduzido a implorar.

— Você é um saco de merda.

Urban e eu vamos embora, não querendo ter nada a ver com Henry ou sua firma.

— Ainda poderíamos nos encontrar com os investidores, — diz Urban, voltando à cervejaria.

Eu dou de ombros. — Não há realmente nenhum sentido. — E talvez me sinta melhor em alguns dias, mas agora minha mente está apenas em uma coisa. Kiki.

E Kiki sozinha.

— Eu tenho algo para lidar quando voltar. O que você vai fazer? — Eu pergunto ao Urban.

— Papai queria nos ver. Você quer vê-lo primeiro?

Claro que não. Mas é claro que sim. — Certo.

E depois, eu estou correndo para Kiki.

A pé, se for preciso.

Para arrumar toda essa bagunça.

Capítulo Vinte e sete

Kiki

NUNCA CONFIE EM SEUS AMIGOS...

TEM SIDO TRÊS DIAS INTEIROS desde a última vez que vi Ellis, e tenho certeza que agora ele está de volta a Atlanta vivendo sua melhor vida de solteiro. Eu estive em um casulo que consiste em trabalho, sorvete e observação de compulsões Outlander na Netflix. Dizer que raramente vi o exterior é um eufemismo.

Hoje, porém, Lola mais uma vez conseguiu me tirar de minha própria fortaleza de solidão e me lançar ao mundo em outra escapada de fitness. Faço isso porque a amo.

Na verdade, eu faço isso porque ela ameaçou que, se não o fizesse, ela publicaria o vídeo do meu karaokê cantando em seu blog, com mais de um milhão de visualizações.

Eu não preciso desse nível de humilhação agora. Ela diz que eu não sou a melhor cantora, mas para mim ... eu sou Adele.

Não, eu sou Celine Dion. Bem, eu sou quem está cantando a música que estou ouvindo e soo como eles. Confie em mim, eu canto bem na tecla. (Qual é a chave, não faço ideia.)

— O que estamos fazendo hoje? Bungee jumping enquanto faz Pilates no ar?

Lola sorri. — Não, mas é uma ótima ideia. — Ela espera Poppi se juntar a nós antes de nos dizer o que faremos na pequena desventura de hoje em se exercitar. — Hoje estamos fazendo um simples karaokê cantando e delirando.

— Não sei se posso realmente me movimentar hoje. — Eu simplesmente não tenho energia para cantar e dançar.

— Eu sei que você está um pouco triste, mas confie em mim. — Poppi pisca. — Você precisa disso hoje.

Eu reviro meus olhos. — Tudo bem, mas apenas porque eu sei que vocês amam meus movimentos de dança assassinos.

Poppi e Lola tentam não rir quando entramos no estúdio de dança. É maior do que o esperado com um palco próximo à frente da sala. Há uma máquina de karaokê e microfone no palco, e eu coloco minha garrafa de água e toalha no fundo da sala ao lado da de Poppi.

Lola se estica. — Isso vai ser ótimo. E preciso garantir que recebo muitas imagens boas para o meu blog. — Ela pega o iPhone e o prepara.

O instrutor entra com um sorriso largo. — Todo mundo pronto para fazer uma jogada e começar a cantar? — Por que todo instrutor de fitness é tão cheio de energia?

São sete da manhã, pessoal.

Faço um pouco de alongamento e me apronto para dançar. Adoro dançar, mesmo que as pessoas pensem que eu não danço bem. Eu sei a verdade, eles são apenas invejosos.

— Vamos nos mexer, — o instrutor chama.

Lola e Poppi correm para entrar na pista de dança, e eu sigo de perto. — Aquele é Bon Jovi? — Pergunto a Poppi quando as notas iniciais de *Living On A Prayer* toca nos alto-falantes. E então eu o vejo, Ellis, passeando pelo palco até que ele esteja na frente do microfone.

Ele canta a letra inicial: — *Once upon a time not so long ago*.

Sorrio, mantendo meus olhos nele enquanto ele corre para a próxima linha. E deixe-me dizer algo agora ... este homem pode não cantar. Como oh meu deus, ruim.

Ele não sabe cantar para salvar a vida. E é uma porra de um amor.

Todo mundo aplaude. É claro que sim, porque é o que se faz quando um homem lindo sobe ao palco e canta seu coração sempre amoroso para a mulher que ele quer.

E oh meu deus, essa mulher sou eu.

Calafrios surgem na minha pele enquanto ele continua cantando, dobrando os joelhos para obter a quantidade certa de angústia em cada nota.

Ele até canta a letra errada: — *It doesn't make a difference if we're naked or not*. — Ele aponta para mim, me chamando para o palco com ele. Eu rio, balançando a cabeça para frente e para trás.

— Faça isso. Vá. — Poppi diz, me empurrando para mais perto do palco.

O instrutor me entrega um microfone enquanto me aproximo dele. Não consigo parar de sorrir. Eu leio as palavras na tela, cantando a próxima linha: — *Woah, livin' on a prayer.*

Poppi e Lola aplaudem quando o rosto de Ellis explode em um sorriso. E então ele e eu cantamos o resto da música juntos, e eu tenho que dizer... eu pareço com o Bon Jovi.

***

— BEM, VOCÊS TÊM UMA COISA EM COMUM, — diz Poppi após o término da aula. — Nenhum de vocês pode dançar, ou cantar que valha a pena.

Ellis me envolve em seus braços. — Eu canto muito bem. É esta aqui, — ele me aconchega mais perto, — que estava acabando com meu ritmo.

Eu ri. — Nunca.

Acenamos para Lola e Poppi e me viro para encará-lo. — Como você sabia que eu estava aqui?

— Liguei para o Spaw e conversei com Poppi. Disse a ela tudo sobre o que Henry fez, e ela me disse que você estaria aqui.

— Sinto muito pelo Henry. Eu deveria ter dito a ele para se foder, mas não poderia ser a razão pela qual você perderia a cervejaria.

Ellis me estuda por um momento. — Nós não vamos perdê-la. Mas, falaremos mais sobre isso depois. E, entenda, não é por causa de Henry. — Ele se aproxima. — Você sabia que Henry era um mensageiro?

— Um o quê?

— Sim, ele nem era investidor na empresa. Ele trabalha na sala de correspondência.

Não acredito nos meus ouvidos. — De jeito nenhum. — Agora me sinto ainda pior. — Sinto muito por ter caído nas suas besteiras.

Ellis coloca as mãos nos meus quadris. — Está tudo bem. Ele também nos enganou. Ele é um desses tipos de caras. O tipo que pode vender gelo a um esquimó. É uma ótima qualidade de ter. Ele simplesmente não usa muito bem.

Eu concordo. — Eu que o diga. — E penso no meu relacionamento com Henry. Foi tudo uma grande manipulação?

Não importa agora, porque aqui e agora, eu tenho o homem. Eu tenho o que eu sempre quis.

E mesmo que não tenhamos todas as respostas, sei que juntos podemos fazer com que tudo dê certo.

Eles dizem: nunca beije um estranho ..., mas nunca diga nunca.

Epílogo

Kiki

NUNCA TOME A VIDA COMO CERTA...

AGORA ISSO É algo que realmente posso concordar. Eu sabia que reconquistaria Kiki no momento em que ela se afastasse de mim. Simplesmente não sabia o quando ou como.

Sabia que ela precisava de tempo. O que não sabia na época era que Henry a forçara a não namorar comigo.

Ele encheu sua cabeça de mentiras, e ela caiu na isca. Mas não posso dizer que a culpo. Para salvar sua empresa, provavelmente também o faria.

Porque não há nada que eu não faria por essa mulher.

A cervejaria está finalmente se transformando e os novos produtos estão sendo bem recebidos. Veja, há algo que eu nunca pensei que iria acontecer. Como nunca em um milhão de anos, acho que o velho venderia quase tudo o que possui para financiar sua própria cervejaria e ajudar seus filhos a se reerguerem.

Escute, eu não disse que perdoei o homem, mas estou chegando mais perto. Como se o ramo de oliveira estivesse se aproximando, e talvez um dia em breve eu atenda.

Eu posso dizer uma coisa, o homem com certeza está se esforçando. E talvez eu tenha sido um pouco duro com ele.

Sim, depois que eu cantei meu coração para recuperar a garota, nunca mais fui embora. É isso mesmo, você está olhando para o mais novo morador de Júpiter. Eu implorei para minha mãe descer também, mas ela estava feliz que eu estava me mudando, e disse que ela iria para o casamento e depois sorriu, como se soubesse que ia acontecer mais cedo do que eu pensava.

Como eu disse, não sou contra o casamento e, quando me casar, será com a gata mais gostosa do sul da Flórida.

Deixamos o escritório de distribuição em boas mãos em Atlanta, e eu pude descer num piscar de olhos.

O que é uma coisa boa, porque não sei se conseguiria sobreviver sem essa garota ao meu lado.

— Está pronto? — Kiki chama da sala de estar do meu novo condomínio.

— Quase. — Eu a encontro na porta, beijando sua bochecha porque eu posso. — O que devemos cantar hoje à noite? — Sim, Kiki e

eu nos tornamos bastante aficionados por karaokê. De fato, conseguimos transformar uma multidão em um frenesi com nossos movimentos de dança quentes e vocais matadores.

***

DEPOIS DO CLUBE**,** seguro a mão dela no estacionamento, levando-a para o meu carro. Antes que ela entre, envolvo meus braços em torno dela, dobrando-a no meu peito e beijando-a, deixando minha língua explorar a dela.

Eu estou ostentando o maior pau duro da história agora e tudo graças à pequena roupa que ela vestiu. Isso acentua todas as coisas certas. Pernas. Seios. Bunda.

Ela abre a porta dos fundos e me puxa para dentro com um gemido. Sua doce pele com cheiro de coco me faz querer ir mais longe. Para as partes do corpo dela que anseio. Partes com as quais sonhei o dia inteiro enquanto trabalhava.

Porque tudo o que estou desejando está sob o vestido dela. Está apertado no banco de trás, mas eu vou me virar. Deslizo pelo corpo dela e, quando chego às coxas, levanto o vestido com os dentes, até que ele se levante. Encontrei seu sutiã de renda branca enquanto deslizava meus dedos em suas costas para soltá-lo.

— Uau. Isso foi impressionante. — Ela diz enquanto eu tiro o sutiã.

— Não é a única coisa em que sou bom, confie em mim.

Ela ri uma risada suave, e eu estou apaixonado pelo inchaço dos seios e pelos mamilos rosados me implorando para prová-los na escuridão.

E eu provo. Chupo um na minha boca, deixando minha língua correr sobre seu mamilo duro enquanto minha mão massageia o outro.

Eu a quero, porra. O fogo está aceso. Está queimando minha pele. Me fazendo queimar por mais. Minha visão embaçada. Estou oscilando no limite.

Seu corpo sincroniza com o meu enquanto nos moemos. Eu preciso prová-la. Sua calcinha está úmida e, em seguida, sei que ela está fora, voando pelo ar.

É algum tipo de tortura requintada e sei que não aguento mais. Jogo a perna dela por cima do ombro e arrasto a língua pela pele macia para o que eu quero mais do que qualquer coisa.

Eu gemo, deixando o cheiro dela encher minhas narinas. Ela está tão molhada. E tão sordidamente apertada quando deslizo um dedo dentro dela. E depois outro.

Eu abaixo minha boca nela, chupando seu sabor doce e saboreando na minha língua. Suas mãos fazem túneis e caminhos no meu cabelo, e eu continuo lambendo e provando cada centímetro de sua boceta. Estou bêbado com ela. E não há aula de AA que eu possa fazer para que eu desista disso.

Eu alcanço minhas mãos e aperto sua bunda, segurando sua carne quente, meus dedos cavando.

— Oh Deus, Ellis, — ela grita, fazendo meu pau doer. Fazendo pulsar incontrolavelmente. Mas, não vou pensar no meu próprio lançamento agora.

Eu tenho coisas mais importantes a fazer.

— Você gosta quando eu chupo seu clitóris? — Eu faço a pergunta, mas sabendo muito bem que ela adora. Porque ela fica selvagem. Ela enlouquece de desejo.

Eu juro, essa garota faz coisas comigo.

Tudo desaparece quando Kiki desaba ao meu redor devido a seu orgasmo. Realmente é algo incrível, e eu memorizo o som.

Assim que ela se acalma, eu beijo seu estômago e olho em seus olhos, percebendo como logo após o orgasmo eles clarearam apenas uma sombra.

— Você é tão gostosa, — digo a ela.

— E você é tão meu, — diz ela de volta. E ela está dizendo a verdade.

Eu sou para sempre dela. Nunca em um milhão de anos eu acho que teria essa sorte, mas... nunca diga nunca.

MODERADORAS

KAMY B./ JESS E. / ANA R.

STAFF

LAW / ALLEXYA / ANGIE /GLAUCIA / BABY G. / BAD GIRL / ANNE